REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

MARÇO, 1890

Summario:

			Pag.
I.	TENDENCIAS GERAES DA PHILOSOPHIA NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX	Anthero de Quental	281
II.	O DISCIPULO	Moniz Barreto	307
III.	A PHILOSOPHIA DE TOLSTOI	Jayme de Magalhães Lima	329
IV.	OS FILHOS DE D. JOÃO I	Oliveira Martins	351
V.	AS MINAS DE SALOMÃO	Rider Haggard	373
VI.	CARTAS DE FRADIQUE MENDES (1.ª série)	Eça de Queiroz	382
VII.	A DICTADURA NO BRAZIL. Tratados diplomaticos e credito financeiro (Com dois mappas)	Frederico de S.	398

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Agentes em Paris:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
36 — Rue Lafayette — 36

Agentes em Londres:
AMEDÉE PRINCE ET Cie
10 — Coleman Street — 10

Agente em Leipzig:
KARL W. HIERSEMANN
2 — Königsstrasse — 2

Volume II. Numero 9.

Summario do numero de fevereiro

Tendencias geraes da philosophia na segunda metade do seculo XIX. . . . . ANTHERO DE QUENTAL.
A philosophia de Tolstoi . . . . . JAYME DE MAGALHÃES LIMA.
Os filhos de D. João I . . . . . OLIVEIRA MARTINS.
As minas de Salomão . . . . . RIDER HAGGARD.
Cartas de Fradique Mendes . . . . . EÇA DE QUEIROZ.
O Brazil (Fastos da dictadura). . . . . FREDERICO DE S.
Notas do mez . . . . . JOÃO GOMES.
Boletim bibliographico.

Novas publicações e acquisições

Adolpho Coelho

Questões da lingua portugueza. Segunda parte: Documentos em latim barbaro dos seculos VIII a XII — Textos portuguezes (1185 a 1211) — Foros de Castello Rodrigo — Prologo da traducção anonyma da Regra de S. Bento (sem data) — Cancioneiro de D. Affonso, o Sabio — Cancioneiro de D. Diniz — Poetas da época de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV — Livros de linhagens — Historia do testamento. 600

* * *

Album do trovador brazileiro. Collecção de modinhas, lundús, recitativos e canções. 300

Balzac

Physiologia do matrimonio, ou meditações de philosophia eclectica sobre a felicidade conjugal. Segunda edição. 2 vol. . . . . 1$000

Padre Berbiguier

Vida popular de S. Vicente de Paulo. 400

* * *

Bertoldo, Bertoldinho e Cacasseno. Aventuras divertidissimas do celebre e astucioso villão, simplicidades de seu filho e vida de seu neto. Com os retratos coloridos da familia Bertoldo. Cartonado. 500

* * *

Constituição politica do imperio do Brazil, seguida do acto addicional e lei de interpretação. Cartonado. 240

Padre F. C. Arruda

O grande dia approxima-se! ou cartas sobre a primeira communhão por um antigo missionario da America. Com uma bonita cartonagem. 400

Francisco Augusto Martins de Carvalho

Subsidios para a historia dos regimentos de infanteria e caçadores do exercito portuguez. 500

Jacob Bensabat

Novo methodo de leitura e traducção ingleza. Terceira edição. 500

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

TENDENCIAS GERAES

DA

PHILOSOPHIA

NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX [1]

III

Em face dos resultados positivos das sciencias, da constituição d'uma psychologia de orientação bem diversa da dos Escocezes e, sobretudo, do trabalho de exploração e sondagem intellectual do criticismo, que, depois de Kant, tomára uma actividade e direcção novas, o velho espiritualismo, ao qual sem desacato ousaremos chamar mythologico, não podia manter-se. O seu dualismo, renovado de Descartes, tornára-se, no tocante á sua concepção da materia, insustentavel perante a physica moderna: no outro pólo d'esse dualismo, o seu Deus real e pessoal, abalado pelas sciencias da natureza, cahia ás mãos do criticismo, que não podia vêr n'elle mais do que uma idéa pura — a «categoria do ideal», segundo Kant — e o typo da vida espiritual. A mesma analyse despojava a alma d'aquella personalidade realista, com que só a imaginação primitiva a dotára, e que os espiritualistas apenas subtilisavam e refinavam, mantendo-a no fundo, quando definiam a alma como uma substancia

[1] Continuado da pag. 171, do numero de fevereiro.

sui generis, um sêr espiritual opposto a um sêr material e só momentaneamente (e incomprehensivelmente) a elle ligado. O criticismo, porém, assim como a nova psychologia não podiam vêr na alma essa substancia de natureza excepcionalissima e todavia real, mas apenas a unidade, quando não simplesmente a somma dos factos intimos da consciencia. O influxo do Kantismo é bem sensivel em todo este processo de dissolução do velho espiritualismo. É o seu subjectivismo e a sua inexoravel analyse que deitam abaixo, como pulverisado, o realismo dogmatico em que se apoiavam as *substancias* e os *principios* dos novos escolasticos. Todas essas entidades phantasticas são reduzidas a um facto unico, a uma unica realidade: a consciencia. Através da poeira de muitas discussões, creio que é este o resultado liquido da evolução da psychologia e do criticismo nos ultimos quarenta annos.

Desfeitos assim os mythos em que se consubstanciára, cahiu pois aniquilado o espiritualismo? Não cahiu. Soffreu uma crise profunda, mas sahiu d'ella renovado e mais sólido. A consciencia, que aquella nevoa mythologica obscurecia envolvendo-a, appareceu mais nitida: reduzida a um facto intimo, esse facto ficou inabalavel e soberano. A difficuldade capital, que surgia irresistivelmente da concepção realista da alma — a união incomprehensivel de duas substancias radicalmente diversas e a dependencia em que a alma está do organismo — essa difficuldade desappareceu com aquella personificação, que a gerára. N'este novo terreno, assim limpo da antiga vegetação parasita, a realidade e autonomia do espirito não offerecem já lado algum vulneravel, tanto faz ao scepticismo como ao materialismo. Ao scepticismo oppõe a nova doutrina espiritualista o testemunho da consciencia, e não precisa de mais. Ao materialismo oppõe a impossibilidade racional de fazer sahir da materia, não se diz já uma idéa ou uma volição, mas o facto de consciencia mais elementar, uma simples sensação. A accumulação de extensão não póde dar senão extensão: a accumulação de movimento não póde dar senão movimento. Do mesmo não se póde extrahir senão o mesmo, nunca o diverso. Ora, na mais

elementar sensação ha já implicada alguma coisa que não é a extensão nem o movimento, que não é, por conseguinte, materia. Assim pois, não só é impossivel extrahir da noção de materia (extensão e movimento) a noção de espirito, mas o mesmo ponto de partida do materialismo, a sensação, que elle toma confiadamente na sua fórma concreta, como se fosse um dado simples e irreductivel, presuppõe e envolve um estado mais intimo e profundo do sêr, presuppõe essa realidade de ordem e comprehensão superior, que é o espirito. N'este sentido, o materialismo póde dizer-se a confirmação e até o melhor argumento do espiritualismo.

Laplace, n'uma pagina justamente celebre do seu *Ensaio Philosophico sobre as probabilidades*, exprime-se assim: «Os acontecimentos actuaes têm, com os precedentes, uma ligação fundada sobre este principio evidente: coisa alguma póde começar de sêr, sem uma causa que a produza. Este axioma applica-se ás acções ainda as mais indifferentes. A vontade a mais livre não póde dar-lhes nascimento sem um motivo determinante; porquanto, sendo todas as circumstancias de duas posições exactamente as mesmas, se a vontade actuasse n'um caso e no outro se abstivesse de actuar, a sua determinação seria um effeito sem causa. A opinião contraria é uma illusão do espirito, que, perdendo de vista as razões fugitivas da determinação da vontade nas coisas indifferentes, acaba por se persuadir de que ella se determinou por si mesma e sem motivos. Devemos pois encarar o estado presente do universo como effeito do seu estado anterior e como a causa d'aquelle que se lhe ha de seguir. Uma intelligencia, que, n'um momento dado, conhecesse todas as forças que animam a natureza, e a situação respectiva dos sêres que a compõem, se além d'isso fosse assás poderosa para submetter esses dados á analyse, abrangeria na mesma formula os movimentos dos maiores corpos do universo e os dos atomos os mais tenues: nada para ella seria incerto, e futuro como passado seria a seus olhos presente. O espirito humano offerece na perfeição que conseguiu dar á astronomia um leve esboço d'esta intelligencia. As suas descobertas em meca-

nica e em geometria, conjuntamente com a da gravidade, tornaram-lhe possivel comprehender nas mesmas expressões analyticas os estados passados e futuros do systema do mundo. Applicando o mesmo methodo a outros objectos dos seus conhecimentos, conseguiu reduzir a leis geraes os phenomenos observados, e prevêr aquelles que em dadas circumstancias se devem produzir. Todos os seus esforços na pesquiza da verdade tendem a aproximal-o sem cessar da intelligencia que acabamos de conceber, mas da qual ficará sempre infinitamente afastado. Esta tendencia racional da especie humana é o que a torna superior aos animaes; e os seus progressos n'este genero distinguem as nações e os seculos e fundam a sua verdadeira gloria. »

O illustre mathematico e astronomo, definindo admiravelmente n'esta pagina o ideal e a mais alta potencia do conhecimento mecanico, marcou ao mesmo tempo, com não menor precisão, a natureza e os limites d'esse conhecimento. A intensidade, a direcção e o encadeamento das forças que n'um dado momento actuam no universo, eis tudo quanto o mecanismo sabe, ou antes, quanto póde aspirar a saber. Ora, n'essa prodigiosa cadeia de movimentos mathematicamente concatenados, o que o mecanismo ignora e ignorará sempre são as vontades, os pensamentos, os sentimentos, n'uma palavra, a actividade interna de todos esses sêres, elementares ou não elementares, arrastados no giro da causalidade mecanica. Porque cahiu esta pedra? Porque a sua energia passou do estado potencial ao de força viva. E porque passou? porque uma energia maior actuou sobre ella, desmanchando o equilibrio anterior. Mas que relação de verdadeira causalidade ha entre um facto e o outro? Porque actúa uma força sobre outra força? Porque gera um movimento outro movimento? Que mysteriosa influencia é essa dos elementos mecanicos uns sobre os outros? E essa mesma energia, origem dos movimentos, d'onde provém ella? Ha aqui um elemento fundamental e primordial — um facto intimo do sêr — que a mecanica presuppõe, mas que inteiramente desconhece. Desconhecendo-o, tem de ignorar eternamente a relação que

existe entre a natureza profunda dos sêres e essas energias reaes, cujo desenvolvimento as suas formulas comprehendem e avaliam rigorosamente, mas cuja origem absolutamente lhe escapa. Conhece pois a mecanica os movimentos, mas não a causa do movimento. Conhece as acções dos sêres, mas não a actividade interna que as produz. Conhece o universo como série de factos abstractos, não como série de realidades verdadeiramente substanciaes.

Ora, isso que a mecanica ignora — as verdadeiras causas, o sêr intimo e a realidade substancial das coisas — é justamente o que conhece a consciencia. E conhece-o, não pelo mundo, mas por si mesma, porque só n'ella reside a noção do que não é sensivel, mas que o sensivel presuppõe, só ella tem a percepção immediata d'esse *estrato* mais fundo do sêr, inaccessivel da região superficial da pura sensibilidade. O espirito, com effeito, não é já para a consciencia uma actividade obscura e indeterminada, percebida só por fóra, só nas suas relações exteriores, como méro movimento e resistencia, mas uma actividade que se percebe no intimo do seu proprio sêr, que mergulha nas profundezas da sua natureza e se possue na totalidade dos seus movimentos: é uma força consciente e na plenitude da sua realidade, a força typo. Na consciencia temos o sentimento claro e evidente de que a nossa verdadeira individualidade é essa energia simples, autonoma e espontanea: sentimos que em esphera alguma do seu sêr, ainda nas mais inferiores, em movimento algum do seu desenvolvimento, ainda nos mais elementares, o espirito é puramente passivo. A espontaneidade é a sua essencia, e ainda as impressões exteriores que o modificam, modificam-no segundo as suas mesmas leis: uma sensação é uma modificação da sua substancia, assim como uma idéa é uma modalidade d'essa substancia, assim como uma volição é uma determinação do seu mesmo sêr. O espirito percebe o universo, não adaptando-se a elle, mas adaptando-o a si. O universo, tal como elle se nos representa, é, no fundo, uma creação do espirito: se existe para nós, é porque o concebemos: apparece-nos, não reflectido na intelligencia, mas verdadeiramente visto n'ella. To-

dos os factos do universo accumulados não produzem uma idéa. Os factos são o ponto de partida das idéas, cuja virtualidade está no espirito: em si são inertes e inexpressivos. O que lhes dá a expressão e verdadeiro sêr é a intelligencia, em cujas categorias entram, fundidos pela elaboração mental, como em outros tantos moldes, ordenando-se n'ellas e por ellas. O conhecimento é pois um facto intimo e proprio do espirito, e o universo conhecido o producto da sua espontanea actividade. E assim como o espirito é espontaneo na esphera do conhecimento, não o é menos na da vontade. Determina-se esta em vista de motivos, mas não a determinam elles. Tem em si a raiz ultima das suas determinações. Ser causa é a propria essencia da vontade. Não ha volição, ainda a mais elementar, que seja absolutamente passiva: a determinação da vontade nunca é assimilavel á determinação mecanica, porque tem um fim, e esse fim (em ultima analyse) está n'ella mesma. Por detraz da determinação limitada está uma virtualidade illimitada. O sêr que alli momentaneamente se determina, obedecendo, dir-se-hia passivamente, a um motivo, é, em si, sempre identico comsigo mesmo, e não ha motivo algum, ainda no instante em que o determina, que o possa privar d'esta communicação constante com a parte espontanea e infinita da sua natureza e impedil-o de tender, seja por que caminho fôr, para a realisação do seu fim, que é a plena affirmação d'essa natureza infinita. Assim como na esphera das idéas, assim tambem n'esta da vontade o mundo objectivo não fornece ao espirito mais do que um ponto de partida e a occasião do seu espontaneo desenvolvimento.

O espirito é pois uma força espontanea: mas é, por cima d'isso, uma força consciente. É esse predicado que vem completar a sua plenitude e fazer d'elle a força typo. Conhecendo-se, possue-se na identidade fundamental de todos os seus momentos, vê-se na sua unidade e propõe a si mesmo o seu proprio fim. Este conhecer-se tem graus: é mais ou menos intimo: mas, ainda nos infimos graus, a unidade do espirito apparece já, encerrando o mais elementar a virtualidade do mais pleno. Fazendo-se toda a evolução do espirito dentro da sua propria na-

tureza e não sendo mais do que a gradual realisação de si mesmo em si mesmo, ha opposição entre as successivas espheras do seu desenvolvimento, nunca contradicção. É assim que o espirito, sem sahir de si, se cria e fecunda continuamente, compenetrando-se cada vez mais com a sua propria essencia, extrahindo d'ella, da sua infinita virtualidade, momentos cada vez mais complexos e ricos de sêr, até attingir a mais alta consciencia de si. Reconhece-se então identico com o *eu* absoluto e independente de toda a phenomenalidade: concebe Deus como o typo da sua mesma plenitude, concebe e sente a vida moral como a esphera da realisação d'esse ideal. A realisação d'esse ideal apparece-lhe agora como o seu fim ultimo, aquelle de que os fins anteriormente propostos, limitados e transitorios, eram só imagem e preparação. Este fim ultimo, porém, sendo immanente, confunde-se com a perfeição do seu mesmo sêr: na attracção d'elle reconhece a causa de toda a sua evolução, que só para realisal-o tendia. Pela realisação d'elle é livre — livre na medida exacta em que o realisa — porque, quanto mais o realisa, mais realisa a potencia e a perfeição do seu proprio sêr. Reunindo d'este modo na sua unidade, agora consciente, a causa e o fim, a sua autonomia é completa.

Assim pois, segundo o nosso espiritualismo, o espirito define-se como uma força autonoma, que se conhece na sua intima natureza, que é causa dos seus proprios factos e só ás suas proprias leis obedece, que a essas leis submette os factos objectivos e só assim lhes dá significação e realidade, que a si mesma determina o seu proprio fim, que existe em si e em si encontra a sua plenitude. Sendo a força autonoma, consciente e plena, é a força por excellencia, a força typo. O espiritualismo resolve-se pois n'um dynamismo psychico, assim como o materialismo da philosophia scientifica da natureza se resolvera n'um dynamismo mecanico.

Na simples aproximação d'estes dois termos: dynamismo mecanico e dynamismo psychico, estão indicadas ao mesmo tempo a posição actual do problema philosophico e a sua resolução. Se a synthese do pensamento moderno é possivel, não

póde ella realisar-se senão n'este terreno do dynamismo, que é justamente o da idéa moderna fundamental, a idéa de *força*. Partindo de pólos oppostos e seguindo cada qual as suas naturaes tendencias, sciencia e especulação vêm encontrar-se n'um mesmo ponto. Para uma como para a outra, o verdadeiro sêr, a causa e substancia d'este complicado mundo de apparencias é essencialmente *força:* um systema de forças é em que, para ambas, se resolve toda a realidade. Sómente, emquanto para a sciencia essas forças são abstractas, cegas e passivas, são ellas para a especulação concretas, racionaes e espontaneas. Por conseguinte: forças imperfeitas n'um caso, perfeitas no outro. Ora, como é a força perfeita, que é o typo da força imperfeita, é esta naturalmente que tem de ser explicada por aquella: é a fórma superior do sêr, que fará comprehender a inferior, e não o inverso. O dynamismo psychico será pois a chave do dynamismo mecanico. O espiritualismo dará ao materialismo o que lhe falta, completando-se, por esta insufflação do espirito na materia, a comprehensão ao mesmo tempo positiva e especulativa do universo.

Esta explicação da essencia occulta do mundo phenomenal pela essencia do espirito, potente na consciencia, é perfeitamente legitima. Não é uma generalisação arbitraria, ou apenas mais ou menos plausivel, mas a fórma rigorosa e completa do processo necessario de inducção, que resalta da mesma constituição do nosso entendimento. Pensar sobre o mundo é já suppôr n'elle alguma coisa de fundamentalmente analogo aos principios da razão, é suppôl-o racional. Ora, esta supposição implica a da identidade fundamental do objecto e do sujeito. Supposição tambem: é verdade; mas supposição necessaria, absolutamente irresistivel, sem a qual não havia pensamento possivel sobre a realidade, nem propriamente haveria realidade, e que por isso se não deve considerar como um problema (o famoso problema da certeza), mas como um facto ultimo, irreductivel e como tal, expressão da mesma natureza das coisas. O «problema da certeza» não é propriamente problema, porque consiste em procurar a demonstração categorica d'um facto

primordial, que é indemonstravel no terreno da dialectica, mas que na espontaneidade da consciencia tem o caracter da evidencia. O puro subjectivismo de Kant, já atraz o disse, ou é nada, sendo méramente negativo, ou então envolve, como Fichte, Schelling e Hegel o entenderam, a affirmação e o que se poderia chamar a demonstração immediata e intuitiva da «identidade do sêr e do saber». Essa demonstração está contida no mesmo acto do pensamento, e é quanto basta. Mas, se pensar é affirmar a *racionalidade* do universo, e se, por outro lado, a razão está contida na unidade do espirito e é d'ella indissoluvel como o acto é indissoluvel da sua substancia, a *racionalidade* do universo presuppõe necessariamente uma semelhante unidade. A razão do universo presuppõe por conseguinte uma substancia de que seja acto, e essa substancia não póde ser concebida senão como fundamentalmente analoga ao espirito. Vê-se pois que, se é legitimo o emprego dos principios da razão como medida do mundo objectivo, tem de sel-o igualmente a generalisação das noções do nosso sêr intimo, isto é, dos elementos fundamentaes do espirito tomado na sua unidade, como processo de interpretação da substancia occulta d'esse mesmo mundo. Aquelle mysterioso *noumenon*, que Kant procurou em vão pelo caminho da critica e declarou inattingivel, existe em nós mesmos, contém-se no espirito, ou antes, é o proprio espirito. Será pois com a segurança da mais bem fundada inducção e na região mais alta em que o processo inductivo póde ser empregado, que a synthese do pensamento moderno partirá do conhecimento do espirito para o conhecimento do verdadeiro sêr d'essa apparencia phenomenal, que a concepção scientifica apenas deixa vêr pelo seu lado exterior e mecanico.

Voltamos então, por este caminho, ao idealismo transcendental e ao methodo de *construcção* da philosophia allemã do principio do seculo? Não voltamos. A critica d'esse methodo está feita, e tão bem feita, que não é crivel que o *a-priorismo* possa ainda seduzir mais uma vez o pensamento moderno. Atraz deixei já expostos os principaes argumentos d'essa critica. Em

todo o caso, o processo indicado nas tendencias do espiritualismo renovado e do neo-kantismo, que acima tentei esboçar, bem longe de ser uma volta ao *a-priorismo* transcendental, procede justamente da reacção do criticismo que o condemnou. Em primeiro logar, esse processo, como ha pouco disse, é essencialmente inductivo; e, dada a natureza *sui generis* do problema da certeza, isto é, dada a constituição do entendimento humano, essa inducção é não só legitima, mas necessaria. Em segundo logar, essa inducção, não sendo mais do que uma indicação geral, não póde substituir uma construcção puramente especulativa aos factos da experiencia: tem, pelo contrario, de se deixar guiar por esses factos, recebendo-os na ordem e relações em que a experiencia, na sua fórma systematica e definitiva, isto é, a sciencia, os apresenta. Resulta de tudo isto que este processo constitue propriamente uma *interpretação* da realidade no ponto de vista do espirito, e nada mais. O universo não é creado pela especulação: é anterior a ella e é a experiencia que lh'o fornece; mas fornece-lh'o como um symbolo obscuro que ella, a especulação, tem de interpretar á luz das noções da consciencia. Assim como só a conscienceia explica a sensação, ponto de partida da sciencia, assim tambem só o espiritualismo, que parte da conscienceia, póde explicar a concepção mecanica do universo, ultimo resultado da elaboração scientifica. A metaphysica e a sciencia não são pois rivaes, mas collaboradoras na obra do conhecimento, e a concepção metaphysica e a scientifica não devem ser representadas como duas espheras oppostas, mas como dois circulos concentricos. Finalmente, e como consequencia do que fica dito, só este processo tem o caracter do verdadeiro *realismo:* elle constitue o saber total, ao mesmo tempo positivo e mataphysico, experimental e especulativo, tomando o sêr na sua unidade, da qual o espirito só arbitraria e violentamente póde ser amputado, e na ordem de desenvolvimento dos seus momentos, dos quaes o espirito é o superior e typico.

Temos pois já conhecido o terreno da synthese do pensamento moderno, o dynamismo, e o processo adequado á realisação d'ella, a interpretação do mecanismo pelo psychismo. Ora,

o ponto nodal d'essa synthese (já por certo o leitor o percebeu) é aquella formidavel antithese determinismo-liberdade, que atraz indiquei ao esboçar a situação actual do problema philosophico. Mas esta antithese, considerando-se bem, está longe de ser tão formidavel como parece á primeira vista, e o que já ficou dito da verdadeira natureza do espirito faz presentir o sentido da solução. O que vimos nós, com effeito? Vimos, em primeiro logar, que a noção de *espirito* envolve as de *força* e de *causa*, e vimos, em seguida, que esta *força-causa* é aquelle typo da força, do qual, no ponto de vista synthetico a que somos chegados, temos de induzir a natureza intima de todas as forças, ainda as mais elementares e, na apparencia, mais completamente passivas. Por outras palavras: se todas as forças do universo são, no fundo, analogas ao espirito (á força-espirito) e participantes, em grau mais ou menos pleno, da sua essencia, todas ellas, sem excepção, têm de ser concebidas como essencialmente *forças-causas*. Ora, dizer *força-causa* é dizer força cujas determinações partem radicalmente da sua mesma natureza e têm, para dentro da esphera dos motivos externos, apparentes e mecanicos, por verdadeiros motivos estados intimos. É dizer, por conseguinte, força espontanea. É pois no terreno da idéa de espontaneidade que se resolve a antithese determinismo-liberdade. Não ha sêr totalmente passivo e em cujos actos se não envolve algum elemento, por infimo que seja, da sua natureza absoluta: não ha sêr completamente determinado por outro e reduzido a uma núa fórma sem essencia. Palpita em tudo uma vontade propria, a vontade de realisar o proprio fim. Ha pois alguma coisa de espontaneo e um accôrdo do sêr com a sua verdade profunda e com a sua infinita virtualidade ainda nos phenomenos mais elementares da materia, onde o determinismo mecanico parece triumphar. Ainda ahi se mantem aquella communicação do acto com a virtualidade e, no grau infimo do sêr, se entrevê a idéa e o fim soberano. A pedra que cae para o centro da terra, a molecula que se une a outra molecula, a gota de agua que se vaporisa, o vapor que se condensa, não obedecem passivamente ás condições que determinam

essas fórmas de actividade, porque não são as condições que criam essa actividade em si mesma, nem ainda modalidade alguma d'ella, mas é a natureza autonoma dos sêres que, em dadas condições, produz aquella fórma de actividade que a ellas corresponde, e está d'accôrdo com as condições justamente porque está d'accôrdo comsigo mesma. Por outras palavras: o phenomeno antecedente não *cria* o consequente, é só *condição* para que elle se produza. A *causa* do phenomeno está na mesma natureza do sêr onde elle se dá, ou antes, do qual elle é essencial modalidade. A necessidade da determinação é pois interna e a lei, na sua constancia, exprime apenas a constancia d'aquelle accôrdo do sêr comsigo mesmo, que, em identicas relações, se manifesta por identicas modalidades. No fundo, o sêr, ainda apertado no circulo mais estreito da condicionalidade exterior, é sempre causa: a sua idéa latente, a virtualidade da affirmação plena de si mesmo, que é o seu fim ultimo, vem já envolvida, como um presentimento, como um sonho obscuro, mas tenacissimo, nas suas determinações mais elementares. É bem pouco ainda: as condições d'esse seu infinito desenvolvimento não dispõe d'ellas o sêr n'essas espheras infimas da realidade, não as cria, tirando-as de si mesmo, são-lhe dadas de fóra e impostas: a sua espontaneidade tem de se affirmar dentro d'esses estreitissimos limites. Esse pouco, porém, é quanto basta para alluir a esmagadora fatalidade do determinismo mecanico e para introduzir no seu mundo tenebroso e passivo um raio de luz e um raio de vida. Não é ainda a liberdade, no alto sentido espiritual d'esta palavra: mas é o prenuncio d'ella e o seu germen. Na espontaneidade inconsciente da materia está a raiz do que na consciencia e na razão se chama verdadeiramente liberdade.

A liberdade, no rigoroso sentido da palavra, é pois a espontaneidade quando plena, isto é, quando o sêr, não já espontaneo apenas na sua actividade exteriormente condicionada (o que sempre é, como acabamos de vêr) o é ainda n'essa mesma condicionalidade, creando conscientemente os motivos das suas determinações e creando-os em vista do proprio fim. N'este ponto

culminante, o motivo da determinação identifica-se com a essencia e o fim do sêr que se determina: este, conformando-se com o motivo, conforma-se exclusivamente comsigo mesmo. A sua determinação é agora um facto absolutamente seu, é elle mesmo, na plenitude da sua essencia reflectindo-se na realidade, é essa essencia, substituindo-se a todas as leis exteriores, feita lei unica da sua actividade. Agora, quanto mais se determina, mais livre é, porque as suas determinações, motivadas só pelo seu proprio fim, não envolvendo elemento algum estranho á sua substancia e tirando d'ella a sua materia e a sua fórma, são actos perfeitamente adequados á sua potencia e outras tantas realisações da sua mesma unidade. Agora, o determinar-se já não é limitar-se: é expandir-se, é desdobrar-se indefinidamente n'uma intima actividade, que, creando um mundo seu, se cria ao mesmo tempo com esse mundo. Mais um passo ainda e, n'esse estado sublime, o universo phenomenal desapparece como uma phantasmagoria: a realidade unica verdadeira é agora o acto simples d'um sêr todo elle idéa pura e causa e fim da propria idéa, creador em todos os seus momentos e em cada um d'elles pleno e uno, como se a sua infinita virtualidade estivesse presente toda inteira em cada uma das suas determinações.

Este sêr, que está todo em cada um dos seus actos, cuja essencia se substitue ao universo e cuja actividade não reconhece outros limites senão as leis da sua propria natureza, realisa por certo o ideal de ser livre. É por isso tambem que é um sêr só ideal. Deus, se Deus fosse possivel, seria esse sêr absolutamente livre. Mas, por isso que não é *real*, é que é *verdadeiro*. Elle é o typo da plenitude do sêr, typo de que a nossa liberdade moral, aquella que com tamanhos esforços conseguimos realisar, é só vaga imagem, longinqua semelhança. Esse ideal da nossa essencia, esse *eu* do nosso *eu*, ultimo e mais profundo, é o centro de attracção de toda a vida espiritual: é na união com elle que nos sentimos livres, livres na medida exacta d'essa união. Segredo mais intimo do sêr, mas tão sepulto na inconsciencia das coisas, não o descobre o mundo: re-

vela-o a consciencia e é a razão o seu interprete soberano. Só pela razão *somos* verdadeiramente. Por ella se nos torna patente o mysterio da nossa intima actividade e nos conhecemos como força simples, espontanea e creadora das proprias determinações. Na plenitude d'essa espontaneidade reconhecemos o nosso verdadeiro fim: elle se substitue, como motivo interno, ultimo e absoluto motivo, aos motivos exteriores. A vontade, condicionada agora só pela sua propria essencia, é livre. A lei da causalidade reduziu-se á lei da razão, d'essa razão, que, exprimindo a verdade total do nosso sêr, é ella mesma o mundo da liberdade. Liberdade, é certo, só virtualmente perfeita. Mas o acto limitado tem a sua raiz n'essa virtualidade infinita; e quanto mais pela razão a vontade communica com essa região profunda e se identifica com o seu fim absoluto, tanto mais rico de elementos proprios é a sua determinação e tanto mais livre é. Fixando em si esses elementos do seu proprio ideal, esses principios geradores do seu espontaneo desenvolvimento, este pobre *eu* que somos, ou parecemos ser, tão estreitamente condicionado pelo organismo, pelos instinctos, pelas relações exteriores que o comprimem n'um circulo fatal, este pobre *eu*, que assim começa captivo e quasi esmagado, transpõe gradualmente esses limites, transborda, por assim dizer, sobre o mundo que o continha, substitue motivos proprios aos motivos alheios, faz-se fim onde era meio e, de particular e limitado, transforma-se finalmente no que se diria um outro *eu*, impessoal, absoluto, todo razão e vontade pura. Identificado com o proprio ideal, só agora é *elle mesmo*. Não concebemos que outra coisa seja ser livre.

A liberdade tem pois graus. Se é só na consciencia que a conhecemos, o inconsciente não é todavia absolutamente destituido de razão. Deve pois encontrar-se já n'elle algum elemento de liberdade, por infimo, por diminuto que seja. Entre os dois extremos a distancia é enorme, mas não tal que a intelligencia não possa transpôl-a. Já vimos que a transpõe e por que caminho: não repetiremos o quê ficou dito. Chamemos-lhe só espontaneidade, pois assim convem, a esse impulso obscuro que determina os movimentos moleculares, as simples attracções mate-

riaes: mas não esqueçamos que esse impulso parte do centro do sêr e que a espontaneidade é a propria raiz da liberdade. Assim pois, a distancia que vai da vaga espontaneidade da molecula, que vibra na attracção ou repulsão d'outra molecula, á liberdade do homem que se determina pela razão, não é incommensuravel: ella é a medida exacta da distancia que vai do momento inferior do sêr ao superior, da força elementar e abstracta á força complexa e completa. A todas ellas, elementares ou complexas, conscientes ou inconscientes, uma mesma vontade as anima: transpôr o limite fatal, ascender mais um grau na grande escala da realisação da sua infinita virtualidade. Eterno, immoto, absorvente, um mesmo typo de perfeição e plenitude, só diversamente entrevisto — sonho, presentimento, idéa pura — é o centro commum de attracção de todas as vontades dispersas, de todos os movimentos do universo. A cadeia universal das existencias, na sua prodigiosa espiral de espiraes, apparece-nos como a ascensão dos sêres á liberdade, na qual descobrimos a causa-final de tudo.

Assim se dissipa, á luz do espirito, a grande illusão do mecanismo. Formula da percepção elementar, dando só o aspecto abstracto das coisas, reduz-se propriamente ao systema das condições exteriores da actividade dos sêres e á ordem das suas relações formaes. Para além d'esta abstracção do mecanismo, está a vida propria dos sêres, a sua substancia activa, o mundo das causas effectivas, a razão concreta d'aquella ordem formal e o fim immanente na espontaneidade das forças. Onde o mecanismo vê *transformação de forças*, vê a razão *correlação d'estados*, que derivam de energias intimas e as exprimem como modalidades suas, momentos logicos do seu desenvolvimento. Tanto basta para que o quadro da realidade desenhado pela philosophia scientifica da natureza, visto a uma luz nova, nos appareça como que transfigurado. Os traços são os mesmos, a expressão é inteiramente outra. Interpretado pelo espirito, espiritualisou-se. A evolução universal só agora é intelligivel: parte d'uma verdadeira causa — a virtualidade infinita do sêr; dirige-se a um fim — a realisação d'essa virtualidade, a

plenitude e perfeição do sêr. A sua lei não é fatal, cega, inexpressiva: analoga á razão, é uma lei racional. Porque é uma razão immanente que preside a esse universal movimento, que se exprime n'elle, que n'elle palpita. Uma idéa instinctiva lateja surdamente, como uma pulsação de vida, n'esse universo que a sciencia mede e pesa, mas não explica: é a aspiração profunda de liberdade, que abala as moles estellares como agita cada uma das suas moleculas, que anima o protoplasma indeciso como dirige a vontade dos sêres conscientes. É esse fim soberano, realisado em espheras cada vez mais largas, que torna effectiva a evolução das coisas. Por elle, essa evolução, não já puramente formal e apparente, mas real, substancial, é um verdadeiro *progresso:* cada nova esphera de desenvolvimento traduz um *augmento de sêr*, algum novo elemento, até então só virtual, addicionado agora á realidade, feito fórma, acção e lei no universo. Por um gradual desdobramento da sua infinita virtualidade, o sêr-causa, immanente nas fórmas limitadas, junta ao typo inferior preexistente esse *quid* novo e diverso, com que produz o typo superior. Este não o é só formalmente, ou só na ordem de successão: é-o substancialmente e em toda a verdade, porque é mais rico de idéa, mais completo de relações e mais livre, porque realisa mais plenamente o fim commum, porque, n'uma palavra, *contém mais sêr*. É só assim que o concreto póde sahir do abstracto, o complexo do simples; não porque o concreto e o complexo sejam, como os representa a abstracção materialista, uma mera accumulação de simples e abstracto e já n'elles se contivessem, mas pela virtude d'aquelle principio de diversidade e superioridade, desentranhado das profundezas do sêr, que se lhe veio juntar a fecundal-os. É pois o typo superior que explica o inferior: é para aquelle que este gravita, é a sua irresistivel attracção que o faz mover-se, procurando realisar a idéa mais alta que elle representa. A evolução não é apenas uma complicação crescente de forças elementares: é um alargamento de idéa, isto é, de existencia verdadeira. E se o ideal supremo, que a tudo attrae, para que tudo gravita, é razão, vontade pura, plena liberdade, a evolução só

será perfeitamente comprehendida definindo-se como a espiritualisação gradual e systematica do universo.

Eil-a pois desfeita, aquella cadeia de elementos cegos, sem vida propria, que a abstracção materialista fazia girar sem termo no mesmo circulo fatal. Comprehendida a necessidade como lei e a lei como a expressão do desenvolvimento intimo e espontaneo dos sêres, reconhece-se que a fatalidade é só a mascara da razão: sob aquella mascara terrivel, ella conduz o universo, por mil caminhos sombrios, para a luz e a liberdade. E já tambem, em face d'esse universo onde lateja a razão, onde circula a seiva da idéa, não experimenta o coração do homem aquella impressão de vacuidade e morte, aquella tristeza funebre, que o mundo fatal e eternamente mudo do materialismo lhe infundia. O espirito humano sente agora palpitar nas coisas o que quer que é analogo á sua propria essencia. Isolado como no vertice de pyramide prodigiosa, sente-se todavia em communicação com a mole immensa que o supporta. Já não é o enigma incomprehensivel, desesperador, que a si mesmo parecia, quando olhando em volta via em tudo a negação do seu pensamento, do seu ideal, da sua essencia: pelo contrario, elle proprio é que é agora a chave do enigma universal; só elle conhece a causa e o fim de tudo, e esse segredo sublime é a sua verdade mais intima, é o seu mesmo sêr.

O universo aspira com effeito á liberdade, mas só no espirito humano a realisa. É por isso que a historia é especialmente o theatro da liberdade. Os que vêem na historia um simples prolongamento da natureza, um phenomeno natural, só mais complexo, desconhecem inteiramente o verdadeiro caracter da evolução. O direito, devemos suppôl-o, é já a aspiração inconsciente do animal: mas só ás sociedades humanas preside effectivamente o direito. Esta linha de demarcação está dizendo que com a humanidade se entrou n'um mundo novo. A razão, dando um passo decisivo, deixou cahir de vez a mascara da fatalidade. Dormente e profundamente soterrada no mundo inorganico, meio acordada já, mas só instinctiva no mundo organico, é nos sêres conscientes, é na sociedade humana que a

razão encontra o seu orgão. O progresso da humanidade é pois essencialmente um facto de ordem moral: a obra tão maravilhosamente começada pelo inconsciente só pela consciencia podia ser levada a cabo. Tendo o seu ponto de partida na pura animalidade, na esphera da paixão e do instincto, a humanidade substitue gradualmente, á medida que se revela a si mesma na sua natureza e no seu fim, áquelles impulsos originarios energias espirituaes, elementos cada vez mais ricos e puros, desentranhados d'essa esphera racional em que vai penetrando, e o direito, interprete da razão na sociedade, é a lei d'esse mundo novo que surge. O progresso presuppõe o acto constante d'aquellas energias: sem o esforço sempre renovado do pensamento para a razão, da vontade para a justiça, de todo o sêr social para o ideal e a liberdade, o caminho andado escorrega debaixo dos pés e a animalidade toma outra vez posse do terreno onde o espirito, adormecendo, não soube manter-se. Enganam-se pois singularmente os que sonham no progresso como que mecanico, caminhando por si e beatificando os homens independentemente da energia moral d'elles: por outras palavras, um progresso realisado fóra do espirito e sem a sua intervenção. Enganam-se, porque a essencia do progresso está justamente n'essa intervenção, cada vez mais larga e intensa, do espirito na humanidade. A natureza é o theatro da historia, não o seu agente. As leis da historia têm a sua ultima raiz nas leis da consciencia. A creação da ordem racional e o alargamento indefinido do dominio da justiça, tal é a definição do progresso. Facto da liberdade, elle consiste intimamente n'um desdobramento incessante da energia moral, n'uma reacção contínua da vontade sob o estimulo do ideal, e é por isso que a virtude é a verdadeira medida do progresso das sociedades.

Mas a ordem creada pelo direito, ampla e harmonica como é e com toda a somma de moralidade e liberdade que já em si contém, é ainda assim só formal. Não é esse ainda o fim ultimo, mas apenas condição para a realisação d'elle. Na consciencia individual é que este se realisa, n'ella só tem o seu desfecho o drama divino do universo. N'ella e por ella se conhece a

força universal na sua pura essencia, n'ella e por ella consegue a perfeita identificação comsigo mesmo: despojando-se das fórmas que successivamente revestira na sua longa ascenção, fórmas limitadas, relativas e nunca isentas, ainda nos degraus superiores da evolução, ainda na propria ordem social e juridica, do cunho de fatalidade, *é agora verdadeiramente*, porque só agora é puramente espirito. No mundo da consciencia dissolvem-se todas as leis naturaes e sociaes na unica lei moral. A lei moral, creada pelo espirito para si mesmo, ou melhor, expressão da unidade final realisada pelo espirito em si mesmo, da inteira compenetração da vontade com o seu ideal, é lei perfeita de liberdade, porque o proprio dever, á medida que a sua idéa se aprofunda, perde gradualmente o rigido caracter de obrigação, que lhe dava não sei que longes de fatalidade, e transforma-se em attracção pura, puro amor. A autonomia da vontade, só virtual até este momento, é agora real e completa: determinação, motivo e condicionalidade confundem-se com o seu proprio sêr. Só agora é plenamente causa, porque só agora é plenamente fim de si mesmo. Esta perfeita identificação do *eu* com a sua essencia absoluta, por onde a sua primitiva espontaneidade se define finalmente como liberdade, é que é a essencia do bem. O bem é o momento final e mais intimo da evolução do sêr, em que o espirito se liberta na consciencia de todas as limitações, creando em si, de si e para si um mundo completo, transcendente e definitivo. O individuo natural subsiste ainda, mas subsiste apenas como o ponto em que se dá este processo espiritual. O *eu* limitado, refluindo, se assim se póde dizer, para o seu centro verdadeiro, dissolve-se n'alguma coisa de absoluto, já não individualisado mas ainda ligado ao individuo: transição do sêr para o não-sêr, que equivale, quanto cabe na realidade, á plenitude e perfeição do sêr. É o que, na linguagem (que para nós não póde ser senão symbolica) do mysticismo, se chama a união da alma com Deus: nós diremos simplesmente que é a união do *eu* com o seu typo de perfeição, ou, talvez com maior simplicidade ainda, a realisação na consciencia do seu momento ultimo e mais verdadeiro.

*

É por isso que só as obras do bem são verdadeiras na sua totalidade: em tudo mais ha sempre uma parte maior ou menor de limitação, de necessidade, de erro, e, para tudo dizer n'uma palavra, de não-existencia. Só quem, dissolvendo a propria vontade na vontade absoluta e identificando-se com ella, renuncía ao *eu* limitado e a tudo quanto é d'elle — o seu egoismo, as suas paixões, o seu erro profundo e a sua innarravel miseria — só esse alcançou a vida eterna. Confundido com o que sempre permanece, com o que é em si e por si, entrou no illimitado, no inalteravel, e subsiste como elle eternamente. Esta renúncia, verdadeira immortalidade, é por isso mesmo a fonte de toda a virtude. O justo, na sua união com o sêr perfeito, só vê no individuo limitado, que é segundo a natureza, um resto d'escravidão, de particularismo, de erro, que o impede, até onde subsiste, de realisar plenamente aquella união: é renunciando a elle que torna essa união effectiva, tanto mais effectiva quanto mais constante, mais completa fôr a renúncia. A renúncia a todo o egoismo é para elle o caminho direito que o leva á liberdade, á perfeição, á beatitude. Como não ha de então o justo dar-se aos outros, dar-se a todos os sêres, se com cada acto de dedicação conquista e firma a propria beatitude? Libertando-os, liberta-se: aperfeiçoando-os, aperfeiçôa-se: beatificando-os, beatifica-se. Para conseguir o proprio bem, tem de se fazer como que o instrumento do bem universal. E nem verdadeiramente para conseguir o proprio bem: porque, despojado de personalidade e egoismo, morto para o *eu* individual, o bem attrae-o em si ou fóra de si, indifferentemente, e tende a realisal-o seja onde fôr, seja sob que fórma fôr, simplesmente porque é o bem. A sua existencia agora já não é a de uma individualidade particular, circumscripta no tempo e no espaço, condicionada pelo temperamento, pela raça, pela nação, pelo periodo historico, pela educação, por mil circumstancias fortuitas: não: é como que a existencia d'um principio universal, impessoal, absoluto, actuando indifferentemente n'um ponto do espaço, e a sua obra, a virtude, não é tambem uma obra particular e transitoria, mas universal e absoluta. A virtude, liberdade suprema,

é por isso a realidade por excellencia, a unica realidade plena. Tudo mais são vagas, incertas aproximações do ideal, pallidas imagens, grosseiros symbolos do sêr verdadeiro. A consciencia do justo é o unico templo do unico Deus; e, n'esse templo, a renúncia ao egoismo é o unico culto. Cessasse um só instante esse culto, esse holocausto do egoismo nas aras do ideal, e immediatamente toda a vida moral se suspenderia: no instante seguinte ter-se-hia dissolvido. O mundo moral só subsiste por esta renúncia. Ella enche de intrepidez o coração dos heroes, de constancia a vontade dos justos, de uncção a alma dos santos. Ella dá aos simples a candura e a graça: dá aos humildes a dedicação sem alardes: a uns e outros o perfume da virtude que se ignora. Ella é a inspiradora secreta da grande arte como do grande pensamento. Essa pouca justiça, que consegue penetrar n'este mundo de lucta, cegueira e egoismo, vem toda d'alli, porque só alli tem a sua raiz profunda. Superior ao destino, vencedora da fatalidade, mais profunda do que toda a sciencia e toda a especulação, só ella torna patente o intimo segredo das coisas e é, em si mesma, a unica verdade evidente, o unico saber sem duvidas nem obscuridades. Ella vence a morte, porque faz comprehender a significação do exito final e apreciar quanto elle vale. Se pois só a perfeita virtude, a renúncia a todo o egoismo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim ultimo do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o universo não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado. O drama do sêr termina na libertação final pelo bem.

Tal se me afigura, nas suas grandes linhas e no seu processo logico, essa synthese do pensamento moderno, que a critica, apoiada na historia, parece desde já auctorisada a induzir das tendencias da philosophia e da sciencia na segunda metade do nosso seculo, tendencias expressas na posição actual dos problemas e na direcção convergente das principaes escólas. Partindo, vai em mais de quatro seculos, na alvorada d'uma idade nova do espirito humano, d'uma noção fundamental, a idéa de

força, noção que era já o resultado da elaboração dez vezes secular dos principios legados pelo pensamento antigo e para a genese da qual concorreram, ao lado da evolução dialectica d'esses principios, a accumulação crescente dos conhecimentos positivos e a maior complexidade da nova civilisação, o pensamento moderno, aprofundando essa idéa, desenvolvendo-a, enriquecendo-a com elementos novos e estendendo a sua área de influencia á ordem de factos cada vez mais largos, começou por tirar d'ella uma mecanica e uma physica, ou seja uma theoria da natureza; fel-a depois penetrar mais e mais na metaphysica, na psychologia, na biologia, na historia; e tudo faz suppôr que se encaminha rapidamente para construir sobre essa unica base uma philosophia completa, uma concepção systematica do mundo, da razão e da humanidade. Tanto continha em si esta idéa capital, tão largos e ricos desenvolvimentos comportava! É certo que essa synthese das idéas modernas se acha por ora apenas indicada nas tendencias do fundamento contemparaneo e que, se o seu espirito, no que tem de essencial, penetra mais ou menos todas as escólas e quasi se confunde já, em certas espheras, com o espirito da nossa civilisação, em parte alguma foi ella ainda exposta em corpo systematico de doutrina, nem se definiu e completou a ponto de se impôr como a formula intellectual definitiva do nosso periodo historico. Até que grau de precisão conduzirá o pensamento moderno a definição das suas proprias idéas? É o que só o tempo poderá mostrar. Mas, desde já, podemos calcular as proporções do edificio em construcção e caracterisar o typo architectonico a que pertence.

Antes de tudo, essa synthese terá essencialmente o caracter inductivo. Não será uma nova construcção *a priori*, depois de tantos outros, mais um systema — o ultimo e definitivo systema — mas a coordenação superior e, como já atraz se mostrou, a interpretação dos factos positivos no ponto de vista dos ultimos principios fornecidos ao mesmo tempo pela analyse da razão e pela analyse da consciencia. Será, se assim se póde dizer, um espiritualismo idealista, enxertado, para florir e fructificar, no tronco robusto do materialismo. Superior á sciencia como idéa

e como criterio, estará todavia na dependencia da sciencia, que só lhe fornece a materia prima que tem de ser elaborada especulativamente. N'este sentido, parecerá mais, exteriormente, a realisação do programma dos positivistas do que a do programma hegeliano, embora no fundo tenha muito mais do espirito fecundo do idealismo allemão do que do espirito logico-formal do positivismo. Quero dizer que, sendo realista, será ao mesmo tempo transcendental: realista nas suas bases inductivas, transcendental nas idéas metaphysicas que a inspiram e dominam. Reunirá assim, na sua unidade, as duas tendencias divergentes da intelligencia moderna, resolvendo n'essa unidade superior, por uma mutua penetração, a antithese da razão e da experiencia. Sendo synthese, será conciliação; e todas as grandes correntes do pensamento philosophico do nosso seculo se acharão igualmente representadas n'ella, cada uma por aquillo que tem de legitimo: o positivismo, pela condemnação logica dos dados scientificos n'uma ordem de evolução formal; o idealismo dos allemães, pela affirmação fundamental da «identidade do sêr e do saber» e pela concepção d'uma evolução dialectica da realidade; o espiritualismo, pelos elementos psychicos fornecidos á especulação, pela idéa capital de *força*, que só na consciencia tem a sua origem, e pela reducção da finalidade, em ultima analyse, á lei moral, que é a solução da antithese determinismo-liberdade; o criticismo, finalmente, pela verificação severa dos principios, pela duvida systematica, estimulo contínuo da razão, que representa aquella parte salutar do scepticismo, sem a qual a intelligencia, enlevada na propria contemplação, esquece o que ha de contingente e relativo em toda a verdade e se esterilisa, immobilisando-se n'aquella especie de fanatismo intellectual, que é o dogmatismo.

Dir-me-hão agora alguns, e não dos somenos, que essa pretendida synthese não passa, afinal, d'uma certa unidade de vistas geraes e uma conformidade de tendencias, que póde, sem duvida, accentuar-se ainda mais e ampliar progressivamente o terreno neutro ou commum onde se encontram irmãs as doutrinas rivaes, mas não chegará nunca a constituir uma verdadeira

unificação systematica, o *symbolo* uniforme e completo do pensamento moderno. Dentro d'essa unidade mal determinada, objectam elles, ficará sempre logar para graves divergencias de opinião, permanecerão em aberto questões importantes e, fóra d'ella, subsistirão sempre pontos de vista inconciliaveis, verdadeiras heresias em face do novo dogma philosophico: ora, concluem, não é isso o que se tinha direito a esperar das seductoras promessas d'uma synthese final!

Respondo que assim é, mas que está isso na natureza das coisas e, sobretudo, que é excellente que assim seja. Uma synthese philosophica não é um *symbolo* theologico. Uma igreja póde muito bem, nos seus concilios, definir com rigor extremo a sua doutrina e fixal-a canonicamente até aos ultimos pormenores, justamente porque é uma igreja: dispõe, pela natureza da sua instituição, da auctoridade que decreta e conta com a fé, que aceita e não raciocina. Mas a philosophia não é a theologia, da mesma fórma que a sociedade moderna não é uma igreja. A sociedade moderna é uma larga communhão de intelligencias e de sentimentos, fecunda na medida da sua mesma variedade e liberdade, rica de impulsos diversos, que são outras tantas manifestações da actividade sempre creadora da natureza humana. A sua unidade não é essa abstracta, exterior e material, contida em formulas sem vida, violenta á natureza, e que por isso só firmada em decretos e imposições auctoritarias se póde manter. É concreta, intima e espontanea: é a unidade organica d'um sêr vivo e é ainda aquella harmonia superior que resulta do accordo das vontades e dos pensamentos, tendendo para um fim commum, mas cujos aspectos são variados, e que póde por isso mesmo realisar-se igualmente bem sob fórmas diversas. A extrema fixidez e uniformidade na ordem espiritual repugna á sociedade moderna, e é essa uma das suas excellencias. Unidade na variedade, tal é a sua divisa: e só essa unidade é fecunda, porque só ella permitte a expansão da natureza humana em toda a riqueza das suas faculdades. A verdade é para a nossa intelligencia forçosamente cambiante: a reunião d'esses cambiantes constituirá ainda assim uma ima-

gem mais fiel d'ella do que uma côr unica e uma feição uniforme e rigida. Depois, o que torna creadora a influencia d'um principio é a sua comprehensão e plasticidade, não o seu rigor de definição. Uma idéa vastamente comprehensiva e profunda, como é a idéa moderna fundamental, é por isso mesmo diversissima de aspectos e póde consistir em fórmas que se oppõem, sem que por isso se contradigam. É uma prova da superioridade do espirito moderno o poder conter em si, sendo uno, uma tal variedade de contrastes. O que seria da civilisação moderna, se todas as intelligencias entrassem no mesmo molde e como que se crystallisassem n'uma fórma definitiva? Desceria ella para logo ao nivel das civilisações inferiores e simplistas. Não desejemos pois uma synthese que seja um *symbolo* canonico, mas contentemo-nos com aquella harmonia geral dos espiritos, que resulta d'um *tom* fundamental, por onde tudo se afina, mas variada e livremente. É necessario vêr estas coisas, porque são as coisas humanas por excellencia, á grande luz da vida collectiva, no meio complexo e movediço da sociedade, e não no recinto estreito e artificial da escóla. Que um constructor de systemas aspire ao rigor geometrico e á absoluta deducção logica, entende-se perfeitamente: é esse o seu officio, ou, fallando mais dignamente, a sua missão. Mas a humanidade não é esse « abstractor de quintas essencias », encarcerado voluntariamente nas masmorras da pura logica. A sua vida é mais ampla, mais agil e mais accidentada: precisa por isso de maior liberdade, e as suas idéas directoras devem ter elasticidade bastante para poderem acompanhal-a nas curvas e meandros dos seus complicados movimentos.

Bem sei que pondo assim a questão sáio do terreno da philosophia propriamente dita para o da sociologia e da historia. Mas, em summa, a philosophia não é uma nova curiosidade de espiritos especulativos: no conjunto das coisas humanas tem o seu logar marcado, desempenha a sua funcção e não vale senão pelas suas applicações. O que d'ella aceitam e fazem seu os que não são philosophos de profissão constitue afinal, historicamente fallando, o que ella é realmente. A synthese do pen-

samento moderno, preparada pelos philosophos, tem de ser a obra collectiva da humanidade culta. Só assim terá o caracter d'um phenomeno historico e d'um grande facto humano. Não será (custa-me pouco reconhecel-o) um grande e perfeito systema, uma impeccavel crystallisação dialectica; mas será mais e melhor do que isso, um alto ideal commum, um principio universal de inspiração, fallando a todas as potencias da alma humana, e a cada uma na sua lingua, accessivel e facil ao coração dos simples como profundo á penetração das altas intelligencias, e tão rico de luzes para a sciencia como de estimulos para a consciencia. O espirito creador da civilisação moderna vêr-se-ha n'esse ideal como n'um espelho, e cada vez com maior clareza. Ou antes, para me expressar em linguagem mais exacta, será elle esse mesmo espirito, que é já o espirito da humanidade (pois a civilisação moderna absorve já todas as raças e nações na sua catholicidade) tornado consciente e progressivamente realisado em factos — nas instituições, nos costumes, na vida moral. E, se definir o espirito d'uma civilisação e tornal-o conscio de si mesmo é a obra essencial da philosophia, não se poderá dizer que a philosophia moderna tenha mentido á sua missão.

Anthero de Quental.

O DISCIPULO

POR

PAUL BOURGET

O auctor dos *Estudos de psychologia contemporanea* attingiu a maturidade do seu talento. O seu ultimo romance o *Discipulo* manifesta em alto relevo e coordena n'um conjunto harmonico todos os variados e superiores dotes que compõem essa rica organisação de artista e de critico. Pela sciencia profunda dos caracteres, pela originalidade e valor typico das figuras estudadas, pela verdade e intensidade dramatica da acção, pela arte consummada de descrever e narrar, pela abundancia dos juizos geraes que *explicam* e dos pormenores suggestivos que *mostram*, pela magia d'um estylo tão nervoso como nitido e que guarda através das innovações modernas as grandes tradições da prosa franceza, e finalmente pela importancia capital e actual do caso de consciencia debatido, este livro ficará como um dos acontecimentos litterarios do anno e uma das obras-primas da litteratura franceza de todos os tempos. Philosophos de officio descobrirão porventura incoherencias nas poucas paginas destinadas á especulação pura. Moralistas esclarecidos contes-

tarão com fundamento a ligação logica entre os dados de observação contidos no livro e a intenção geral manifesta no prefacio. Mas feitas estas reservas, é impossivel não admirar a superioridade innata e a plenitude de cultura que se revelam ao longo de toda essa narração. E quando se compara a nitidez, a subtileza, a sobriedade, a elevação, os recursos de sciencia e de arte com que foram escriptas essas trezentas e sessenta paginas, á psychologia summaria, ao descosido da composição, á confusão de generos, ao charlatanismo grosseiro, ás lacunas de cultura e á barbarie de lingua de alguns dos mais illustres representantes do romance francez contemporaneo, é impossivel não marcar um logar á parte a esse nobre espirito e declarar que desde *Madame Bovary* não se fez nada semelhante.

Um grande philosopho moderno, propugnador do determinismo universal e do automatismo humano; um aprendiz de psychologo, feito de sensualidade e orgulho, e a quem uma herdada morbidez de organisação aggravada por uma perigosa direcção de cultura conduz ás peores experiencias; uma donzella de nobre raça, em cujo caracter se combinam a sensibilidade exaltada e a imaginação romanesca com a reserva feminina e a altivez patricia; o conde seu irmão, bello typo de energia corporal e de honra militar, eis os personagens do romance. Uma tentativa de seducção planeada pelo joven psychologo contra a filha da familia onde entrára como preceptor, e instituida como uma experiencia sobre o coração feminino; a dramatica historia da paixão calculadamente provocada e exacerbada e o seu desfecho tragico pelo suicidio da joven seguido na execução do seductor pelo irmão da morta; as duas crises de consciencia do philosopho e do soldado subitamente envolvidos na mesma catastrophe e reagindo cada um segundo a logica das suas naturezas intimas, eis a acção nas suas phases capitaes. O antagonismo affirmado entre a concepção fatalista do universo e do homem e os interesses da vida moral, e a necessidade insinuada de subordinar a investigação intellectual á consideração das consequencias praticas, eis a intenção não completamente explicita do livro. — É preciso analysar estes

tres pontos para comprehendermos o pensamento e medirmos o alcance d'esta obra superior em toda a sua plenitude.

I

Dos quatro caracteres, entre os quaes se trama e resolve a acção, o primeiro estudado é o do philosopho Adrien Sixte, mestre dilecto e guia intellectual do protogonista que dá nome ao romance. Porventura é pela primeira vez que se estuda n'uma obra d'arte o mecanismo interior d'essa classe de espiritos a que o auctor chama a especie social dos philosophos de profissão, e que se descreve com tanta mestria uma fórma de existencia humana, que a sua propria natureza torna tão pouco accessivel como interessante em extremo. Com os dados extrahidos da biographia dos grandes philosophos, em especial da vida de Spinosa por Colerus, e completados pela observação pessoal, o romancista construiu e fez mover um maravilhoso exemplar do pensador que vive unicamente para o pensamento, e que se poderia definir: uma curiosidade servida por uma intelligencia. Basta comparar esse admiravel primeiro capitulo do *Discipulo* com as magras paginas consagradas por Octave Feuillet na *Morta* a um typo da mesma familia para medir a distancia que vai d'um narrador habil capaz de interessar, a um grande analysta capaz de vêr e mostrar. Paulo Bourget conservou-se á altura do seu talento n'essa magistral analyse. O seu Adrien Sixte é uma figura que prende tanto pela originalidade dos aspectos como pela logica das reacções pessoaes. Todas as circumstancias da sua vida collaboram na producção do seu caracter e todas as manifestações da sua actividade concordam na expressão d'esse caracter. Os pormenores accumulados pelo romancista convergem para gravar na imaginação do leitor uma figura typica, e estudando as séries d'esses pormenores acha-se que a sua escolha e a ordem em que estão

dispostos obedecem a uma logica profunda e derivam todos da concepção geral d'uma alma. É preciso pesar uma por uma essas phrases tão cheias de intenção e alcance, é preciso medital-as e commental-as para avaliar os recursos de que já hoje dispõe para a comprehensão e pintura da Vida o romance experimental moderno, e para medir a efficacia do instrumento de analyse applicado pela curiosidade contemporanea a todas as provincias do espirito humano.

Uma curiosidade servida por uma intelligencia, eis a definição do Philosopho. E esta definição assenta com uma perfeição inexcedivel no Adrien Sixte do romance. A Vida apresenta exemplares, ainda que raros, do pensador exclusivamente votado á invenção das idéas e á comprehensão das coisas; mas os accidentes d'ella impedem muita vez que elles attinjam a plenitude de expansão e crescimento compativeis com a especie. É proprio da Arte corrigir a natureza, e substituir á confusão resultante das influencias encontradas ou eventuaes a bella convergencia das causas e a perfeita jerarchia das forças. Paulo Bourget viu isto. O seu Adrien Sixte é actuado por forças que collaboram d'um modo unanime para a determinação do seu caracter e favorecido por circumstancias que permittem a expansão plena da sua natureza. Oriundo da fronteira allemã, herdou com o sangue o genio d'essa gente que estanceia nas margens do Rheno, a mais eminente entre os europeus para a comprehensão e a producção das idéas geraes. Filho d'um relojoeiro, as primeiras impressões que recebeu foram as da regularidade automatica dos mecanismos que seu pai montava e desmontava, e porventura um pouco de minuciosidade do industrial se transmittiu na capacidade analytica do pensador. — Filho unico e estremecido, e herdeiro de uma pequena fortuna, pôde durante a vida e após a morte de seus paes libertar-se de todo o trabalho d'ordem pratica e votar-se exclusivamente á especulação pura. — Nascido em 1839 teve os seus 25 annos em pleno segundo imperio, quando a inanidade demonstrada do eclectismo official tornava possivel a renascença da grande invenção independente; os progressos das sciencias positivas

preparavam os materiaes para as futuras construcções; e o estreitamento das relações commerciaes e diplomaticas que assignala essa época abria a França e o seu pensamento ás influencias estrangeiras. — Dotado d'uma excepcional capacidade philosophica, servida por uma energia de trabalho infatigavel e estimulado por um ardor concentrado de paixão, a sua aptidão completa-se em vocação. — Destituido de observação exterior, de memoria dos pormenores physicos, e de interesse pelas coisas particulares e pelos individuos, o seu espirito indifferente ao sortilegio da Belleza, e ao imperio do Bem, permanece accessivel sómente á seducção das idéas, e philosopho pelo alcance da sua intelligencia é-o tambem pela especie da sua imaginação e pelos instinctos do seu coração.

Quando um homem é d'um certo modo, *procede* d'uma certa maneira e *apparece* sob uma certa fórma, e as qualidades do nosso sêr se reflectem nos actos da nossa vida como nas linhas do nosso aspecto. Paulo Bourget sabe-o e faz vêr que o sabe. Physionomia, vestuario, alojamento, costumes, gostos, opiniões, estylo e biographia tudo concorda para manifestar e accentuar o mesmo caracter. Essa face rapada e inexpressiva, essa bocca de labios finos e firmes, esses olhos doentes e munidos de lunetas escuras, esse corpo esgalgado com grandes ossos, pintou as longas influencias da vida sedentaria e estudiosa sobre um organismo capaz de ser o instrumento d'um trabalho obstinado e o supporte d'uma vontade energica, como a vastidão do frontal e o tom bilioso da tez annunciam a superioridade da intelligencia especulativa e o ardor da paixão concentrada. Esse longo casaco mal feito, esses sapatos atados com cordões, esses cabellos compridos, esse chapeu molle e dobradiço revelam a perfeita indifferença do pensador preoccupado e distrahido, pelas considerações de elegancia ou conveniencia. Essa letra clara e symetrica torna visivel como a regularidade da marcha bem coordenada o equilibrio estavel dos nervos domesticados. O exiguo alojamento situado n'um bairro tranquillo de Paris, junto ao jardim das Plantas, e de cujas janellas se domina

um vasto horisonte abriga e distingue como a concha ao mollusco, o pensador amigo da tranquillidade cuja natureza meditativa se compraz na contemplação longinqua do amplo campo em que se debate a actividade dos homens, e o psychologo moderno nutrido de sciencias naturaes, e que procura no estudo da vida animal a explicação do enigma humano. E tal é o seu aspecto, taes são a sua vida e os seus habitos. Nascido em Nancy em 1839, manifestára desde pequeno um caracter taciturno e uma intelligencia precoce. Seguindo os estudos distinguiu-se na classe de philosophia por uma capacidade extraordinaria. O seu professor, surprehendido com o seu raro talento de metaphysico, quiz decidil-o a preparar-se para a Escóla Normal. Na sua qualidade de verdadeiro philosopho, Adrien Sixte recusou-se, preferindo o trabalho manual que pelo menos não deforma o espirito imprimindo-lhe uma attitude fixa. Seus paes, desolados com esta resolução, não consentiram comtudo que elle aprendesse um officio. E assim o joven pensador pôde passar os dez melhores annos da vida estudando em plena liberdade. Esses dez annos empregou-os em aprofundar o conhecimento da philosophia ingleza e allemã, e em aperfeiçoar-se tanto nas sciencias mathematicas como nas naturaes, nomeadamente na psysiologia cerebral. Em 1869 publicára o seu primeiro livro, a *Psychologia de Deus*, que causára escandalo pela audacia das soluções e pela energia da negação. Em 1872, tendo perdido seus paes e herdado uma pequena fortuna a um parente, viera estabelecer-se em Paris resolvido a levar uma vida inteiramente consagrada ao estudo. Estava decidido a permanecer solteiro, a não frequentar a sociedade, a não solicitar honras nem dignidades, e o que é mais raro, a não se importar com a reputação. Emfim a seguir um programma de vida inteiramente monastica.

E esse programma de vida havia quinze annos que o cumpria á risca com a tenacidade propria das naturezas concentradas. Partindo d'este principio, que a ordem liberta o pensamento, todos os seus actos submettia-os a um horario inflexivel, como os de um collegial ou d'um soldado. Levantava-se ás

seis, trabalhava até ás dez. Almoçava rapidamente e dirigia-se ao jardim das Plantas, onde estava até ao meio dia passeando e observando, ordinariamente em frente da gaiola dos macacos. Ao meio dia voltava a casa e tornava a sentar-se á banca onde se conservava até ás quatro da tarde. Das quatro ás seis recebia, tres vezes por semana, algumas visitas; outras tres sahia a fazer as visitas indispensaveis. Ás seis jantava, e tornava a dar um passeio. Ás oito voltava e lia ou punha em dia a sua correspondencia. Ás dez apagavam-se as luzes e deitava-se para recomeçar no dia seguinte. Este viver monacal soffria uma interrupção ás segundas, dia que o philosopho escolhera para passar no campo, visto os domingos estarem sujeitos á affluencia da população em feriado, e á sua promiscuidade turbulenta, repugnante ao pensador. Durante quinze annos nunca aceitára um convite para jantar nem entrára n'um theatro. Nunca lia um jornal e o seu desprezo pela politica só era excedido pelo que votava á philosophia official. Conhecedor dos obstaculos que a sensibilidade oppõe á comprehensão cabal das coisas, nomeadamente no dominio das sciencias moraes, supprimira em si todo o sentimento de compaixão ou amizade. Cortára as relações com a familia, nunca dava uma esmola, e derradeiro traço que accentúa o seu caracter e resume a sua concepção da vida: detestava o Christianismo.

A vida e os costumes d'um homem fazem corpo com as suas opiniões. E quando estas são elevadas, de vasto alcance, entre si coherentes e apoiadas em argumentos constituem uma philosophia. A de Adrien Sixte está exposta em tres livros. São tres tratados de psychologia, dos quaes o primeiro se intitula *Psychologia de Deus,* o segundo *Anatomia da vontade,* o terceiro *Theoria das paixões.* Todos estes livros estão escriptos n'um estylo que impressiona nas passagens transcriptas pela nitidez perfeita e o vigor contido. Elle é um documento acabado do espirito que vimos analysando. Quanto á intelligencia, essa prosa manifesta um raro dom de abstracção alliada a habitos d'analyse, e a preponderancia de idéas nitidas. Quanto ao caracter, ella annuncia o amor ex-

clusivo da verdade, a perfeita indifferença ás considerações de gloria ou exito, o desdem pelos artificios oratorios, e a convicção que ornar a verdade é deshonral-a. Firme e fria, tranquilla na sua deshumana dureza, essa prosa constituida de curtas phrases descontinuas ou de sêccos periodos que nenhum sopro oratorio anima, parecem construidos com aquellas núas pedras com que Spinoza levantou a architectura cyclopica da *Ethica*.

Essa prosa serve de vehiculo a um corpo de idéas que convem expôr para a perfeita comprehensão do caracter do pensador e da acção do romance. Mas se na composição do caracter e na descripção da vida e costumes do seu heroe, Paulo Bourget mostrou-se magistral e profundo, não foi igualmente feliz na exposição da doutrina do philosopho. Alguma coisa de incoherente e vago transparece em toda essa analyse. Dir-se-hia que, dado o alargamento do campo do saber contemporaneo, é hoje impossivel possuir simultaneamente muitas erudições; e que Paulo Bourget conhecendo cabalmente a litteratura franceza e algumas das litteraturas estrangeiras, e conservando-se ao corrente dos progressos da psychologia experimental moderna, não lhe restou tempo para aprofundar os seus conhecimentos no dominio da philosophia e da sua historia. Mas ainda assim é forçoso confessar que dos romancistas francezes contemporaneos só este seria capaz de escrever o primeiro capitulo do *Disciple*.

Um philosopho francez da segunda metade do seculo XIX, educado no convivio das sciencias naturaes e na frequentação dos pensadores inglezes e allemães, eis como nos apresenta Paulo Bourget o seu Adrien Sixte. Vindo depois da revolução operada por Kant, elle affirma com a escóla critica que o espirito é impotente para conhecer as causas e as substancias, e que se deve limitar a coordenar os phenomenos. O seu primeiro livro, a *Psychologia de Deus*, é uma these tendente a demonstrar que a idéa d'uma causa primaria é uma illusão do espirito cuja producção necessaria se explica pelo simples jogo das leis da intelligencia. Isto é claro e preciso. Não o é igual-

mente o que segue. Paulo Bourget attribue ao seu heroe um trabalho pessoal que elle chama «uma analyse negativa de aquillo que Herbert Spencer denomina o Incognoscivel». E explica: «É sabido que o grande pensador inglez admitte que toda a realidade repousa sobre um fundo que é impossivel penetrar; portanto, é preciso, para empregar a formula de Fichte, comprehender este fundo como incomprehensivel. Mas como o attesta com energia o começo dos *Primeiros principios*, para Spencer este Incognoscivel é real. Elle vive, por isso que nós vivemos por elle. D'ahi vai apenas um passo a conceber que este fundo de toda a realidade envolve um pensamento, por isso que o nosso pensamento sae d'elle, um coração, por isso que o nosso coração d'elle deriva. Muitos bons espiritos entrevêem desde já uma reconciliação provavel da sciencia com a religião n'este terreno do Incognoscivel. Para Adrien Sixte é esta uma derradeira fórma da illusão metaphysica que elle se encarniçou em destruir com uma energia de argumentação que se não tinha admirado em tão alto grau depois de Kant». Esta pagina é ambigua. A prosa tão nitida de Paulo Bourget torna-se confusa, e perde aqui a sua precisão habitual. Não salta aos olhos se o que o seu Adrien Sixte nega é a existencia do Incognoscivel ou a sua personalidade. E esta confusão nas idéas fundamentaes propaga-se ao resto da doutrina. Não se vê bem em que o philosopho baseia a sua categorica affirmação da fatalidade das leis naturaes. Observa-se, e observa-se com razão, que uma tal constancia só póde derivar d'uma necessidade logica ou de uma vontade omnipotente. Que Adrien Sixte se priva do primeiro recurso pela sua desconfiada timidez em metaphysica, e do segundo pelas suas prevenções anti-religiosas de livre-pensador. Certamente um romancista não é responsavel pelas incoherencias dos seus personagens, mas a creação de Adrien Sixte seria mais completa se a mesma logica que se admira no desdobramento da sua biographia se manifestasse na economia do seu systema. De resto era facil dar á doutrina do pensador a mesma grande coherencia que se manifesta na sua vida. Bastaria para isso attribuir-lhe as idéas

d'um Spinoza, e uma selecção nas obras d'este grande metaphysico lhe seria tão proveitosa como provou a Bourget ser-lh'o a da sua biographia. E, se uma tal audacia especulativa repugna á concepção d'um philosopho contemporaneo, educado no convivio das sciencias experimentaes e philosophando um seculo após Kant, encontrára o romancista em Taine o modelo do pensador, em que a prudencia propria do espirito educado no cultivo das sciencias naturaes e historicas se allia ao desassombro peculiar ás intelligencias que se condecoram com a grande designação de philosophicas. No livro dos *Philosophos classicos* e no tratado da *Intelligencia* que o romancista mostra conhecer, acharia elle os elementos d'uma doutrina que satisfaria ás condições exigidas, pela sua dupla affirmação da realidade como um grupo de phenomenos, e dos phenomenos como a exteriorisação d'uma logica, conduzindo a uma concepção geral em que o mundo apparece como uma grande variavel, necessaria na sua existencia e regular nas suas metamorphoses. Mas assim como estão expostos no romance, esse conjunto de idéas fundamentaes é mais digno d'um compilador como Lebon, do que um pensador eminente como Adrien Sixte.

Seja como fôr, o que o romancista attribue ao seu philosopho é a crença na universal fatalidade, e esta inflexivel fatalidade é igualmente affirmada no mundo physico e no mundo moral. Profissionalmente este pensador era um psychologo, e lê-se com o mais vivo interesse os trechos transcriptos da sua *Anatomia da vontade* e da sua *Theoria das paixões*, paginas crivadas de observações profundas sobre a natureza e origem dos sentimentos e a sua ligação com os actos. Profundamente imbuido da idéa de evolução inventada pelos grandes allemães dos principios do seculo e popularisada sob o nome d'alguns illustres inglezes contemporaneos, Adrien Sixte tentára sobre as paixões um trabalho analogo ao de Darwin sobre as fórmas animaes, e esforçára-se por mostrar que todos os nossos sentimentos, os mais nobres como os mais baixos, derivam de raizes instinctivas cuja continuidade se póde seguir ao longo de toda

a série animal. Entre essas analyses avulta uma theoria do amor, duplamente interessante pelo alcance e novidade das observações como pela sua ligação com a acção do romance. Para o grande psychologo o amor é um producto, e como tal determinado por condições fixas, de sorte que quem conhecer os elementos d'esta paixão e as leis definidas segundo as quaes elles se combinam, poderá obtel-o com segurança como qualquer producto industrial. E a ternura não é para elle uma emoção espontanea recahindo n'um dado objecto por livre eleição, mas um estado da alma que é possivel prevêr e provocar.

O mesmo espirito que anima a *Theoria das paixões*, inspira d'uma ponta a outra a *Anatomia da vontade*. Como logo o indica o titulo, a Vontade não é para o auctor essa energia, una, constante, eminentemente simples e idealmente autonoma, que os moralistas e os juristas tomam para base das suas deducções, mas um verdadeiro conflicto entre forças, no qual vencem as mais poderosas. Ora como estas forças são os instinctos herdados, os habitos adquiridos e as impulsões activas determinadas pelas imagens presentes, segue-se que não ha mais liberdade dentro de nós que fóra de nós, e que o automatismo humano não é mais que um caso do determinismo universal. E que em summa o homem póde ser definido, segundo a forte expressão d'um pensador, como um theorema em marcha.

Assim um philosopho de vocação e profissão, philosopho na vida, nos costumes, nos sentimentos, nas opiniões, no vestuario e no estylo, é a primeira figura que deparámos no romance. E é a influencia d'este philosopho, propugnador do fatalismo universal, d'este psychologo que considera a alma como uma machina, que se faz sentir d'um modo soberano ao longo de todo o livro, urdindo a acção e determinando a catastrophe.

II

O retrato que acaba de se lêr mostra que perspicacia de observação e que segurança de methodo presidiram á escolha e á disposição dos traços que o accentuam. O retrato que se vai lêr manifesta os mesmos dotes em grau mais alto.

Com effeito, a historia de Robert Greslou, discipulo de Adrien Sixte o protagonista do romance, é sob a sua fórma de auto-biographia uma obra-prima de analyse e de synthese e um modelo insigne da arte de decompôr e recompôr. A fórma mesmo adoptada de confissão pessoal é superiormente adequada á exposição e á explicação das phases d'essa historia, reduzindo ao minimo a intervenção do romancista e tornando possivel a presença dos commentarios que a elucidam e cuja apparição, d'outro modo, não se faria sem quebra do fio da narração e transtorno grave da harmonia do conjunto. E este artificio introduzido por um calculo extremamente feliz é aproveitado com uma sagacidade superior. Todas as forças e circumstancias que podem concorrer para formar e modificar um caracter, todos os accidentes eventuaes e casos fortuitos que podem intervir para suggerir tal pensamento ou determinar tal acto estão descobertos e dispostos no logar que lhes compete com uma justeza de olhar e uma firmeza de mão que surprehendem e satisfazem. Vê-se uma a uma todas as grandes causas que collaboram na producção d'um espirito, qualidades herdadas, impressões de infancia, influencias de educação, acção dos livros, especie das companhias, aspectos das paizagens trazerem o seu contingente de influxos convergentes para a formação da unidade viva em que ellas se fundem. E com estas causas capitaes, ao longo de toda essa narração, succedem-se as circumstancias miudas que só uma psychologia aguda não deixa escapar, impercepticveis mas efficazes, como os incidentes de conversação ou as variações atmosphericas. E sob a acção combinada

de todos estes agentes o caracter accentua-se, as opiniões arraigam-se, os habitos adquirem-se, as maneiras de pensar e de sentir harmonisam-se e completam-se e por seu turno estes effeitos geraes transformam-se em causas, d'onde deriva a cada instante a multidão das innumeraveis manifestações em que estas fórmas fixas da intelligencia e da vontade se traduzem e se pintam, recordações, resoluções, gestos, attitudes, expressões de physionomia, inflexões de voz, linhas do vestuario, configuração da escripta. E da collaboração perpetua d'estas causas permanentes com estas circumstancias eventuaes resulta nas suas phases capitaes e nos seus momentos particulares a marcha geral d'esse destino. É um trabalho de balistica moral. E como a trajectoria d'uma bala é determinada na sua direcção, figura, grandeza e velocidade pela qualidade e quantidade do explosivo, fórma e peso do projectil, contrucção e pontaria da arma, resistencia do meio atravessado e do alvo percutido, assim a historia d'essa vida humana é determinada pelo trabalho constante e efficaz das tendencias e aptidões hereditarias ou adquiridas na primeira infancia reagindo sob a acção do meio natural e social através do qual ella se desenrola.

É com esta abundancia de dados e com esta plenitude de intelligencia que está composto o retrato de Robert Greslou. Logo o primeiro traço marcado, a capacidade de se desdobrar, accentua fundamente a qualidade capital do seu espirito. E ella, persistente e innata, que define a especie moral em que o seu possuidor deve ser incluido, determinando-lhe a vocação de psychologo como o dom da visão topographica determina o genio estrategico, ou a capacidade da visão colorida determina o talento pittoresco. Ella consiste, essa faculdade, na tendencia e na aptidão para encarar os estados da propria intelligencia e sensibilidade como se fossem estranhos ao espirito que os contempla, em permanecer alheio a si mesmo e espectador desinteressado do seu proprio drama intimo; em resumo, no habito de tomar o mundo interior como um mero campo de observação e o sujeito do conhecimento como um puro objecto de conhecimento. É por ella que um psychologo é psychologo, e o estudo

do espirito uma sciencia natural. Ella se manifesta no protagonista por uma multidão de traços e mantem-se intacta em todas as phases da sua vida. Essa perspicacia terrivel não o abandona um instante e nada é capaz de a suspender ou perturbar: nem as illusões do amor-proprio, nem as influencias dos affectos naturaes, nem as prevenções da aversão entranhada, nem o delirio do amor e do desejo, nem a eminencia da morte physica, nem o pudor da dignidade pessoal. É uma especie de cynismo sublime, estranho á gratidão, ao respeito, ao amor, ao medo, ao odio, que desfia as componentes remotas dos caracteres e as causas occultas dos sentimentos, e fita no fundo do coração alheio ou proprio uma pupilla immovel e sem palpebras. É esta probidade suprema da intelligencia, mixto de abnegação e descaro, que dicta as estranhas paginas d'essa confissão em que a longa autopsia d'uma alma se desenrola acompanhada de autopsias agudas d'outras almas, sem que nenhum movimento de paixão venha prejudicar a nitidez da analyse e o valor dos resultados.

Essa capacidade de se desdobrar, que é o traço fundamental do espirito do protagonista, resulta da acção combinada da herança, da educação e das circumstancias de infancia e de adolescencia. E é ainda da acção combinada d'estas tres ordens de causas que derivam os outros traços capitaes da intelligencia e caracter cujo conjunto constitue uma individualidade singularmente original e interessante.

Estes outros traços são: a intemperança do desejo e a violencia das paixões, a incapacidade de acção e o amor da vida contemplativa, a preponderancia morbida do systema nervoso n'um corpo franzino, um precoce espirito de analyse posto ao serviço d'uma curiosidade infatigavel, o sentimento da solidão em frente dos outros homens e de irremediavel derrota em presença do mundo, e um mixto de orgulho e sensualidade que o leva a não vêr nas coisas e nas pessoas mais do que simples instrumentos de prazer ou amor-proprio. Junte-se uma concepção do universo em que a percepção do mysterio incomprehensivel que existe no fundo de tudo se allia á convicção da in-

flexivel fatalidade que governa tanto os corpos brutos como os sêres pensantes, e uma concepção da vida que faz do individuo o centro do mundo e dá como typo e modelo á sua actividade o dilettantismo desdenhoso que vê em tudo uma occasião para experiencias capazes de enriquecer o thesouro interior de pensamentos e sentimentos. Traços estes que é facil encontrar dispersos em varios exemplares da decadencia contemporanea, doente pelo abuso da intelligencia e pela anemia da vontade, mas que só uma creação artistica póde apresentar coordenados n'um conjunto harmonico, ampliados até á importancia d'um typo e explicados nas suas origens e consequencias.

De duas maneiras influem os paes na formação do caracter dos filhos: pela transmissão das qualidades herdaveis e pela influencia da educação e do exemplo. O pae de Roberto Greslou era um engenheiro de pontes e calçadas, homem de saude fraca e inapto para a acção, mas dotado d'uma grande cultura e d'uma pronunciada vocação scientifica. D'elle herdára o filho a debilidade physica, os nervos morbidos, a violencia das paixões e a intemperança do desejo, a curiosidade e a capacidade scientifica, e a inaptidão para a vida activa. D'esse pae, lôreno e oriundo d'uma fluctuante e complexa população de fronteira, recebera ainda provavelmente a capacidade de se desdobrar e essa estranha tendencia para as metamorphoses, que o levava em pequeno nas conversações com os condiscipulos a contar de si toda a sorte de historias imaginarias, não para se gabar, mas pelo prazer de *ser outro*, e mais tarde a simular e sustentar opiniões contrarias ás suas só pelo gosto de fazer revestir novas fórmas á sua alma. É ainda d'esse pae e da sua indifferença em materia de religião, contrastando com a piedade fervente da mãe e as praticas de devoção a que esta submettia o filho, que a creança recebera o germen d'esta convicção, que o homem superior não está obrigado aos mesmos deveres que o homem ordinario e que ha duas moracs, uma para norma do vulgo, outra para uso dos pensadores. Finalmente, é ao pae que o protagonista deve a sua idéa do mundo tal como ella resulta do conjunto de verdades adquiridas, accu-

muladas pelas sciencias positivas nos ultimos trezentos annos. Os longos passeios que os dois davam através d'essa paizagem verdejante e vulcanica da França central eram verdadeiras excursões de naturalista. Tudo que lhes cahia sob a vista era occasião para um trabalho de explicação racional, desde as flôres e os insectos jazendo aos seus pés até o horisonte torvo de montanhas, a magnificencia calma do céo crivado de estrellas que os circumdava e cobria. Os astros, sua origem e estructura, a formação da Terra destacada do nucleo central e projectada como um globo incandescente; o torvo drama da agua e do fogo, e a historia d'essas forças, que através de catastrophes, como estatuarios sobrehumanos, riscaram o vulto e as feições das montanhas; a successão das floras e das faunas substituindo-se umas ás outras sobre o scenario convulso ou já tranquillo do planeta; a apparição do Homem, suprema corôa e derradeiro producto da evolução dos sêres; taes seriam as visões que a palavra lucida do sabio evocaria perante a imaginação precocemente inflammada d'uma creança de dez annos. Este ensino dado na presença da Natureza, em perpetua confrontação com a paizagem ambiente e com o caracter d'uma verdadeira lição das coisas, depositára no espirito da creança o germen das suas futuras convicções scientificas e a preponderancia de habitos de analyse.

A influencia materna exerceu-se não directamente, mas por um effeito de reacção. A mãe de Roberto Greslou era uma mulher do meio-dia, curta e imperiosa, em cuja cabeça as idéas appareciam nitidas e pouco numerosas, produzindo uma consequente incapacidade para penetrar no entendimento e no coração dos outros e uma tendencia para impôr a sua vontade aos outros. Estreita, ignorante, cheia de preconceitos religiosos e de respeitos mundanos, a pobre mulher era a menos propria para educar uma creança singularmente complexa, d'uma precocidade assustadora e a quem o ensino paternal já abríra uma concepção da vida, superior ás superstições e ás conveniencias. Duas anecdotas finamente escolhidas pintam os inicios d'este antagonismo natural, que mais tarde devia degenerar n'um ir-

remediavel divorcio, aggravando-se todos os dias, graças á inintelligencia da mãe e ao caracter reservado do filho. Corajosa e dedicada, a excellente senhora quiz, após a morte do marido, occupar-se da educação de Roberto, unico objecto da sua affeição. Mas todos os seus passos não faziam senão profundar cada vez mais o abysmo que a separava d'esse moço coração, tão differente e tão inimigo de se abrir. Mil pequenos factos contribuiam para accentuar este antagonismo, que teve como resultado capital depositar na alma da creança o germen d'um sentimento e d'uma faculdade: o sentimento da solidão do *eu* e a faculdade da analyse interior.

Esta faculdade da analyse interior foi ainda exacerbada pela influencia da educação catholica. Roberto entrou na adolescencia por esses annos de 78 a 80, em que uma minoria audaciosa, empolgando o poder, impoz á França as suas convicções ou antes as suas negações em materia religiosa. Mas essa propaganda racionalista, assignalada na reforma do ensino, não exerceu acção sobre um joven, educado fóra do collegio, em companhia de sua mãe. Essa mãe catholica fervorosa, quando o filho attingiu a idade conveniente, submetteu-o ás praticas prescriptas. A preparação para a primeira communhão foi o grande facto inicial d'essa adolescencia. É facil prevêr, dada a imaginação e a sensibilidade do joven, que elle devia atravessar uma crise de mysticismo. O seu confessor, educado na tradição jansenista e dotado d'uma ferocidade de imaginação extraordinaria, contribuiu para o perturbar ainda mais pela pintura atrozmente realista dos supplicios eternos. Esta convicção, cahindo n'um espirito já preparado para a analyse interior, deu em resultado exames de consciencia d'uma subtileza e d'uma minucia infinitas. O confessionario transformou-se n'um curso de psychologia. O escrupulo, essa doença dos fracos, apoderou-se d'essa alma morbida e inspirou-lhe um trabalho de dissecção intima levado até o extremo. Depressa a confissão tornou-se um prazer em vez d'uma penitencia, e uma curiosidade profana substituiu a contricção das faltas. Ajunte-se que a vivacidade da imaginação esgotava de antemão as delicias do extase,

a ponto de fazer da primeira communhão uma verdadeira decepção.

Este accesso de sentimento religioso não podia porém durar muito. Tres causas contribuiram para a desaggregação da fé christã em Roberto Greslou. A primeira foi a applicação da faculdade critica exercida sobre o seu proprio confessor, trabalho que teve como resultado destruir a confiança do joven no sacerdote zeloso, mas pouco intelligente, que escolhera para director espiritual, como já tinha destruido toda a intimidade moral entre a creança e a mãe. A segunda causa que operou no mesmo sentido, foi a convicção da incompatibilidade entre a superioridade do espirito e as crenças catholicas, convicção cujo germen fôra depositado pela indifferença paterna em materia religiosa e cuja energia foi augmentada pelo scepticismo prestigioso dos jovens professores, chegados de Paris, contrastando com a curteza de idéas das devotas que frequentavam a casa de sua mãe. A terceira causa e a mais grave porque atacou não só as crenças religiosas, mas ainda as suas convicções moraes, foi a descoberta da litteratura contemporanea, abrangendo n'esta designação os monumentos da floração romantica e as obras que continuam esse movimento até os nossos dias. O que caracterisa este periodo é a preponderancia do individualismo, manifestando-se, como é natural, nas organisações poeticas pelo abuso da imaginação e da sensibilidade, caracteres que distinguem a litteratura franceza do seculo XIX da dos dois seculos que o precedem, dominada a do seculo XVII pela influencia da Monarchia e da Igreja, a do seculo XVIII por um ideal de Humanidade e Justiça. Este individualismo sem freio, assignalado na anarchia das idéas e na perversão dos sentimentos, faz da litteratura franceza contemporanea, qualquer que seja a abundancia e esplendor dos seus monumentos, um poderoso agente de corrupção. A sua influencia em Roberto Greslou foi não só fomentar o seu scepticismo religioso, mas ainda perverter-lhe a consciencia moral pelo contraste accentuado entre a magnificencia de certas faltas e a mesquinhez dos deveres quotidianos. Musset sobretudo, o poeta mordente da paixão pura e seductor

incomparavel dos corações moços, exerceu uma influencia decisiva sobre elle, inoculando-lhe na alma o virus das curiosidades carnaes e desenrolando ante os seus olhos de quinze annos as perspectivas d'uma vida superior, passada n'um seenario de luxo e opulencia, entre as crises e os conflictos do sentimento. O esplendor e a graça do peccado, o prestigio soberano da impiedade deslumbraram-no e conquistaram-no. E n'este coração ainda tenro já eivado do veneno do scepticismo e do egoismo philosophico pelo abuso da reflexão preeoce, a eloquencia fascinante dos grandes poetas contemporaneos veio atear a febre do orgulho e das concupisceneias carnaes.

Este appello á imaginação, feito por intermedio das obras litterarias, teve, ao primeiro ensejo, a sua repercussão na vida dos sentidos. Uma rapariga de condição humilde que ia trabalhar ás ordens da mãe de Roberto, aproveitou-se da circumstancia de se achar a sós com o joven para o encher de beijos soffregos e convidal-o a que a procurasse em sua casa. A curiosidade e os desejos arrastaram-no a uma primeira entrevista depressa seguida de outras. Porque apesar da nausea e dos remorsos que uma tão baixa ligação provocavam n'esse moço impregnado de ensino religioso e cultura poetica, a tyrannia do temperamento tornava vã todas as resoluções do espirito. A incapacidade de resistir ás paixões, que era um dos traços herdados do seu caracter, manifestava-se agora pela derrota repetida e constante da Vontade e da Razão. No conflicto de motivos travado no campo da sua conseieneia todas as considerações de nobreza ou delicadeza cahiam por terra á simples apparição da imagem impura. E ao lado do adolescente mystico, educado nas praticas catholicas e do joven romaneseo desvairado por leituras perigosas, surgiu e creseeu, complieando essa natureza já tão multipla, uma ereatura instinctiva corrompida pelas experiencias clandestinas da carne.

Mas complicando essa complexidade ia intervir um elemento poderoso, cujo germen já fôra depositado em Roberto pelo ensino paternal: o espirito scientifico. A continuação dos seus estudos secundarios conduziu-o á classe de Philosophia. E

logo ás primeiras lições o encanto das idéas geraes subjugou-o. A Psychologia sobretudo, bem que limitada a proporções mesquinhas e curvada aos preconceitos do ensino official, fascinou esse espirito que as circumstancias da vida e uma capacidade innata destinavam de ha muito para o estudo dos factos mentaes. Depressa a leitura dos compendios e as prelecções dos professores foram incapazes de satisfazer a sua avidez intellectual. E entre os numerosos expositores que a sua sêde de saber o levou a consultar, cahiu-lhe entre as mãos um dia a *Psychologia de Deus*. O effeito foi fulminante. Arrastado pela curiosidade crescente foi conduzido a lêr a *Theoria das paixões* e a *Anatomia da vontade*. A audacia do grande analysta fascinou-o, a sua doutrina conquistou-o. O rigor inexoravel da sua analyse, manifesta na nitidez e na ordem da sua prosa, seduziu este filho de mathematico pelo prestigio que exerce a semelhança dos genios, como o cuidado do philosopho em estribar toda a sua argumentação em factos tomados das sciencias experimentaes, seduzia o antigo aprendiz de naturalista pelo encanto d'um velho habito intellectual, exercido após longos annos de interrupção. Ao mesmo tempo a doutrina a que esses livros serviam de vehiculo vinha coordenar n'uma concepção do mundo e da vida os elementos esparsos que fluctuavam n'esse espirito actuado por influencias tão encontradas. A *Psychologia de Deus* transformava o seu scepticismo religioso em negação critica, allegando que a hypothese d'uma Causa primeira é um absurdo, e que a crença n'este absurdo é-nos imposta pela propria construcção da nossa intelligencia, desenrolando assim ante os seus olhos o espectaculo terrivel de um Universo, governado pela fatalidade das leis naturaes, na ausencia de Providencia ou Finalidade — *A Theoria das paixões* e a *Anatomia da vontade* vinham explicar e cohonestar, explicando as suas miserias interiores: a solidão moral e o consequente egoismo pela consideração de que todos os affectos repousam sobre illusões e que o *eu* é impotente para sahir fóra de si; a escravidão sensual pela consideração da força preponderante do temperamonto e do instincto; os requintes de com-

plicação e a falta de franqueza pela influencia da herança e da educação; a curiosidade e sympathia para com os estados morbidos da alma pela presença d'uma vocação innata de psychologo. Esta philosophia encontrava um commentario vivo n'essa paizagem vulcanica da França central, antigo scenario das convulsões da Terra, circo torvo de montes levantados e abatidos pelo jogo cego de forças fataes. — E d'esta concepção do Mundo derivou uma concepção da Vida. No meio d'uma Natureza indifferente ou hostil, na ausencia d'um Deus paternal e justiceiro, na convivencia de almas humanas que a lei mesma da sua estructura separa de nós por um abysmo, só podemos contar com o nosso *eu*. Exaltar a vida d'esse *eu* ephemero, transformando as coisas e as pessoas em meras fontes de pensamentos e sentimentos, tal era para Roberto Greslou a regra de proceder, propria d'um espirito esclarecido. E n'este desgraçado corrompido por tantas coisas diversas, e que transformava tudo em agentes corruptores, o Pensamento veio a ser o derradeiro e mais poderoso principio de perversão.

Que o leitor recue agora um passo para abranger n'um relance d'olhos os resultados d'esta longa analyse. Represente-se um espirito d'um valor e d'uma cultura rara, psychologo por instincto e por gosto, destinado pela natureza e pelo alcance da sua intelligencia a uma gloriosa carreira no dominio das sciencias mentaes. Mas dotado d'uma sensibilidade exagerada e morbida, destituido de senso moral e de sympathia humana, tendo o amor da mentira gratuita e das perversas experiencias, corrompido por baixos appetites e habitos, egoista por natureza e por systema, e duas vezes desvairado pela incontinencia de paixões freneticas e pela adhesão a um naturalismo corruptor. Complete a percepção dos traços moraes pela visão dos aspectos physicos e imagine esta alma cuja estructura já conhece possuida por um moço de vinte e um annos, de constituição franzina, voz um pouco surda, olhos demasiado vivos n'uma physionomia insinuante, e no qual os gestos bruscos, a mobilidade de physionomia, o descahido da letra, as alternativas rapidas de enthusiasmo e desanimo annunciam a desordem do sys-

tema nervoso. Reflicta que todos estes traços moraes e physicos fazem corpo entre si e concorrem todos para accentuar uma figura unica. Considere que os aspectos varios d'essa figura estão explicados um por um pela influencia da herança, da educação, das companhias, das leituras, das paizagens e dos homens com um rigor e uma ordem inexcediveis. Ajunte emfim que nenhum d'estes traços está marcado em vão, mas que todos elles isolados ou combinados entre si e com as circumstancias intervêm efficazmente na marcha da acção e motivam cabalmente o proceder do heroe e diga se ha no romance francez contemporaneo alguma coisa que se lhe compare, e se não é preciso remontar até Flaubert, talvez mesmo até Stendhal para encontrar uma tão magistral analyse.

Moniz Barreto.

A PHILOSOPHIA DE TOLSTOI[1]

I

Este phenomeno é commum a todas as religiões, mas nunca, parece-me, se manifestou tão vivamente como christianismo. Manifestou-se mais vivamente: 1.º porque a doutrina de Jesus é a doutrina mais elevada; e digo que é a mais elevada porque a metaphysica e a ethica, na doutrina de Jesus, estão tão indissoluvelmente ligadas uma á outra que é impossivel desligal-as sem despojar a doutrina da sua razão de ser; 2.º porque a doutrina de Jesus é de si um protesto contra toda a fórma, quer dizer a negação, não só do ceremonial judaico, mas mesmo de toda a especie de culto exterior. É por isso que no christianismo a separação arbitraria da metaphysica e da ethica devia desfigurar completamente a doutrina e despojal-a de todo o sentido; e foi o que de facto aconteceu. Esta separação começou com a predica de S. Paulo que conhecia imperfeitamente a doutrina ethica formulada no Evangelho de S. Matheus, e que prégava uma theoria metaphysico-cabalistica estranha á doutrina de Jesus, e foi consummada sob Constantino quando

[1] Continuado da pag. 191, do numero de fevereiro.

se achou possivel proclamar christã toda a organisação social pagã sem mudança alguma, cobrindo-a com o manto christão. Desde Constantino, pagão por excellencia (que a Igreja admitte entre os santos da christandade por todos os seus vicios e crimes), começam os concilios, e o centro de gravidade do christianismo desloca-se definitivamente e repousa sobre a parte metaphysica da doutrina. E esta doutrina metaphysica com o ceremonial que lhe anda ligado, afastando-se progressivamente da sua significação primitiva, chega a ser o que é actualmente: uma doutrina que nos explica os mysterios da vida celeste mais inaccessiveis á razão humana, que nos dá as formulas mais complicadas, mas nenhuma doutrina religiosa regulando a nossa vida terrestre.

Em logar de guiar o mundo na sua vida, a Igreja por complacencia com o mundo explicou a seu modo a doutrina metaphysica de Jesus, de maneira que não derivava d'ella nenhuma obrigação para a vida e por conseguinte nenhuma necessidade para os homens de viverem melhor do que viviam. A Igreja capitulou perante o mundo, e, depois de ter cedido uma vez, deixou-se levar a reboque. O mundo fazia tudo o que lhe agradava deixando á Igreja o cuidado de desembaraçar-se, como podesse, nas suas explicações sobre a significação da vida. O mundo organisava a sua vida d'uma maneira absolutamente contraria á doutrina de Jesus, e a Igreja imaginava compromissos com o fim de demonstrar que os homens, vivendo contrariamente á lei de Jesus, vivem d'accordo com esta lei. D'ahi resultou por fim que o mundo pôz-se a viver uma existencia peor que a existencia dos pagãos e que a Igreja não só justificou essa vida, mas provou que é precisamente n'ella que consiste a doutrina de Jesus.

Mas chegou um tempo em que a verdadeira doutrina de Jesus, que se achava nos Evangelhos, veio á luz não obstante a Igreja que, sentindo-se culpada, procurava abafal-a (por exemplo, prohibindo a traducção da Biblia); veio um tempo em que esta luz penetrou até ao povo por intermédio dos sectarios, mesmo livres-pensadores mundanos, e a falsidade da doutrina

da Igreja veio á luz diante dos homens que começaram a mudar a sua antiga existencia justificada pela Igreja.

Assim os homens, independentemente da Igreja, aboliram a escravidão justificada pela Igreja, aboliram o poder dos imperadores e dos papas, e procedem agora á abolição da propriedade e do Estado. E a Igreja nada d'isto prohibiu nem póde prohibir agora, porque a abolição d'estas iniquidades está conforme essa mesma doutrina christã que a Igreja préga e tem prégado depois de a ter falseado.

Assim a doutrina da vida dos homens emancipou-se da Igreja e ganhou auctoridade independente d'ella. A Igreja guardou apenas as suas explicações, mas explicações de quê? Uma explicação metaphysica só tem importancia quando ha uma doutrina da vida que serve para explical-a. Mas a Igreja não possue mais que a explicação d'uma organisação que ella outr'ora sanccionára e que já não existe; nada tem senão os templos, as imagens, as vestes douradas e as palavras.

A Igreja alimentou a luz da doutrina christã através de dezoito seculos, e querendo occultal-a nos seus vestidos, incendiou-se n'essa luz. O mundo, com a sua organisação santificada pela Igreja, repelliu a Igreja em nome d'esses mesmos principios do christianismo que ella involuntariamente nos guardou.

Tudo o que vive é independente da Igreja. O poder do Estado é baseado na tradição, na sciencia, no suffragio popular, na força bruta, em tudo o que quizerem menos na Igreja; as guerras, as relações entre os Estados, apoiam-se no principio de nacionalidade e de equilibrio; a sciencia não só não sustenta a Igreja mas sem querer hostilisa o seu desenvolvimento; a arte que outr'ora servia a Igreja abandonou-a; só o desprezo lhe resta quando a Igreja não contraría a vida humana, e o odio se a contraría. Se a formula que nós chamamos Igreja existe ainda, é unicamente porque os homens receiam quebrar o vaso que outr'ora continha qualquer coisa preciosa. É a unica maneira de explicar a existencia na nossa época do catholicismo, da orthodoxia e das differentes Igrejas protestantes.

*

A união entre a Igreja e o mundo já não tem razão de ser.

A doutrina da Igreja com os seus dogmas, os seus concilios, a sua hierarchia, está indubitavelmente ligada á doutrina de Jesus Christo. Este laço é como o que liga á mãe a creança recem-nascida; mas assim como o cordão umbilical se torna depois do nascimento pedaço de carne inutil que se enterra com cuidado por respeito pelo que continha, assim a Igreja se tornou um orgão inutil cujo tempo passou, mas que devemos conservar em quaesquer archivos pelo respeito, pelo que foi. Apenas se estabeleceu a respiração e a circulação do sangue, o laço que d'antes era a fonte da nutrição tornou-se um obstaculo. Seriam insensatos os esforços para manter esse laço e forçar a creança que vê a luz a nutrir-se pelo cordão umbilical e não pela bocca e pelos pulmões.

Mas a creança recem-nascida não vive ainda; a vida depende do novo laço que se estabelece entre ella e a sua mãe para sua alimentação.

É o que deve acontecer no nosso mundo christão. A doutrina de Jesus deu a luz a este mundo. A Igreja, um dos orgãos da doutrina de Jesus, cumpriu o seu mandato e tornou-se inutil, um obstaculo. O mundo não póde ser guiado pela Igreja, mas a emancipação da tutela da Igreja ainda não é a vida. A vida começará quando o mundo tiver consciencia da sua fraqueza e sentir a necessidade d'um novo alimento. E é o que vai realisar-se no mundo christão: gritará sentindo a sua impotencia, e a consciencia da sua impotencia, a conscieneia da impossibilidade de alimentar-se como d'antes, e da impossibilidade d'outro alimento que não seja o leite, ha de leval-o ao seio da mãe farto de leite.

O que se passa no mundo europeu, na apparencia tão seguro de si, tão ousado e decidido, e no fôro interior com tanto susto e desatino, assemelha-se á situação d'uma creança recem-nascida; toca-se-lhe e grita, parece encolerisar-se e não póde comprehender o que ha de fazer. Sente que seccou a fonte do seu antigo alimento mas não sabe ainda onde procural-o de novo.

As artes, a sciencia, a industria, a actividade politica, tudo vive com desusada energia e vigor; mas não vivem ainda porque ha pouco ainda se alimentavam pelo cordão umbilical, a Igreja, por intermédio da qual a verdade da doutrina de Jesus se communicou ao mundo. A Igreja cumpriu a sua tarefa e atrophiou-se, e o mundo deve comprehender que o periodo da antiga alimentação inconsciente acabou e necessita um novo processo de alimentação consciente. E esse novo processo consiste em reconhecer conscientemente a verdade da doutrina de Jesus que outr'ora se infiltrava inconscientemente no mundo por intermédio da Igreja; porque as verdades d'essa doutrina foram sempre a força vital da humanidade.

A doutrina de Jesus não será, porém, contraria á natureza humana? E contra a natureza, diz-se, apresentar a face depois de nos terem dado uma bofetada, dar o que possuimos, trabalhar não para si mas para os outros; é natural ao homem defender a sua segurança, a da sua familia e da sua propriedade, luctar pela propria existencia. Um sabio que estudou direito prova scientificamente que o dever mais sagrado do homem é a defeza dos seus direitos, a lucta.

Mas basta desligar-nos um instante da idéa que a organisação estabelecida pelos homens é a melhor de todas as organisações, que é sagrada, para que a objecção que a doutrina de Jesus é contraria á natureza se volte immediatamente contra quem a fez. Ninguem negará que matar ou atormentar um cão ou uma gallinha que seja, é um soffrimento que a natureza humana reprova. E todavia toda a nossa existencia está organisada de maneira que cada gozo pessoal compra-se por soffrimentos contrarios á natureza humana.

Diz-se ordinariamente que é impossivel por contrario á natureza renunciar á individualidade, confundindo-se a renúncia com a sua submissão á razão e á sua lei. Não se trata de renunciar á individualidade, qualquer coisa de inevitavel e inconsciente como a respiração e a circulação do sangue no animal, o homem não póde renunciar á sua individualidade como não póde renunciar a qualquer outra condição da sua existencia;

mas não póde nem deve tomar essas condições pela vida, consideral-as como o fim ultimo e unico da vida. Não renunciar á individualidade, mas renunciar á felicidade da individualidade, deixar de consideral-a como a vida, eis o que o homem deve fazer para que a felicidade lhe seja accessivel.

Onde porém encontrar a fé para praticar a doutrina de Jesus? A base da fé é a significação que damos á vida e que determina o que n'ella julgamos importante e bom, ou pouco importante e mau; a fé é mesmo a apreciação do bem e do mal.

Para ter fé é preciso não contar com promessa alguma de recompensa e comprehender que o unico meio de fugir ao inevitavel naufragio da vida, é a vida conforme a vontade do Senhor. Quem o tiver comprehendido não procurará mais fortificar-se na fé, mas trabalhará por salvar-se sem necessidade de exhortação alguma.

Quando os discipulos lhe pediam que os fortificasse na fé, Jesus disse: Quando o proprietario volta dos campos com o trabalhador, não lhe ordena que jante logo mas que o sirva e trate o gado, e só depois o trabalhador se senta á meza e janta. O trabalhador faz tudo isto sem considerar-se lesado nem gabar-se dos seus trabalhos, e não pede reconhecimento nem recompensa, porque sabe que assim deve ser e não faz mais do que deve, que aquella é a condição inevitavel da sua existencia e ao mesmo tempo o verdadeiro bem da sua vida. Assim, diz Jesus, quando tiverdes feito tudo o que vos é ordenado, contai que não fizestes mais do que o que devieis. Quem comprehendeu a sua posição relativamente ao Senhor, comprehenderá que só tem a vida emquanto obedece á vontade do Senhor, saberá em que consiste o seu bem e terá esta fé para a qual o impossivel não existe. Eis o que Jesus ensina. A fé, segundo a sua doutrina é baseada sobre a consciencia perfeita da verdadeira significação da vida.

A doutrina de Jesus Christo é a doutrina da verdade: e é por isso que a fé em Christo não é a crença n'um systema sobre a pessoa de Jesus, mas o conhecimento da verdade. Não

podemos persuadir ninguem a crêr na doutrina de Christo, não podemos estimular ninguem por qualquer promessa a pratical-a. Quem *comprehende* a doutrina de Christo *terá* fé n'elle porque esta doutrina é a verdade. E quem conhece a verdade indispensavel á sua felicidade não póde deixar de crêl-a; e é por isso que um homem, que comprehende que se afoga, não póde deixar de agarrar-se á corda de salvação. Assim a pergunta — Que fazer para crêr? — mostra que não se comprehendeu a doutrina de Jesus Christo.

Profundando abstractamente a questão de saber qual das duas situações será melhor, se a dos discipulos de Jesus, se a dos discipulos do mundo, não podemos deixar de reconhecer que é preferivel a situação dos discipulos de Jesus, unicamente porque fazendo bem a todo o mundo não provocarão o odio dos homens. Os discipulos de Jesus não fazendo mal a ninguem só pelos maus podem ser perseguidos; os discipulos do mundo, pelo contrario, devem ser perseguidos por todos, visto que a lei dos discipulos do mundo é a *lei da lucta*, isto é, a perseguição mutua. Quanto aos soffrimentos accidentaes, são iguaes para uns e outros, com a differença de que os discipulos de Jesus estão preparados para elles, e que os discipulos do mundo empregarão todas as suas forças em evital-os, e ainda com a differença de que os discipulos de Jesus, soffrendo, são uteis ao mundo, e os discipulos do mundo não sabem porque soffrem. Raciocinando em abstracto, a situação dos discipulos de Jesus é melhor do que a situação dos discipulos do mundo. Mas acontece assim na realidade?

Lembre-se cada um de todos os momentos dolorosos da sua vida, de todos os soffrimentos physicos e moraes que padeceu e padece, e pense em nome de quem soffreu todas essas calamidades. Em nome da doutrina do mundo ou da doutrina de Jesus? Que todo o homem sincero se lembre bem de toda a sua vida e descobrirá que nunca, nem uma só vez, soffreu praticando a doutrina de Jesus; a maior parte das desgraças da sua vida provieram de que ao contrario da sua inclinação, seguiu a doutrina do mundo que o attrahia.

Não vemos as difficuldades e perigos da pratica da doutrina do mundo, unicamente porque estamos persuadidos de que não póde ser d'outra fórma. Estamos persuadidos de que todas estas calamidades que a nós mesmos infligimos são as condições inevitaveis da nossa vida, e não comprehendemos que Jesus ensina precisamente o modo de nos libertarmos d'ellas e sermos felizes.

Para podermos responder a esta pergunta — Qual das duas condições é melhor? — carecemos de poder desembaraçar-nos d'este falso modo de vêr, e sem premeditação reflectir no que se passa em nós e em torno de nós.

Atravessai as multidões da cidade e observai essas figuras pallidas, doentias e inquietas; lembrai-vos da vossa existencia e da de todas as pessoas cuja historia conheceis, lembrai-vos de todas essas mortes violentas, de todos esses suicidios de que ouvis fallar e perguntai em nome de quem são esses soffrimentos e desesperos que levam ao suicidio? E vereis, por muito que a principio vos espante, que os nove decimos dos soffrimentos humanos são supportados pelos homens em nome da doutrina do mundo, que todos esses soffrimentos são inuteis e poderiam deixar de existir, que a maioria dos homens é martyr *da doutrina do mundo.*

Nas cidades, desde a manhã até á tarde, milhares de homens, esfomeados e esfarrapados, calcam a lama, injuriam-se, odeiam-se e roubam-se uns aos outros; passam parte da noite no jogo e na taberna e o resto nas suas tacas.

Pensai na vida de todos esses homens, na situação que abandonaram para escolher esta outra em que por si se collocaram; pensai no trabalho sem treguas que pesa sobre essa gente, homens e mulheres, e vereis que são verdadeiros martyres.

Todos abandonaram a sua casa, o seu campo, os seus parentes, os seus paes, e muitas vezes as mulheres e os filhos; renunciaram ao que constitue a vida e vieram para as cidades adquirir o que, segundo a doutrina do mundo, passa por indispensavel a cada um d'elles. E todos esses desgraçados que se contam ás dezenas de milhares dormem em abrigos de noite e

nutrem-se com aguardente e alimentos pôdres. A começar pelos operarios das fabricas, os cocheiros, as costureiras e as *lorettes* até aos mercadores ricos e aos ministros com as suas mulheres — todos soffrem a existencia mais penosa e mais anormal sem ter podido adquirir o que passa por lhes ser indispensavel, segundo a doutrina do mundo.

Procurai entre estes homens, do ricaço ao maltrapilho, um que se contente com o que ganha para ter tudo o que considera indispensavel segundo a doutrina do mundo, e não encontrareis um por mil. Cada um esgota-se querendo adquirir o que lhe é inutil, mas que é exigido pela doutrina do mundo e por cuja falta se sente desgraçado, e apenas alcançou este objecto deseja outro, depois um outro ainda e assim dura sem fim este trabalho de Sisypho, que destroe a vida dos homens. Attentai na escala das fortunas desde os individuos que têm para dispender 300 rublos por anno até aos que têm 50:000, e raro encontrareis algum que não se consuma e vergue sob o esforço feito para ganhar 400 se tem 300, 500 se tem 400 e assim seguidamente.

Não ha um só que possuindo 500 rublos adopte voluntariamente o genero de vida do que tem 400. Quando este facto se encontra, vemos que não tem por causa o desejo de facilitar a existencia, mas sim o de amontoar dinheiro e collocal-o com segurança. Cada um quer carregar cada vez mais o fardo já muito pesado da sua existencia, e entregar a sua alma inteira e sem reserva á doutrina do mundo. Hoje compra-se uns sapatos e um casaco, ámanhã um relogio e uma cadeia, depois de ámanhã habita-se uma sala com ottomana e lampada de bronze, depois compram-se tapetes, vestidos de velludo, uma casa, trotadores, e quadros e molduras, depois adoece-se consumido por um trabalho excessivo — e morre-se. Um outro continúa a mesma tarefa e sacrifica a sua vida a este mesmo Moloch; — morre sem elle mesmo saber porque viveu d'esta fórma.

Mas talvel esta existencia encerre qualquer attractivo?

Comparemol-a com o que os homens sempre chamaram a

felicidade e vereis que é abominavel. Com effeito, quaes são as condições principaes da felicidade, aquellas a que ninguem fará objecção?

Uma das primeiras condições de felicidade geralmente admittidas é uma existencia que não rompa os laços do homem com a natureza, isto é, uma vida em que goze do céo, do sol, do ar puro, da terra coberta de vegetaes e povoada de animaes. Em todo o tempo os homens consideraram uma grande infelicidade estarem privados d'isto. Vêde pois o que é a existencia dos homens que vivem segundo a doutrina do mundo; quanto mais felizes, mais privados estão d'estas condições de felicidade, quanto maior é o seu successo mundano, menos goza da luz do sol, dos campos, do arvoredo, da vista dos animaes domesticos e selvagens. Muitos d'elles, quasi todas as mulheres, chegam á velhice sem terem visto mais de duas ou tres vezes na sua vida o nascer do sol, a manhã, e sem nunca terem visto os campos e as florestas senão da sua carruagem ou d'um wagon do caminho de ferro; nunca plantaram nem semearam coisa alguma, nunca crearam nem uma vacca, nem um cavallo, nem uma gallinha e não têm a menor idéa da maneira por que nascem, crescem e vivem os animaes.

Esta gente não vê senão tecidos, pedras, madeiras talhadas pelo trabalho dos homens, e isso mesmo não é á luz do sol mas sob uma illuminação artificial; não ouvem senão o ruido das machinas, das equipagens, dos canhões, o som dos instrumentos de musica; respiram perfumes distillados e o fumo do tabaco; comem, graças á fraqueza dos seus estomagos e ao seu gosto depravado, alimentos na maior parte pesados e fermentados. A sua deslocação d'um logar para outro não muda a sua situação; viajam em caixas fechadas. No campo, em qualquer parte para que vão, têm sempre debaixo dos pés os mesmos tecidos, as mesmas pedras; as mesmas tapeçarias lhe occultam a luz do sol, os mesmos creados, cocheiros e porteiros lhe interceptam toda a communicação com os homens, a terra, a vegetação, os animaes. Para qualquer parte que vão, estão privados como captivos d'estas condições de felicidade. Como

os prisioneiros se consolam com a pequenina herva que cresce no pateo da sua prisão, com uma aranha ou um morcego, assim esta gente consola-se algumas vezes com plantas de casa estioladas, com um papagaio, um cão, um macaco que da mesma fórma não criam nem alimentam por suas mãos.

Uma outra condição indubitavel de felicidade é o trabalho; primeiramente o trabalho que escolhemos livremente e que amamos, em segundo logar o trabalho physico que dá appetite e um somno tranquillo e profundo. Muito bem, aqui ainda, quanto maior é parte d'esta pretendida felicidade que cabe aos homens segundo a doutrina do mundo, mais esses homens estão privados d'esta condição de felicidade. Todos os felizes do mundo, os dignitarios, os ricaços, estão completamente privados de trabalho como os prisioneiros e luctam sem resultado com doenças provenientes da ausencia de trabalho physico, assim como com o enfado que os persegue (digo sem resultado, porque o trabalho só é um prazer quando é necessario e elles não têm necessidade de coisa alguma), ou então fazem um trabalho que lhes é odioso, como os banqueiros, os procuradores, os ministros e as suas mulheres que organisam bailes e festas, e imaginam toilettes para si e para seus filhos (digo odioso porque nunca encontrei entre elles ninguem contente com o seu trabalho e que se occupasse d'elle com uma satisfação igual pelo menos á do porteiro que limpa a neve diante da casa). Todos estes favorecidos da fortuna estão ou privados de trabalho ou ligados a um trabalho de que não gostam, quer dizer, acham-se na situação dos condemnados aos trabalhos forçados.

A terceira condição indubitavel de felicidade — é a familia. Pois bem, quanto mais os homens são escravos dos successos mundanos menos partilham d'essa felicidade. A maioria são libertinos que renunciam scientemente ás alegrias da familia e d'ella só têm os cuidados. Se não são libertinos, os filhos não são uma alegria para elles, mas um fardo, e privam-se d'elles, esforçando-se por todos os meios, ás vezes os mais crueis, por tornar a sua união infecunda. Se têm filhos, privam-se da alegria de estar em communhão com elles.

Conforme os seus costumes, devem confial-os a estranhos a maior parte do tempo; ao principio, a homens completamente estranhos á sua nação, depois a estabelecimentos de instrucção publica, de maneira que da vida de familia não têm senão os pezares dos filhos que desde a sua juventude se tornam tão desgraçados como os paes, e que relativamente a estes só têm um sentimento, desejar-lhes a morte para recolher a herança. Não estão fechados n'uma prisão, mas as consequencias do seu genero de vida, relativamente á familia, são mais dolorosas que a privação da familia que se inflige á gente fechada nas prisões.

A quarta condição da felicidade — é o commercio livre e affectuoso com os homens que povoam o mundo. Pois quanto mais alto se está na escala social, maior é a privação d'esta condição essencial da felicidade. Quanto mais se sobe mais se estreita o circulo das relações, que nos é permittido sustentar; quanto mais se sobe mais baixo é o nivel intellectual e moral dos homens, que formam o circulo das nossas relações.

O lavrador com a sua mulher tem a liberdade de entrar em relações com qualquer, e se um milhão de homens não querem ter nada de commum com elles, restam-lhes oitenta milhões de operarios com quem podem fraternisar de Archangel a Astrakan, sem esperar visita ou apresentação. Para um empregado e para a sua mulher ha centenas de homens que são seus iguaes; mas os empregados superiores não os admittem e por sua vez estes excluem os seus inferiores. Para um homem do mundo opulento e para sua mulher, só existem algumas dezenas de familias da sociedade; o resto é-lhes estranho. Para o ministro, para o ricaço e para as suas familias não ha mais do que dez pessoas tão ricas e importantes como elles; para os imperadores e reis, o circulo é mais estreito ainda. Não é a detenção cellular que só admitte ao prisioneiro relações com dois ou tres carcereiros?

Emfim, a quinta condição da felicidade, é a saude e a morte sem doença. E novamente quanto mais alto um homem subiu na escala social mais privado está d'esta condição de felicidade.

Observe-se e compare-se um casal de fortuna mediana na sociedade, e um casal de gente do campo nas mesmas condições; não obstante as privações e o trabalho pesado da gente do campo, não por sua culpa mas graças á injustiça da sorte que lhe dámos, encontrareis n'estes só homens e mulheres robustos, nos outros homens e mulheres cada vez mais doentes. Enumerai na memoria os ricaços e suas mulheres que conheceis e tendes conhecido, e vereis que a maioria se compõe de doentes. Entre estes um homem robusto que não se trate constantemente e periodicamente no verão é uma excepção tão rara como um doente entre os trabalhadores. Todos estes favorecidos da fortuna começam pelo onanismo que se tornou nos seus costumes uma condição natural de desenvolvimento. Estão todos desdentados, brancos ou calvos, n'uma idade em que o operario começa a adquirir todo o seu vigor. Quasi todos são affligidos por doenças de nervos, do estomago ou das partes genitaes, provenientes de excessos de gula, de embriaguez, de luxuria ou de tratamento medico perpetuo; e os que não morrem novos passam metade da sua existencia a tratarem-se, a injectarem-se com morphina, e tornam-se desgraçados entrevados, não podendo subsistir por si e tendo uma existencia de parasitas como as formigas que são alimentadas por escravos. Vejam-se os mortos: um suicida-se, outro apodrece de syphilis, outro roído de vermes, e innumeros miseraveis morrem de excessos sensuaes de toda a ordem. Uns sobre outros morrem victimas da doutrina do mundo. E atraz d'elles vai correndo a multidão; como martyres, caminha ao encontro dos soffrimentos e da perdição.

Uma vida atraz da outra é lançada debaixo do carro d'este idolo; o carro passa esmagando as suas existencias, e novas victimas precipitam-se em massa debaixo das rodas com maldições, gemidos e lamentos!

A doutrina do mundo é pois mais difficil, mais perigosa e mais cruel que a doutrina de Jesus.

II

Se o leitor seguiu no paragrapho antecedente a exposição dos pontos capitaes da doutrina de Tolstoi, ou que se me afiguram capitaes, terá percebido que se referem a tres ordens de idéas differentes posto que dependentes: primeiro a discussão do que seja a vida, depois a Igreja christã e finalmente a civilisação contemporanea, consideradas estas materias na sua dependencia real e logica.

O homem aspira ao bem; a expansão da sua natureza animal não póde dar-lhe senão o soffrimento que termina na morte; é necessario procurar fóra d'ella o bem a que aspiramos e que encontramos na submissão d'essa natureza animal á razão, cuja lei de actividade é o amor; este é a vida e só attingindo este estado alcançaremos a felicidade e o bem; entreguemo-nos pois sem reserva ao que nos fará felizes e tranquillos.

Quem alguma vez soffreu e intimamente perguntou para que lhe servia a existencia, reconhecerá a verdade d'esta concepção da vida que constitue o ponto inicial das doutrinas de Tolstoi. Reveja cada um na memoria todas as horas da sua existencia e se as teve amargas, se teve já uma grande dôr em que, anciando pelo somno eterno, tivesse estado á beira do suicidio, recordar-se-ha que foi um motivo de amor, uma ligação externa, independente do interesse da sua individualidade, que o amparou e lhe prendeu as mãos para cortar a existencia; que fosse o amor d'um pae, d'um irmão, d'um filho, pouco importa o objecto, o essencial é reconhecer que houve um momento em que a existencia lhe foi tão penosa, que desejaria terminal-a, e todavia manteve-a para a consagrar a estranhos.

Que este estado se tenha dado uma só vez que seja e é quanto basta para comprehendermos que individualmente, como aggregação material constituindo um individuo vivendo para si, somos nada, a existencia não se justifica, não vale as suas dôres; e só á maneira que nos desligamos do proprio individuo

para ligar e consagrar a sua existencia aos outros, só pela communhão progressiva na familia, na patria, na humanidade e em Deus poderemos justificar a existencia e aferir o valor do individuo.

Fallo porém aos que soffreram, porque a lei de Deus, o amor, é uma revelação feita no soffrimento e na experiencia da vida, luz intima que só póde surgir na dôr tirada do sangue do proprio coração, e que nenhum conselho, nenhum ensino, póde transmittir-nos; cria-se, não se recebe das mãos dos homens. D'ahi vem o erro de Tolstoi quando accusa a Igreja de embaraçar a diffusão do christianismo pelos mythos que acompanham o seu ensino e d'ahi vem a nenhuma influencia dos livros philosophicos do auctor sobre a sociedade russa, conforme asseveram os escriptores que melhor conhecem aquelle povo; as palavras não podem dar o que ha de vir do proprio esforço, da experiencia, condição inalteravel da comprehensão da vida. Responder-me-hão apontando os prophetas e precursores do christianismo, e eu direi que elles foram não agentes mas symptomas da larga transformação que derivava da experiencia das sociedades na civilisação e na historia; a experiencia não se refere apenas ao individuo, refere-se igualmente ás sociedades e esses, cujas palavras nos diziam o que era a vida, não ensinavam, apenas definiam em termos precisos o que no pensamento existia e se vinha elaborando obscura, lenta e vagamente. É assim de todos os prophetas, é assim de todos os precursores, em todos os tempos e em toda a ordem de idéas; são espiritos em que primeiro se revela o pensamento, que outros contêm, inconsciente, como necessidade indeterminada.

Não é este todavia, a meu vêr, o erro principal das doutrinas de Tolstoi; nem podia sel-o pois se refere a um incidente de pratica e diffusão da verdade. Examinemos a propria substancia da sua doutrina, e reflectindo veremos que injustamente põe de parte qualquer elemento essencial na comprehensão da vida.

O seu erro está não na affirmação do principio superior da vida que reconhecemos verdadeiro, mas na negação d'um prin-

eipio parallelo subordinado, o seu erro não está em dizer-nos que o amor é a lei da actividade, a sua religião, mas sim em recusar attender as indeclinaveis necessidades individuaes e d'ahi tirar a condemnação de instituições e dependencias que chamámos civilisação.

O amor, a perfeita e absoluta communhão em Deus, suppõe o aniquilamento da familia, da patria e de tantissimos laços sociaes, dando logar ao imperio d'uma lei unica que regula as relações do homem com toda a natureza organica e inorganica, e Tolstoi, como se vê dos seus livros e ouvi da sua bocca, é muito logico quando rejeita a divisão do mundo em nações e estados, e ataca a familia dizendo-nos que « o homem, que renunciou ao bem da individualidade, não se inquieta a saber se existe um amor preferivel ao que o solicita, mas abandona-se e consagra a sua existencia ao amor que está ao seu alcance e vê diante de si. » Mas logo se contradiz quando limita esse amor, quando reconhece a necessidade do casamento e condemna o adulterio, iniciando ahi a repartição e a convenção. Pois se o amor é a lei unica, porque não reconhecer como iguaes para mim os meus filhos e os filhos alheios, a propria mulher e a dos estranhos? Para que repartir dando uma mulher a cada homem? Para evitar o mal que provém do adulterio, o odio e o sangue que espalha entre os homens, responde-me. Mas uma vez iniciada a repartição, e a propria fraqueza humana, o limite da força, induz no limite do trabalho e do amor, uma vez presente ao espirito humano a idéa de posse, a idéa do *meu* e do *teu*, porque motivo limital-a a certas necessidades sensuaes e não a estender a todos os demais bens, á repartição do trabalho e da terra? As razões que podem allegar-se n'um caso e que se resumem em evitar o mal entre os homens, podem igualmente allegar-se para as outras necessidades humanas; e evidentemente Tolstoi, tão ousado nas suas conclusões logicas, não teve coragem de affirmar a ultima e mais perigosa. Não é a logica que governa o mundo nem póde governal-o desde que a vida participa de duas naturezas differentes que chamarei divina e humana; significando por estes dois termos o desenvol-

vimento individual na sua capacidade animal e organica, e a subordinação do individuo a um principio racional, inorganico.

A vida é pois um equilibrio entre duas forças oppostas, e Tolstoi implicitamente reconhece esta verdade quando incorpora nos mandamentos da lei de Deus a fidelidade conjugal, porque d'esta fórma se satisfazem os instinctos sensuaes e simultaneamente se evita o mal entre os homens; ora desde o momento em que formulamos regras para uma determinada ordem de acções, porque não havemos de formulal-as tambem nas demais ordens da actividade humana? Tolstoi reconhece o dualismo da natureza humana, e subordinando a vida a um principio unico, abandona ao acaso a actividade do principio opposto. Este é o pensamento que lhe faz condemnar toda a organisação social existente, contradizendo-se porém quando reprova o adulterio e julga o casamento indeclinavel necessidade de ordem.

Ora a sciencia e a historia, o conhecimento das leis da actividade animal em si e no seu exercicio em todos os tempos, provam-nos que o caracter que distingue as sociedades humanas da vida puramente animal é a sujeição consciente ou inconsciente das leis naturaes a um regimen de convenção com um fim superior, eterno. Em todos os tempos historicos encontramos certa repartição dos bens do mundo e certa dependencia dos homens entre si com o fim de manter na sociedade o amor e a paz; e ao mesmo tempo os que mais têm meditado sobre a natureza animal de toda a creação vêm dizer-nos que o moderador da lucta pela existencia entre os homens é esse mesmo regimen de convenção que enfreiando todas as paixões nos impede de descermos á pura animalidade. Tão espontaneo e natural é semelhante estado que só uma adiantada capacidade intellectual do individuo e das sociedades pôde sentil-o conscientemente; pois em tempos primitivos e presentemente para os espiritos incultos revela-se como necessidade inconsciente, tradição e costume aceites sem replica ou reflexão, instinctivamente reconhecidos necessarios. Só muito tarde, nos ocios do animal satisfeito, repousado o corpo com a riqueza amontoada, e enriquecido o espirito com as longas meditações transmittidas

de geração em geração, só muito tarde o homem vê bem a lucta que vai dentro de si, induzido por mil instinctos ao desenvolvimento e á conservação individual, e por outro lado levado a desinteressar-se d'esse primeiro impulso por uma força mysteriosa. No apparecimento d'essa força o critico vê apenas um phenomeno como a respiração e a circulação do sangue, de tanta importancia e valor como os demais phenomenos; mas a a maioria dos homens sente-a imperativa e absoluta, e a vida apparece-lhe como um equilibrio instavel, voltando ao mesmo norte, ao mesmo rumo, á mesma obediencia, a essa *vis intima*, mysteriosa e desconhecida através de todos os desvairamentos, de todas as vicissitudes da fortuna. Em dias de tempestade a agulha magnetica que através das ondas temerosas guia o marinheiro ao porto onde vai repousar seguro, desvia-se, endoidece e ás vezes mesmo os pólos invertem-se, e conduz ao naufragio em logar de conduzir á salvação; mas tarde ou cedo o erro se conhece, para alguns tão tarde que as trevas da morte são inevitaveis, para outros a tempo de salvarem-se seguindo em luminosa esteira. Assim vai a vida humana guiada pelo amor; desvaira-se e perde-se no meio das paixões e ás vezes tanto enlouquece que sem norte, sem rumo, vai perder-se nas trevas do egoismo animal, insensato e cruel; mas tarde ou cedo descobre o erro e avista novo horisonte que ha de guial-a, para uns tão tarde que já não ha salvação, para outros a tempo ainda de alcançarem o repouso e a luz da vida eterna.

Este equilibrio fundamental da natureza humana traduz-se praticamente por compromissos de differente natureza, já individualmente na diversidade de caracteres moraes conforme circumstancias de clima, de raça, de profissão e de hereditariedade e tantas outras, já socialmente na diversidade de instituições. D'estas talvez nenhuma tenha tão accentuados caracteres de compromisso como a Igreja christã, e Tolstoi, negando o equilibrio, logicamente a condemna por não encontrar n'ella a traducção exacta da doutrina christã.

Confundindo uma instituição com um principio absoluto, não vê que pelo proprio facto de ser absoluto é inaccessivel,

pois necessita dar logar a actividades simultaneas concorrentes. Assim pasma de que a Igreja santifique em certo modo os tribunaes, as guerras e muitos outros actos e instituições que prejudicam a pratica da doutrina de Jesus, o amor entre os homens; mas esses actos e instituições de facto procedem de um outro principio e a Igreja não faz mais do que reconhecel-os, dando-lhes um logar de facto indisputavel. Os sacramentos, as ceremonias e ritos da Igreja são ainda instituições alheias ao principio fundamental da vida, mas uma necessidade da natureza humana, sendo certa a tendencia a traduzir em actos todos os sentimentos; e quando estes não encontram immediatamente expressão nos actos mais ordinarios da vida, é forçoso que criemos por convenção actos que lhes correspondam. O baptismo, a confissão, a communhão, a extrema-uneção e outras ceremonias e sacramentos, marcam de facto momentos importantes na vida; conheço poucas ceremonias que tão intimamente nos penetrem como é a da communhão, recordando-nos a humildade e o erro que só a voz de Deus póde sanar. O materialismo reinante riu-se de todo o ceremonial da Igreja e a breve trecho cahiu no mesmo viver, substituindo os santos pelas estatuas de sabios, as procissões religiosas por cortejos civicos e as festas annuaes pelos centenarios e commemorações de toda a especie. Diz-se que o ritual da Igreja e os seus templos muito devem ao paganismo; e não será menor a divida do materialismo á Igreja. É que na verdade não ha doutrina philosophica e religiosa que possa alterar a natureza humana, e que possa por conseguinte banir a necessidade de dar fórma externa a todo o sentimento.

Por isso a Igreja subsiste com todas as suas contradicções, fundindo n'um mesmo corpo mythos da creação do mundo, christianismo e tantas outras necessidades humanas de differente especie. Subsiste por isso mesmo que contém não a média mas elementos diversos da natureza humana.

Não fallarei da sua evolução historica, não discutirei em que pontos e até onde a Igreja devia transformar-se para melhor se adaptar ás differentes civilisações, discussão intermina-

vel que careceria de longo estudo e cuja conclusão ficaria sempre dependente do valor particular que cada um désse á idéa de conservação. Pretendo apenas que, abstractamente considerada, a existencia da Igreja é de todo o ponto justificada e natural.

Vindo finalmente a discutir os prazeres do que chamamos civilisação, comparados com os que nos offerece uma vida segundo a doutrina de Jesus, Tolstoi aponta com inteira clareza o erro capital do viver do nosso tempo, o divorcio entre a natureza e o homem, o repudio fatal do amor da terra. São dois os grandes males que semeiam de dôres a nossa vida contemporanea: um, de natureza moral, é o desconhecimento do que seja a vida, a treva religiosa, que desprendendo-nos de um apoio com que possamos calcar todas as vaidades, nos deixa constantemente á mercê da tortura das insaciaveis ambições de toda a especie; o outro, de natureza animal, é o rompimento dos laços que prendem o homem á terra, modos de viver tão absolutamente artificiaes, que breve conduzem á debilidade e ao soffrimento physicos, á esterilidade e á morte prematura.

Com effeito, um dos caracteres do nosso tempo é a distancia cada vez mais longa interposta entre o homem e a natureza; essa vida primitiva em que o homem tirava da terra o pão de cada dia á custa do proprio esforço, é cada vez menos frequente. Milhares e milhares de pessoas nunca pisam senão a terra que os homens cobriram de pedra ou de madeira, nunca semearam um só grão de trigo; a riqueza accumulada, as sobras das gerações que nos precederam, junta á economia do trabalho humano que o nosso engenho fez por meio das machinas, estas e outras causas secundarias permittiram a muitos que do nascimento á morte existam sem propriamente trabalharem, considerando como o trabalho por excellencia a creação do pão. D'essa riqueza vem a dissipação da actividade humana; dissipa-se o sentimento no amor d'um gato, d'um cão ou d'um papagaio, dissipa-se mesmo n'um exaggerado culto dos mortos ou n'uma dedicação imbecil e egoista aos vivos, dissipa-se a intel-

ligencia empregando-a nos mais futeis estudos, e dissipa-se a força physica em inauditos esforços de toda a especie, na devassidão e em peloticas a que se chama *sport*. A habitação moderna é d'um extremo ao outro uma revelação de ociosidade na inadaptação dos moveis a qualquer fim que não seja o prazer; os instrumentos do trabalho degencram em objecto de adorno, a idéa de trabalho substitue-se pela idéa de goso. Consomem-se existencias inteiras a descobrir combinações de alimentos que não deixem cessar o appetite; e este que deveria vir da necessidade de reparar as perdas organicas produzidas pelo trabalho, que deveria ser um indicio natural para a conservação da existencia, procura reduzir-se a um instrumento de prazer.

Mas a natureza não perdôa uma vida tão inteiramente anormal e por isso com esta depravação coincidem a tuberculose, a dyspepsia, a syphilis e tantas outras molestias que sem cessar lançam á sepultura a gente pervertida, não obstante os esforços estereis e as ephemeras esperanças dos que anceiam por dar-lhe remedio sem alterar o viver presente. Se o mundo podesse ser convertido em cidades, como as que vemos presentemente, a humanidade correria á sua propria aniquilação; mas foi a terra que nos creou, somos seus filhos e não perdôa aos que se apartam do seu seio e vão beber um outro leite envenenado e dôce. Esses succumbem victimas do seu crime e por isso a civilisação moderna tal qual está, encerra dentro de si a propria condemnação a que só poderão fugir os que se mantiverem fieis ao amor da terra; e essa lei da selecção natural que o homem de genio, que se chamou Carlos Darwin, formulou tão claramente, mais uma vez ha de realisar-se para bem da humanidade, banindo da terra os depravados e entregando-a aos que nunca a esqueceram.

Perguntam-me talvez o que será então da civilisação e dos thesouros de saber que accumulou? Decerto não morrerão estando tão largamente disseminados; mas decerto tambem a fórma actual da civilisação é physiologicamente insustentavel e novas fórmas deverão surgir. Quaes? Quem sabe se estaremos

mesmo destinados a um regresso a qualquer coisa de barberie?!

Seja porém qual fôr esse destino futuro e ignorado ainda, bem hajam os que como Millet e Tolstoi, com toda a luz brilhante do seu genio, sentiram a eterna epopêa do trabalho da terra e nos inspiraram uma vida isenta de ambição e de odio, repousada, tranquilla e santa. E é sem duvida symptoma importante e grave que no fim d'este seculo, em meio de tamanho frenesi e escuridão, essa luz tenha podido brilhar.

Jayme de Magalhães Lima.

OS FILHOS DE D. JOÃO I [1]

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

VIII

O REGENTE

Ora voltemos atraz, acercando-nos do termo da historia d'estas vidas, para contar como as coisas se passaram logo que D. Duarte morreu. Taes casos, monotonamente tristes, ensinar-nos-hão muito ácerca dos motivos que em geral inspiram os homens, permittindo-nos vêr até ao fundo o caracter pessoal dos infantes que restam.

O rei tinha seis annos apenas quando o pae lhe morreu; e a mãe, viuva, sempre inimiga do cunhado D. Pedro, teimava agora em imaginar que era seu proposito substituir o sobrinho no throno [2]. A rivalidade antiga, originada no casamento com a filha do conde de Urgel, azedára-se nas divergencias de opinião ácerca de Tanger, exacerbando-se com a popularidade do infante e com as queixas contra ella, rainha, provenientes do proprio resultado da funesta expedição. Não parece que D. Leo-

1 Continuado da pag. 217, do numero de fevereiro.

2 Pina, *Chron. de Affonso V*, II. V. tambem, Azurara, *Conq. de Guiné*, XI.

nor fosse mais do que uma d'estas mulheres pequeninas d'alma, em quem o despeito impera, e o mau genio leva a fazer tolices sempre que podem.

D. Henrique estava ausente em Sagres; D. João doente de febres em Alcacer do Sal, que lhe pertencia pelo mestrado de Santiago; o conde de Barcellos pelo norte, nas suas terras: só D. Pedro se achava ao lado da rainha, quando ella enviuvou. Aberto o testamento que a nomeava regente do reino, reuniu-se o conselho, votando-se em sentido contrario pela entrega do poder aos tres infantes D. Pedro, D. Henrique e D. João, «para a rainha se não vêr forçada a deixar-lhes o governo movida por forças maiores». Esta decisão brutal maguou, como é de vêr, a viuva; mas offendeu mais ainda o conde de Barcellos que vinha correndo para o sul, a disputar um quinhão de influencia e poder. Com os seus sessenta annos, riquissimo, levára a vida ruminando o despeito a que o impellia a posição subalterna de bastardo. Via agora chegado o momento de, na velhice, obter a desforra d'uma existencia tanto mais azeda quanto maior era o seu effectivo poderio. Em Ceuta, os irmãos tinham sido armados cavalleiros: e elle? Em Tavira, tinham sido elevados a duques: e elle? Com D. Duarte, eram quasi reis: e elle? Terras, dinheiro, vassallos, nada lhe faltava, pois juntára aos haveres proprios a herança do Condestavel, seu sogro; mas essa posição eminente na côrte, primacial na nobreza, não lhe satisfazia o orgulho obscuro. Queria tambem ser principe, estar nos degraus do throno. E por isso vinha do norte, esbaforido, a jornadas forçadas; emquanto do sul vinha tambem com ambições d'outra ordem o infante D. Henrique. A morte do rei D. Duarte congregava os actores do drama que ia representar-se.

D. Pedro, no vigor da vida [1], na plenitude da sua intelligencia lucida, com aquella serenidade d'um animo superior ás coisas porque as raciocina, aconselhava lealmente a rainha, sabendo bem que os seus conselhos não seriam seguidos. Começa

[1] 46 annos.

agora o equivoco inherente á disparidade do espirito de ambos: d'elle que percebia os limites da capacidade da cunhada; d'ella por não poder comprehender o alcance do pensamento d'um homem que a irritava, ferindo-lhe inevitavelmente o amor proprio com o simples facto da sua superioridade. Nos primeiros momentos de confusão, a rainha, dolorida com a sua viuvez, entregou-se aos dois cunhados, D. Pedro e D. Henrique, pedindo-lhes que estudassem o que se devia fazer já, deixando a solução do resto ás côrtes convocadas para Torres Novas. Acclamar D. Affonso v era urgente; e D. Pedro fel-o, não sem recommendar a mestre Guedelha, o physico e astrologo da côrte, que regulasse a ceremonia segundo as influencias e cursos dos planetas, fixando a melhor hora, para não succeder outra vez o que succedera em 1433 e tanto impressionára o povo. D. Pedro entendia que este preito á crença popular era necessario, e dava-o por lealdade, embora um tanto facticia, pois, de si para si, não acreditava na influencia dos astros. Este pequenino caso revela outra vez o equivoco a que a sua propria superioridade o condemnava, e que tão funesto lhe seria. Como philosopho, propunha-se guiar o barco do estado lealmente: não segundo as inclinações espontaneas do seu genio, pessimistas e por isso inadequadas, mas sim conforme os preceitos objectivamente dictados pelo pensamento. Não ha palavra para definir com exactidão este estado psychologico em que a lealdade, completa nas intenções, não o é nos juizos; em que não ha hypocrisia por não existir fim occulto diverso do que se prosegue, mas em que tambem não ha franqueza absoluta porque o homem intimo se mantem fechado e impenetravel. O poeta pessimista que conhecemos, era agora ao mesmo tempo o politico, por um acto da vontade reflectida, não por um movimento espontaneo do temperamento; e esta dualidade, em que se desdobrava o espirito do infante, havia de por força trazer-lhe resultados funestos, pois o commum da gente não attinge estes caprichos da natureza com a simplicidade inteira da intelligencia corrente; e porque o interesse explora com vantagem as contradicções e os enigmas. Foi o que o conde de Barcellos e seu

filho, o de Ourem, fizeram depois, levando facilmente o rei a considerar traidor seu tio e sogro, e precipitando D. Pedro no abysmo da loucura.

Não precipitemos, porém nós, os acontecimentos.

A rainha, preoccupada com a idéa de que D. Pedro queria usurpar o throno ao pequenino rei Affonso, tirar-lh'o, matal-o talvez, para lhe succeder, ficou pasmada quando D. Pedro lhe fallou em declarar e jurar herdeiro presumptivo da Corôa o infante D. Fernando, irmão mais novo do rei, que tinha apenas cinco annos; e tão pasmada, que n'um d'estes movimentos excessivos de volubilidade feminina, de mais a mais frequentes na gravidez (a rainha enviuvára n'esse estado [1]), logo alli tratou o casamento de Affonso v com a filha, tambem creança ainda, do infante D. Pedro. Jurou-se pois herdeiro presumptivo o infante D. Fernando, precisamente aquelle que D. Henrique perfilhára, cumprindo a promessa feita antes de Tanger, e ficou tratado o casamento do rei com D. Isabel [2].

Mas n'isto chegou á côrte, esbaforido, o conde de Barcellos. Contando com a inimizade da rainha e de D. Pedro, architectára sobre essa hypothese os planos da sua ambição, propondo-se casar o rei com a neta, Isabel tambem, filha do infante D. João, para se introduzir d'esse modo na alcova do paço, e d'ahi reinar. Á maneira que as monarchias se enraizavam com o absolutismo do direito romano, as questões familiares dos dy-

[1] Em nove annos de casada, a rainha déra oito filhos ao rei; mas tres não vingaram: D. João, o primogenito (1429), que morreu de tenra idade, D. Maria (1432), fallecida á nascença, e D. Duarte (1435), que morreu pequeno. Os orphãos de D. Duarte eram portanto cinco: D. Philippa (1430), fallecida de nove annos no immediato á morte do rei; D. Affonso v (1432-81), D. Fernando, perfilhado pelo tio e que herdou d'elle o titulo de duque de Vizeu (1433-70), D. Leonor que casou com o imperador da Allemanha (1434-67) e D. Catharina (1436-63) — cinco creanças de nove annos a dois. A rainha estava gravida de D. Joanna (1439-75), filha posthuma, que depois foi rainha de Castella.

Além dos filhos legitimos, D. Duarte deixou um filho natural de D. Joanna Manoel, o bispo da Guarda D. João Manoel que veio a fallecer em 1476.

[2] Pina, *Chron. de Affonso V*, II a VI.

nastas tomavam um valor politico eminente. Astuto e dissimulado, porém, como homem que ruminára o seu despeito durante sessenta longos annos, o conde de Barcellos não fez escandalos. Pelo contrario, celebrou a excellente paz que encontrava na côrte; e foi logo d'alli vêr-se com o arcebispo de Lisboa, D. Pedro, fidagal inimigo do seu homonymo, e a quem a rainha dava grande fé. Desabafou com elle [1]. Talvez do arcebispo viesse o plano da Liga contra D. Pedro, porque ainda lhe queria mais mal do que o conde. Fosse de quem fosse a idéa, certo é que para servir os intentos do conde de Barcellos, e tambem os seus proprios, os fidalgos do reino, quasi todos, se ligaram sob a presidencia de Vasco Fernandes Coutinho, que depois foi conde de Marialva, e na vespera do dia das côrtes, reunidos n'uma igreja em Torres Novas, juraram alliança contra D. Pedro — o que todavia não impediu muitos d'elles de se bandearem com o regente quando as coisas lhe deram vencimento. Juraram os da liga um pacto ou compromisso escripto, cuja perda é muito para sentir, pois a franqueza ou cynismo com que estava feito seria eminentemente instructiva para a historia. Não queriam o governo de D. Pedro, porque, sendo como era justo e amigo do povo, inclinaria contra elles. A nobreza, com effeito, decahida da sua antiga eminencia, agora que as condições do tempo subalternisavam a funcção da defeza nacional e com ella o caracter militar da sociedade, conspirava para rehaver illegitimamente uma influencia que de direito possuíra. A monarchia, representada no infante D. Pedro, apoiava-se no interesse publico, e no povo como classe. A sociedade apparecia outra. Na Idade-Média existira semelhante a essas fórmas rudimentares da animalidade, os annellides, justaposição, amalgama ou federação de entidades autonomas; agora, na Renascença, levanta-se como um cupula ideal, em que todos os segmentos têm um logar indispensavel, em que a unidade e harmonia da composição são absolutas, em que o rei é a chave da abobada politica. Ao pensamento dos principes o Estado appa-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, VIII.

rece como uma obra d'arte, uma creação do espirito, animada pela idéa da utilidade social.

Bem vimos como esta idéa, esboçada já no pensamento iniciador de D. João I, se formulava nitidamente no espirito de D. Pedro. O drama que agora começa, primeiro episodio da revolução politica da Renascença em Portugal, mostra-nos como o bastardo de Barcellos, encarregando a outro o papel do duque de Guise, pela posição equivoca em que o nascimento o collocava, foi todavia o chefe da nobreza rebelde; mostrando-nos tambem como o povo tinha o sentimento claro do caracter do movimento revolucionario.

Não queriam os conjurados o governo de D. Pedro, e declaravam francamente quererem o da rainha porque, sendo estrangeira e mulher, lhes deixaria a elles o usufructo do reino. Certos do apoio do conde de Barcellos, diziam ter o do infante D. Henrique; o que não é provavel, pois o infante, bem o sabemos, dava importancia menor ás questões da politica do reino — embora, ao expirar, a mãe lhe tivesse commettido a defeza da fidalguia. A sua attitude quasi indifferente era porém favoravel para o exito. Tudo isto podia ser grave; mas o peor foi que a rainha, sabendo-o (o proprio Barcellos seria o primeiro a dizer-lh'o directamente, ou por via do arcebispo), teve um ataque de ambição e tomou a sério o seu papel de chefe de partido [1].

A prova de que D. Henrique não pactuava com os conjurados é que, desesperado pelo tempo que perdia com estas intrigas, procurava todos os termos de conciliação; e com a sua muita influencia no animo da rainha levára-a a mudar de rumo, consentindo em entregar a D. Pedro o regimento da justiça com o titulo de « Defensor do reino por elrei », ficando ella com o da fazenda e com a creação dos filhos. E o que nos mostra que a intervenção de D. Henrique não era o resultado de uma cumplicidade com os conjurados, é o desespero do conde de Barcellos, perante esta solução que, além de tudo o mais,

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, VIII a X.

mantinha os ajustes do casamento do rei; e tambem a intervenção directa dos proprios conjurados que foram ter com a rainha e a convenceram de que não devia largar uma parcella sequer do governo [1]. A pobre senhora não tinha o juizo forte.

Foi n'este estado que as côrtes se abriram. Não admira pois o resultado infeliz que deram. Perante uma creança de seis annos — tanto podem os symbolos, tanto a realidade é uma supposição! — encanecidos guerreiros, pesados bispos e graves procuradores dos povos, desenrolaram monotonamente os seus discursos convencionaes, formulando o que estava na natureza das coisas, sem chegarem a nenhum resultado pratico. Estes queriam que tanto a rainha como D. Pedro fossem excluidos da regencia; aquelles que regessem conjuntamente; uns pediam que dividissem entre si os ramos do governo; outros votavam pela regencia exclusiva da rainha, e já sabemos quem eram; ao passo que os procuradores dos povos, tambem naturalmente, declaravam querer a regencia exclusiva de D. Pedro.

Como não havia pensamento nem força dominante que se impozesse, succedia o que sempre succede quando se discute. Nada se resolve. Sabemol-o hoje de mais por uma experiencia tão aturada de parlamentos, que é ocioso insistir sobre o caso. Então D. Henrique, tambem n'isto precursor, ancioso de voltar a Sagres, a tratar de coisas uteis, fez intervir o accordo, substituto inevitavel da deliberação. As bases d'esse accordo em que o infante parecia, com effeito, procurador dos conjurados, eram que a rainha teria, com a tutoria dos filhos, a administração das rendas e officios — ahi estava o busilis! —; que a administração da justiça seria dada ao conde de Arrayolos, filho do de Barcellos; que D. Pedro ficaria Defensor do reino (sem meios todavia para o defender); que o conselho funccionaria em permanencia e todos os annos se reuniriam côrtes. Evidentemente este accordo, como é frequente, não concordava nada; e só se explica pela pouca importancia dada á politica e pela ancia de voltar a Sagres em que o infante ardia.

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XII, XIII.

— Farei o que meu irmão quizer — foi a resposta de D. Pedro, quando lhe communicaram o accordo.

Não podia ser outra. Era o que estava na logica do seu caracter. Se não fosse um critico em quem o pensamento se desdobrava, analysando as proprias acções; se não tivesse essa duplicidade intellectual que quando se transporta para a imaginação produz o humorismo e quando para o caracter a hypocrisia; se fosse um homem simples e voluntarioso de intelligencia, D. Pedro teria respondido: É um erro que me annulla, sem proveito de ninguem. Mas a philosophia e a critica têm a virtude e o inconveniente de embotarem o impulso da vontade espontanea. E nos homens de bem, como era D. Pedro, a serenidade intellectual, filha do desdobramento da personalidade, dá logar a que, por abnegação reflectida, se aceitem muitas soluções reconhecidas como absurdas e até pessoalmente funestas. Com um impeto de vontade inteira, D. Pedro, se fosse um ambicioso, provocaria talvez a guerra civil. Se se tratasse d'elle, e o seu desejo não estivesse posto n'outro objecto, era o que succederia com D. Henrique, homem d'acção heroica e não de pensamento agudo.

Obtida a annuencia de D. Pedro, lavrou-se um termo do accordo que foi assignado perante notarios, e para maior solemnidade sobre um altar. Mas os juramentos e firmas foram acompanhados de taes reservas e palavras cautelosas que bem mostravam a intenção de as quebrar sem desaire, sendo necessario. O arcebispo de Lisboa, honra lhe seja, foi o unico a recusar terminantemente a sua assignatura. Nomear defensor do reino a D. Pedro, nunca! [1] Fecharam-se as côrtes, e D. Henrique voltou a correr para Sagres. Que succederia?

*
* *

O conde de Barcellos, esfregando as suas mãos já tremulas, n'um contentamento quasi infantil de velho, imaginava ga-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XIV, XV.

nha a victoria, e sorria com desdem marcial da simplicidade do defensor do reino e das phantasias do seu irmão Henrique. Ambos os filhos da ingleza, cada qual pelo seu modo, lhe deviam parecer creaturas singularmente excentricas. Os instinctos populares do sangue e os habitos de rapina fidalga, compondo todo o seu caracter, mostravam-lhe chãmente a vida como a satisfação immediata da vontade de governar no proximo, e de accrescentar terras, terras sem fim. Depois de tantos annos a roer impaciente o freio da sua ambição, batia a hora, chegava-lhe tambem a vez de mandar, levando pelo beiço a aragoneza, boa pessoa, esposa fiel e fecunda d'essa outra creatura singular que fôra D. Duarte, sempre a escrever, o desgraçado!

Esmoendo na cabeça os seus planos, viu chegado o momento de dar o segundo golpe. O das côrtes fôra o primeiro: agora o casamento! Era necessario que esse pequeno rei tivesse ao lado a neta d'elle para o guiar, fallando conforme o avô lhe mandasse. Queria-se um rei á moda antiga, cavalleiro, e não da especie nova trazida a Portugal com a ingleza, que, dando volta ao juizo do pae, creára uns filhos cujas idéas extravagantes ameaçavam acabar com tudo. Casar Affonso v com a filha de D. Pedro, fazel-o genro d'esse visionario, embriagado com as suas estravagantes congeminações de justiça e bem dos povos — nunca! A justiça era a espada; o bem dos povos a sujeição fiel á vara dos meirinhos. As pretensões dos villãos punham-no fóra de si; mas agora, alegre com a victoria, ria benevolamente. Foi fallar á rainha e disse-lhe que era indispensavel romper o ajuste do casamento do filho, reclamando de D. Pedro a restituição do alvará de promessa. Havia ainda um respeito fetichista pela palavra escripta.

D. Leonor não quiz; teve medo. A serenidade de D. Pedro amesquinhava-a; sentia-se pequena diante d'elle. Não quiz, mas disse ao Barcellos:

— Pedi-lh'o vós.

E o conde de Barcellos, cheio de sufficiencia, marchou para D. Pedro, e repetiu-lhe o arrazoado e o pedido. Está-se

vendo o gesto do defensor do reino, e a onda negra de amargura que inundou o seu animo pessimista. Com um desdem de principe, com uma nobreza de philosopho, com um sorriso amargo de critico, D. Pedro respondeu-lhe que poderia recusar, mas não o faria. E abrindo um cofre, tirou o alvará, rasgou-o, e em pedaços entregou-o ao irmão [1].

Certamente não era um politico. O politico despreza o proximo, amesquinhando-se porém a si, conscientemente, até ao ponto de perder a noção clara da dignidade. O amor-proprio philosophico é uma tolice na vida pratica. D. Pedro, com todo o seu saber das coisas e dos homens, não estava feito para a situação que reclamava um ambicioso. O conde de Barcellos, sendo-o, não tinha tambem a capacidade necessaria para um papel que a sua imaginação confusa só vagamente desenhava. Não lhe chegára o momento de *querer* o sceptro! Como semente, obscura ainda no seu cerebro, essa idéa foi germinando em successivas gerações... Mettendo no bolso os pedaços do alvará rasgado, partiu sem caber em si, pasmando da sua fortuna, e mais ainda da simplez do irmão. E para isto andára por tão longes terras. E para isto se dessorava a lêr os livros! Incontestavelmente as leituras transtornavam o juizo...

Mas com grande surpreza sua veio-lhe o mal d'onde menos o esperava. A côrte fôra para Lisboa, e logo depois da ida, chegou o infante D. João, meio curado das febres que por mezes o tinham tido enfermo em Alcacer do Sal. Perdido como estava D. Fernando em Fez (embora só viesse a acabar em 1443), D. João era o mais moço dos infantes: tinha agora trinta e nove annos, pois nascera com o seculo. O conde de Barcellos, muito senhor de si, como velho que podia ser seu pae, e como seu sogro que era, nem sonhava com obstaculos por esse lado. Mas D. João, que tinha por D. Pedro um respeito filial e uma confiança absoluta na sua discrição, abertamente, na presença da propria rainha e da côrte, declarou que o accordo de Torres Novas fôra um erro, que D. Pedro devia governar sósi-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XVI.

nho, pois as coisas iam de mal a peor e não havia outra solução. Effectivamente faltava governo. D. Leonor, nos ultimos periodos da gravidez, não podia despachar. Eram geraes os clamores contra um tal estado de coisas; e em Lisboa o povo que já dizia claramente ser necessario tirar o governo á rainha e dal-o a D. Pedro, alvoroçou-se todo quando soube as opiniões de D. João [1].

Era no estio de 1439, em agosto; ia fazer um anno da morte de D. Duarte; nascera a infanta D. Joanna, que mais tarde veio a ser a foliôna esposa do rei Henrique IV de Castella, mãe da *excellente senhora*, victima innocente das travessuras maternas que deram o throno a Izabel a catholica, e á *beltraneja*, depois de mallogrado o seu casamento com Affonso V e depois do fiasco de Toro, o destino melancolico da clausura fria. Mas nem por ter acabado a gravidez da rainha, melhorára o estado geral. Instava-se com D. Pedro para que interviesse energicamente. Porém elle, com uma repugnancia natural a passar por ambicioso, diminuindo-se a seus proprios olhos; elle, que desdenhava do poder pelos gozos que a outros seduziam, estava tentado a abandonar o cargo de defensor do reino, e ir-se para suas terras em socego. Alvaro Vaz, o capitão do mar, nosso conhecido, que pelo humorismo chegava á philosophia, concordava. Ou se demittisse, ou tomasse o caso a peito chamando a si o governo. Assim, com taes escrupulos, compromettia-se, sem utilidade para ninguem.

N'estes apuros, resolveram consultar o infante D. João. D. Henrique, sempre em Sagres, conservava-se estranho ao que passava. Quando D. Pedro communicou ao irmão a idéa em que estava de se demittir, este, inflammado, protestou.

—Pois eu, respondeu vivamente, eu, senão fôsse o ter dois irmãos, como vós e D. Henrique, reclamava para mim a regencia, e se m'a não dessem, morreria sobre isso! Não se trata das virtudes pessoaes da rainha que são muitas; mas sermos

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XVII, XIX.

regidos por uma mulher e por uma estrangeira — nunca vi maior vergonha e abatimento!

O generoso sangue de Aviz pulava-lhe nas veias. E deve notar-se que excluia do throno a filha, para quem o conde de Barcellos obtivera a mão de Affonso v. Cómo podia este suppôr no genro tão inconcebivel desprendimento! D. Pedro temia uma revolução, previa uma guerra civil, e assustava-o a sua sabedoria de philosopho, costumado a vêr a inanidade de tudo que não fosse o bem-estar do pobre povo.

— A guerra é certa, respondia D. João com verdade, porque a gente que aconselha a rainha não procede por amor do reino, mas sómente por se segurarem, escapando ao castigo do crime de encurtarem o patrimonio real.

A lei *mental* de D. Duarte era o terror de todos os detentores de bens da corôa, pilhados durante o tumulto das guerras de Castella. Depois havia ainda o perigo dos infantes de Aragão, irmãos de D. Leonor, que se sentavam com a outra irmã no throno de Castella: homens inquietos e amantes de novidade, interviriam sem duvida nas questões portuguezas. Tivesse portanto decisão e coragem, chamasse a si o governo. Era esse o unico meio de evitar a guerra. E se de todo em todo não quizesse, appellasse-se para o infante D. Henrique. Não houvesse temor, ainda quando as coisas fossem a mal. Ourem, Arrayolos, os rapazes, seus cunhados, por esses ficava elle. O pai havia de estar com os filhos. Veria que todos appareceriam concordes nas côrtes proximas. Houvesse firmeza.

D. Pedro, pensando que talvez o irmão acertasse, concordou em esperar para as côrtes, desistindo da idéa de se demittir. Talvez até a propria rainha propozesse algum alvitre aceitavel! [1] Muitas vezes as questões mais arduas e mais apparentemente insoluveis cahem assim inesperadamente.

Ora a rainha estava em Sacavem enleiada n'uma espessa teia de intrigas; e como, ao saber-se a decisão de D. Pedro, Lisboa exultára em gaudio, ella, por desforra, expulsou da

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XXI, XXII.

côrte as damas sympathicas ao infante [1]. Com este novo destempero rompia as hostilidades; e sobre a queda commetteu um erro, que determinou a explosão. Foi dar a um seu aio, Nuno Martins da Silveira, a concessão dos varejos a que os mercadores de Lisboa eram obrigados todos os sete annos. O povo em tumulto correu á casa da camara, invadindo-a, na sessão em que os dois procuradores do concessionario, Bartholomeu Gomes contador e Alvaro Affonso escrivão da siza dos pannos, apresentavam a carta regia. Deixaram-na lêr, e, ao ouvirem a assignatura da rainha, sem a do infante co-regente, deitaram Alvaro Affonso pela janella fôra. O desgraçado salvou a vida por ter cahido sobre um telhado, e Bartholomeu Gomes deveu-a á força do seu pulso [2]. N'uma vozeria atroadora, acclamavam o infante D. Pedro, vociferavam contra a rainha. Estava iniciada a revolução. Debalde o conde de Arrayolos, a quem o accordo de Torres Novas dava o cargo da justiça, veio a Lisboa para a pacificar. O tumulto era cada vez maior, e os parciaes da rainha exacerbavam-no, acreditando que o Arrayolos vinha a vingal-os. Já diziam que cedo se veriam as gigas da Ribeira cheias de mãos e pés, á maneira de pescado. Promettiam mortandades, meio infallivel de precipitar os contrarios no desespero da defeza. Já se fugia de Lisboa: já nem os padres nas igrejas eram respeitados, quando queriam defender o governo, como succedeu em S. Domingos a Fr. Vasco da Alagoa, corrido do pulpito pela populaça. O conde de Arrayolos teve de retirar para não ser desfeiteado [3]. Lisboa estava em plena rebeldia.

D. Pedro veio de Camarate á capital e socegou o povo; mas a camara disse-lhe terminantemente que todo o mal estava na regencia ser de muitos: ou governasse elle só, ou só a rainha. E esta, apesar dos conselhos accordes de D. Pedro e do conde de Arrayolos, instou com os fidalgos para que trouxessem gente e armas ás côrtes proximas [4]. A pobre senhora pen-

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XXIII.
[2] *Ibid.*, XXIV.
[3] *Ibid.*, XXV.
[4] *Ibid.*, XXVII.

*

sava em fazer das côrtes uma batalha. Para D. Pedro, as coisas precipitavam-se por modo que forçosamente tinha de abandonar as suas inclinações contemplativas de sabio. Chegava o momento agudo em que o philosopho se via forçado a ser um homem de acção. E sentia ao seu lado a falta do infante D. João, cuja inteireza simples e rectilinea lhe aquecia o animo indifferente. O infante cahira outra vez com febres, em Alcochete. D. Pedro foi lá vêl-o.

Á cabeceira do enfermo estava o primo e cunhado, conde de Ourem, que assistiu á entrevista. O conselho de D. João foi o mesmo: que D. Pedro se nomeiasse regente do reino. Viessem os conjurados, viessem os infantes de Aragão defender sua irmã, viesse quem viesse... Elle, Ourem — o primo annuia com a cabeça — todos, e Lisboa que lh'o pedia, saberiam defendel-o.

— Esperemos as côrtes, voltava D. Pedro com a sua prudencia, inimiga da politica, sempre feita de audacia. Não precipitemos as coisas. As côrtes decidirão.

Mas D. João objectava que se podia perder o momento propicio da disposição dos animos em Lisboa.

— Será como Deus quizer, concluiu D. Pedro. Eu nada farei sem côrtes; mas, pois a rainha escreve aos fidalgos seus parciaes que venham com tropas, eu, como defensor do reino, farei saber ás villas que estejam prestes para qualquer movimento e novidade [1].

Tudo isto levou menos de um mez. Setembro ia em principio, quando D. Pedro, antes de partir para Coimbra, sua casa, a retemperar-se na soledade para a crise que se aproximava, entendeu dever ir antes a Sacavem despedir-se da rainha e do rei seu sobrinho. Entrou no paço mais como juiz do que como vassallo. O reisinho, de sete annos, veio para elle a rir, e elle beijou-lhe a mão. Depois voltando-se severamente para a cunhada disse-lhe:

— Fiz quanto pôde, a bem: só recebi odio e má vontade.

[1] *Chron. de Affonso V*, XXVIII.

Até aqui tivestes-me como querieis: de agora em diante, tomar-me-heis como me achares [1].

E partiu sem esperar resposta, satisfeitissimo comsigo mesmo, por essa occasião de fallar com sinceridade completa. Julgava ter mettido uma lança em Africa, e praticára apenas mais um erro palmar; porque, se queria a submissão amiga da rainha, perdia-a para sempre, ferindo-a mortalmente no seu amor proprio; e se estava decidido á guerra, as palavras ditas eram um pleonasmo. De astucia e audacia ha de compôr-se o homem destinado a mandar no proximo.

Com os seus ardis de velha raposa, o conde de Barcellos, melhor politico, dissipadas as primeiras illusões, vendo turvos os ares, e os filhos de mãos dadas ao genro, que — parecia incrivel! — deitava pela janella fóra o throno patente; o conde de Barcellos abstinha-se, sumia-se, deixando o tempo deslindar as meadas, receiando algum passo dado em falso que o compromettesse gravemente.

Por seu turno, D. Pedro, de volta a Camarate, antes de partir para Coimbra, pela primeira vez exercia o cargo de defensor dos povos. Com igual titulo, o pae salvára a independencia do paiz, fazendo-se rei, porque achou o throno vasio; e decerto a lembrança da revolução de 1383 acudia agora á memoria do filho de D. João I. Tambem era Lisboa que o impellia, não a usurpar a corôa, porque a philosophia vaccinava-o d'essas ambições vãs, mas sim a salvar a ordem ameaçada pela turbulencia ávida da fidalguia e pela insensatez da rainha. O cargo de defensor do povo, em que se via investido, era para elle, que conhecia a historia romana, como a antiga magistratura dos tribunos; e a sua perspicacia dizia-lhe que as funcções d'esse cargo iam ser o attributo soberano dos principes, e os reis os verdadeiros defensores do povo contra a prepotencia da nobreza.

Tudo isto lhe ia pela cabeça, emquanto com mão firme escrevia a carta ás villas do reino, recommendando-lhes que

[1] *Chron. de Affonso V*, xxx.

estivessem precavidas para quando vissem seu recado [1]. Expedidos os mensageiros, de modo que as cartas fossem todas entregues no mesmo dia, partiu. Em Lisboa, um povo espesso corria ás portas da Sé a lêr a carta do defensor que corria de de bôca em bôca e era decorada sofregamente. De noite, com candeias, vinham lel-a, porque o dia não chegava. N'um alvoroço immenso, n'uma sympathia e confiança estremes, os populares acclamavam o infante seu defensor, cobrindo de vituperios a rainha que pretendia appellar para a intervenção estrangeira e esperava o auxilio dos infantes do Aragão para os esmagar. Surriadas de palmas, gritos de alegria, clamores de vivas, acolhiam cada phrase da carta de D. Pedro ao povo, que se sentia seguro com a protecção de um principe.

Todas as camaras do reino responderam que ficavam precavidas, e o Porto accrescentou querer que o infante, só, sem outra ajuda ou companhia, «fosse regedor» [2]. Tremendo de susto, a rainha fugiu de Sacavem para Alemquer. Declaradamente em revolta, Lisboa, na ausencia do defensor do reino que em Coimbra esperava a reunião das côrtes, entregou-se nas mãos do nosso conhecido Alvaro Vaz d'Almada, o fiel Achates de D. Pedro, elegendo-o seu alferes, general ou chefe. Já se contava que o pleito se não liquidaria ás boas. O alferes, ao receber solemnemente a bandeira da cidade, jurou o termo de condições que os populares impunham ao mandato. Em S. Domingos, velho *forum* da Lisboa medieval, reuniu-se a assembléa dos mecanicos, representação dos officios, decidindo que sómente D. Pedro fosse regedor e defensor: assim promettiam requerel-o em côrtes, «morrendo por elle se necessario fôsse». Por seu lado o arcebispo D. Pedro, façanhudo contrario do infante e unica pessoa que recusára jurar e assignar o accordo de Torres Novas, homem bulhento e crivado de dividas a quem o governo prudente e honesto de D. Pedro não podia tirar de embaraços, amontoava armas na alcaçova da Sé, onde se forti-

[1] *Chron. de Affonso V*, XXXIX.
[2] *Ibid.*

ficava ameaçando a cidade. A camara intimou-lhe a demolição da fortaleza; e ondas de povo encolerisado assignavam essa ordem de um modo tão ameaçador, que o arcebispo, entrouxou as vestes, o baculo e a espada, e emigrou para Castella. Lembrava-se do que succedéra ao seu predecessor, nos dias da execução do conde Andeiro. Estava muito viva essa data para arriscar temeridades. Logo que chegou a Castella, porém, mandou de lá um cartel de ameaças promettendo a Lisboa uma invasão, promessa em paga da qual a cidade sequestrou as rendas do arcebispado de Lisboa, applicando metade para dotação do arcebispado effectivo, e a outra metade para pagamento das dividas que o fugido deixára [1]. Vê-se aqui o humorismo de Alvaro Vaz, e tambem a sua habilidade politica: tiravam-se ao arcebispo as rendas e os parciaes, desde que se pagava aos credores. Restabelecido, o infante D. João veio de Alcochete para Lisboa pôr-se á frente da cidade [2].

Ao manifesto de D. Pedro respondeu a rainha com outra carta, pedindo aos povos que nas côrtes proximas mantivessem o estabelecido em Torres Novas; mas estas cartas por toda a parte eram rasgadas; e em Lisboa o escrivão da chancellaria, quando as foi collocar nas portas da Sé, a custo escapou com vida [3]. Por outro lado a rainha tentava seduzir o infante D. João. Chamando-o a Alemquer, D. Leonor implorava-lhe que abandonasse o irmão, offerecia-lhe a propria regencia, o throno para a filha, dava tudo, no seu desespero de mulher offendida. Mas não obteve melhor resultado. D. João firmemente respondeu:

—Nunca Deus queira, nem quererá que entre os filhos d'el-rei D. João I, que nas mocidades em tanto amor e concordia se crearam, seja agora semeada tal sizania. Haveria temor de Deus e vergonha do mundo, não digo em aceitar, mas só-

1 V. o alvará de 8 de dezembro de 1439, nos *Annaes do mun. de Lisboa*, do snr. Freire de Oliveira, I, 321.

2 Pina, *Chron. de Affonso V*, XXXI a IV e XL.

3 *Ibid.*, XXXV.

mente em lembrar-me de aceitar o regimento do reino, tendo dois irmãos mais velhos e taes para isso, como são D. Pedro e D. Henrique. E emquanto ao casamento d'el-rei com minha filha, não sendo o caso como é, certo seria a maior honra e o maior accrescentamento que eu poderia desejar. Com melhor vontade e menos sentimento meu soffreria vêl-a no mundo em uma publica dissolução do que casal-a por tal maneira contra a honra e vontade de meu irmão. Iria contra elle e contra a vontade de D. Duarte que Deus tem [1].

A resposta do infante, por cuja bôca fallava a honra ingenua e forte, deixou interdicta a rainha. Surprehendia-a encontrar de tal modo firme o respeito pelos mais velhos, de tal modo vivo o sentimento do amor fraterno, elevado ás proporções de um culto, e superior a todos os instinctos de ambição e de amor paternal. Tinha uns cunhados tão susceptiveis e exigentes em nobreza, que lhe pareciam estouvados: não podia entendel-os. Mas, femininamente teimosa, não desistiu ainda. Apellou para D. Henrique. Escreveu-lhe, e por mau conselho, provavelmente, dos que lhe governavam a cabeça leve, julgou que o melhor era assustar o visionario de Sagres. Dizia-lhe que D. Pedro, coisa horrorosa! queria assenhorear-se do governo para o prender e para o perder. Quando em Sagres D. Henrique leu essa carta, o despauterio da cunhada provocou-lhe decerto o riso; e largando para Coimbra, foi ter com o irmão, informar-se do estado das coisas.

— Vêde, senhor irmão, dizia-lhe ao apeiar-se do cavallo rindo alegremente; vêde, senhor irmão, que temor é o meu! Venho assim percebido e seguro...

E abrindo os braços, contou-lhe o que a rainha lhe mandára dizer.

— Não me espanto, observou D. Pedro com a sua habitual serenidade melancolica, taes tempos e taes vontades crearem fructa tão nova... [2]

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XLI.

[2] *Ibid.*, XLIII.

Proseguiu contando o que passára ao irmão, que acompanhava pelos pateos do palacio, levando-o á sala onde a duqueza de Coimbra e a familia do defensor estava reunida placidamente. Achava-se alli o conde de Barcellos, um tanto esquivo, como quem se sente pequeno. Os tres irmãos abraçaram-se, e, depois de conversarem sobre a situação geral, decidiu-se que o Barcellos, como quem melhor se dava com a rainha, a fosse decidir a não deixar de ir ás côrtes de Lisboa, em novembro, d'alli por um mez. O conde veio n'um galope a Alemquer, onde se encontrou com o seu filho Arrayolos, chegado de Lisboa. Os ares turvavam-se cada vez mais; a sorte parecia inclinar-se para o lado de D. Pedro. Alemquer estava transformada n'uma praça de guerra, atulhada de armamento, cercada de velas e roldas que no seu vigiar constante denunciavam o grande medo que ia lá por dentro. Franzindo a testa, retorcendo a bôca, o velho conde foi-se ter com a rainha e transmittiu-lhe o recado. A paz do reino e o livramento do infante D. Fernando (pobre martyr esquecido em meio d'esta comedia!) reclamavam as côrtes; os infantes pediam-lhe que não deixasse de ir a Lisboa. D. Leonor, cheia de orgulho, entendendo o pedido como uma capitulação, respondeu que iria se as cidades e villas revogassem a tenção dada por D. Pedro. Com esta resposta voltou o velho conde a Coimbra, inteiramente convencido de que os dias da rainha estavam contados. Por isso, quando partiram ambos, deixando o defensor, um para Sagres, outro para Guimarães, este que era senhor do Minho e de boa parte de Traz-os-Montes, com um calor proporcional ao seu desejo de destruir o effeito dos passos que mezes antes dera em falso, afadigava-se a convencer os parciaes da rainha a que não fossem ás côrtes de Lisboa [1]. Que havia a ganhar com isso? Deixassem-nos resolver essas pendencias, e depois ficariam elles sempre ao lado do vencedor, para lhe impôr as arrhas do triumpho. Sentia-se agora á larga, entre os seus, o conde de Barcellos. No seio da familia D. Pedro, com os livros, enchia-se

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XLIV.

de força. Na paz do tumulo D. Duarte dormia o somno eterno. Em Sagres D. Henrique armava navios para Africa. Em Fez, D. Fernando gemia sob o açoite do mouro. E em Lisboa, D. João guiava a plebe amotinada.

Guiava é um modo de dizer. As revoluções ninguem as guia; os chefes são sempre servos. A revolta de Lisboa tomava corpo. Esperar a decisão das côrtes, como queria D. Pedro, era arriscar muito. O Porto anticipára-se, declarando desde logo a sua terminante e absoluta vontade. O comicio de S. Domingos fizera o mesmo. Podia, devia a camara ficar de braços cruzados? De resto, o parecer de D. João era de ha muito favoravel aos actos decisivos. Por isto resolveu-se passar o Rubicon. Em Alvaro Vaz tinha Lisboa o seu condestavel, outro Nunalvares, como o de 1383; em Lopo Fernandes, tanoeiro velho e abonado, de que o povo «fazia grande cabeceira», tribuno da plebe, muito chegado ao infante D. João, tinha outro Alvaro Paes; e outro João das Regras, finalmente, no doutor Diogo Affonso Mangancha «em quem havia letras e ardideza com pouco repouso». Era um fura-vidas, letrado astuto, que viu o o seu futuro ligado ao exito da revolução e lhe deu por isso quanto podia: não era porém um aventureiro, porque já no tempo de D. Duarte andava no desembargo, nem um insignificante, pois legou o que tinha para subsidiar a instrucção [1].

[1] *Leal Cons.*, LVIII. Este Mangancha, desembargador, é o que por seu testamento fundou um collegio em Coimbra, em sua casa, instituindo uma bibliotheca em que, á moda do tempo, os livros estavam presos por cadeias aos muros. «E que os meus livros se ponham por cadeias».

O testamento do desembargador Mangancha, datado de 4 de janeiro de 1448, foi transcripto por J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, II, 260. Eis-aqui alguns trechos referentes á instituição do collegio:

«em que se recebam dez escholares pobres de todo e quatro servidores, sem nunca ter azemola, nem besta, havendo pela renda dos ditos bens duas tavolas ao dia, sem outra consoada, nem cama, nem al, que não for vigilia, e quando a for, uma tavola e á noute consoada. ... se ordenem dez camaras e n'ellas se armem dez leitos de madeira e dez estudos... E ahi sejam recebidos a primeira vez dez escholares ja grammaticos e passantes dezeseis annos, porem se forem sacerdotes ainda que não sejam grammaticos recebam-nos... E d'esses dez seja um reitor do collegio... E cada escholar começante grammatico e por conseguinte nas ou-

Com estes elementos de primeira ordem, um cavalleiro estreme, um tribuno querido, e um letrado astuto, pôz em scena a camara de Lisboa o seu acto revolucionario. O desembargador Mangancha pronunciou um discurso, argumentando com a velha lei dos frankos salianos, chamada salica, admittida em toda a Hespanha e que excluia as mulheres do throno: n'isto fundava o impedimento a D. Leonor reger o reino; e, dado esse impedimento, instava por que Lisboa reclamasse a regencia para o infante D. Pedro. Foi victoriado. Anticipadamente estavam conformes todos, e os fidalgos e homens bons da cidade, assignaram o accordão, segundo as conclusões do desembargador. Levado processionalmente, no meio das acclamações unanimes do povo, o auto ao infante D. João, este approvou-o com alegria.

Notificaram-no depois á rainha, aos infantes e condes, e ás terras do reino. Lisboa fazia com isto acto positivo de capital, tornando-se o cerebro da nação. O Porto annuiu logo, declarando que isso mesmo votára já. D. Pedro, transposto o Rubicon, disse que sim, que aceitava com prazer o mandato. D. Henrique, esquivo e reservado, absteve-se, declarando subversivo o procedimento da capital e aguardando as côrtes para se decidir. Devemos recordar que era o auctor do accordo de Torres Novas, de facto despedaçado, embora vigente, como lei; e o povo que não distingue como os letrados, apesar de todo o seu respeito, murmurava, rosnando contra D. Henrique a ponto do infante D. João ter de intervir, promettendo que ia escrever-lhe e que as coisas se accommodariam.

Quando porém a noticia dos casos de Lisboa chegou a Guimarães e o conde de Barcellos a soube, teve um ataque de furia senil. O irmão levava a melhor! É verdade que aconselhára á gente da rainha a que não fosse ás côrtes; mas isso

tras sciencias possa estar dez annos, e o que ja for grammatico sete, e o que ja deixa a Logica, cinco e mais não».

« N'este collegio nunca possam ser recebidos ricos, barregueiros, tafues, bebados, volteiros, gagos, nem doutros maos costumes, peitudos e de narizes tortos, bochechudos, que teem rosmaninhos nos rostos, ainda que sejam bons...»

era para que nem D. Leonor, nem D. Pedro, podessem vencer de todo. Só a desordem lhe podia ser productiva. Um governo forte destruia-lhe todas as esperanças. E de mais a mais na mão de D. Pedro! Amor, dedicação pela aragoneza, não tinha decerto; e o bem do reino consistia na fortuna dos seus fidalgos. Diz o chronista que «segundo juizo commum e especiaes que se depois seguiram» o desgosto do conde era apenas «com respeito do seu interesse particular» [1].

Taes noticias e respostas chegavam a Lisboa, onde provisoriamente reinava o infante D. João, e Alvaro Vaz hasteava o pendão soberano da cidade. A guarnição do castello, pela rainha, teve ainda velleidades de resistencia; mas o alferes foi lá, cercou-os, mais com chufas do que com tiros, e logo os levou a renderem-se.

Oliveira Martins.

[1] Pina, *Chron. de Affonso V*, XXXV a IX e XLI.

AS MINAS DE SALOMÃO [1]

(Romance de RIDER HAGGARD, traduzido do Inglez)

CAPITULO VII

O REI TUALA

Não me dilatarei nos incidentes da nossa jornada até Lú — que nem foram consideraveis nem pittorescos. Durante dois longos dias trilhámos a estrada de Salomão, por entre ricas terras cultivadas, e alegres povoações que nos encantavam pelo seu ar florescente e calmo. A cada instante passavam por nós troços de gente armada, regimentos emplumados marchando tambem para a cidade, para o grande festival sagrado. No segundo dia, ao pôr do sol, parámos n'uma collina, que a estrada galgava por entre dois renques d'arvores em flôr: — e em baixo, n'uma planicie deliciosamente fertil, avistámos emfim Lú, a capital dos Kakuanas.

Para cidade d'Africa era enorme, — com seis milhas talvez de circumferencia, toda ella defendida por estacadas, e rodeada de pomares e de vastas aringas onde se aquartelavam tropas. Pelo centro corria um largo e claro rio, vadeado

[1] Continuado da pag. 224, do numero de fevereiro.

por pontes. Para o norte, a duas milhas, erguia-se uma collina, que offerecia a fórma singular d'uma ferradura: e, mais longe, a umas sessenta milhas, surgiam bruscamente da planicie, em triangulo, tres serras isoladas, escarpadas, todas cobertas de neve.

— A estrada (explicou Infandós, vendo que contemplavamos com estranheza os tres montes) acaba além n'essas serras, que se chamam as *Tres Feiticeiras.*

— E porque acaba além, Infandós?

— Quem sabe! murmurou o velho encolhendo os hombros. As tres montanhas estão todas furadas por cavernas. Ha no meio d'ellas uma cova immensa. É lá que se sepultam agora os nossos reis. E era alli que os homens antigos, que sabiam tudo, vinham buscar certas coisas...

— Que coisas, Infandós? exclamei eu, cravando n'elle um olhar que o sondava.

O velho sorriu, com um grossa malicia de negro:

— Os espiritos que vêm das estrellas sabem decerto mais do que um Kakuana...

— Com effeito! acudi eu, n'um tom sciente e profundo. E por isso te posso dizer, Infandós, que esses homens antigamente vinham procurar um ferro amarello que rebrilha, e umas pedras brancas que faiscam.

— Talvez fosse, talvez fosse! balbuciou Infandós, embaraçado, afastando-se bruscamente para lançar uma ordem aos carregadores da bagagem.

— Acolá, disse eu aos companheiros mostrando as *Tres Feiticeiras,* estão as minas de Salomão!

Todos tres, commovidos, ficámos a olhar aquelles montes tão proximos, onde jaziam ainda talvez (se o velho D. José da Silveira contára a verdade) os mais ricos thesouros da terra... A que prodigioso momento chegára a nossa aventura!

De repente, quando assim pasmavamos, o sol desappareceu — e a noite cahiu, sem transição, visivelmente, como uma coisa tangivel. N'aquellas latitudes não ha crepusculo. A luz

acaba como a chamma d'um bico de gaz que se fecha: e, n'um instante, a terra toda fica envolta n'uma cortina de treva.

N'essa occasião porém, durou pouco a escuridão, porque bem cedo a mais larga e esplendida lua que me lembro de ter visto subiu magestosamente ao céo, derramando uma tão sublime refulgencia, tão divinamente serena, que, sem saber porquê, cada um de nós tirou o chapeu, como n'um templo, ante uma imagem sagrada.

Infandós, porém, quebrou a nossa contemplação, dando o signal de descer para a cidade, que agora, batida de luar, cheia de lumes, parecia infindavel através da planicie.

E d'ahi a uma hora, tendo passado a ponte levadiça, entre piquetes de sentinellas a quem Infandós deu baixo o *santo e senha*, seguiamos calados pela rua central de Lú, toda ladeada de sombras d'arvores e de senzalas onde se cosinhava. Levou uma hora antes de chegarmos á grade d'um pateo redondo, com o chão muito batido e duro, todo caiado de branco. Em volta erguiam-se cubatas espaçosas, cobertas de colmo. Eram alli (segundo declarou Infandós) os nossos «humildes pousos».

Cada um de nós tinha, só para si, uma cubata. Havia dentro um grande asseio. Os leitos eram feitos com pelles estendidas sobre enxergões de herva aromatica. Uma esteira tapetava o sólo. Tripeças pintadas alternavam com frescas vasilhas d'agua. Não podiamos esperar mais cuidadosa hospedagem! E apenas nos lavámos, sacudimos o pó, appareceu logo um bando de raparigas, das mais bellas que até ahi encontraramos no paiz, trazendo leite, carnes assadas e bolos de milho em vistosos pratos de madeira.

Depois da ceia fizemos reunir todas as quatro camas na maior das cubatas (precaução que encheu de riso as raparigas), — e não tardamos em adormecer com grata tranquillidade. Acordámos quando o sol ia nado — e a primeira e aprazivel impressão que recebemos foi a do bando das raparigas, acocoradas no chão, a um canto, á espera que despertassemos «para nos ajudar a lavar e a vestir».

Quando uma d'ellas, a mais alta (e que figura! que braços!) fez esta amavel offerta, o capitão John teve uma exclamação, um gesto d'atroz desespero:

— Vestir! É bom de dizer! Quando uma pessoa não tem senão uma camisa e um par de botas!... E com estas raparigas todas, bonitas raparigas, ahi por essa cidade... Não! isto não póde continuar! Eu não arredo pé d'aqui da cubata, senão de calças! Quero as calças!

Vi o meu amigo tão decidido, que reclamei as calças. Mas uma das raparigas voltou d'ahi a momentos declarando que essas sagradas e maravilhosas reliquias tinham sido já mandadas ao rei!

O furor do nosso John foi immenso. Teve de se contentar em barbear a face direita; porque, na esquerda não consentimos nós que elle eliminasse um só pêllo á farta suissa que já lhe crescêra. Aquella cara espantosa, rapada d'um lado, barbuda do outro, era uma das evidencias da nossa raça sobrenatural. Todos nós, de resto, tinhamos aspectos estranhos. Os cabellos do Barão, amarellos e sempre longos, desciam-lhe agora até aos hombros, n'uma juba rude, que lhe dava o ar d'um barbaro dos tempos do rei Olloff.

O almoço já esperava, fóra, no terreiro, em caçoulas que fumegavam. Mas, primeiramente, quizemos tomar o nosso *tub*, atirar pelas costas alguns frios baldes d'agua. E o assombro, a desconsolação das raparigas foi consideravel, quando lhe pedimos pudicamente que se retirassem, cerrando a porta de vime...

Logo depois do almoço, Infandós appareceu annunciando que el-rei Tuala nos mandava muito saudar, e esperava a nossa comparencia em Palacio. Declarei immediatamente, com indifferença e altivez, que ainda nos achavamos cançados, tinhamos ainda um cachimbo a fumar, etc., etc.

Convem sempre, tratando com potentados negros, não mostrar pressa nem respeito. Tomam invariavelmente a polidez por pavor. De sorte que, apesar da nossa anciedade em vêr o terrivel Tuala, retardámos nas cubatas uma farta hora, prepa-

rando, ao mesmo tempo, os escassos presentes que destinavamos ao rei e á côrte: a espingarda do pobre Venvogel, um bocado de sêda, alguns fios de contas de vidro.

Afinal partimos, guiados por Infandós — e seguidos por Umbopa que levava as dadivas.

Ao fim d'um curto kilometro, chegámos a um immenso terreiro, com o chão duro e caiado de branco como o das nossas moradas, e cercado por uma estacada baixa. Em redor, fóra da estacada, corria uma fileira de cubatas, que (segundo nos informou Infandós) pertenciam ás mulheres do rei: e ao fundo, fronteira á porta por onde entraramos, estendia-se uma construcção, uma cubata enorme, com varas e plumas espetadas no tecto de colmo, que era o palacio real. No recinto não crescia uma arvore: e todo elle estava n'esse dia cheio de regimentos em fórma, perfilados, immoveis, verdadeiramente magnificos, com os seus altos pennachos, os escudos brancos, as lanças a rebrilhar.

Em frente á cubata real ficava um espaço vasio, com uns poucos de escabellos de madeira. A convite do bom Infandós occupámos tres d'esses assentos privilegiados, tendo Umbopa por traz, de pé: e assim ficámos á espera, no meio d'um silencio absoluto, sentindo cravados sobre nós oito mil pares d'olhos sofregos. Finalmente a porta da cubata rangeu — e surgiu d'ella uma figura gigantesca, com um esplendido manto de pelles de tigre lançado sobre o hombro, e uma azagaia na mão. Atraz d'elle vinha Scragga e uma outra creatura estranha, equivoca, que nos pareceu uma macaca — uma macaca velhissima e friorenta, toda embrulhada em pelles. A figura gigantesca abateu-se pesadamente sobre uma das tripeças de pau. Scragga permaneceu de pé, por traz, apoiado á lança. A velha macaca arrastou-se para a sombra que lançava a cubata real, e alli se acocorou lentamente.

O mesmo silencio continuava no entanto oppressivo, afflictivo.

Então a figura gigantesca arrojou o manto que a envolvia, e ergueu-se, offerecendo ás vistas a sua real pessoa, verdadeiramente terrifica! Nunca em minha longa vida encarei um homem mais repulsivo. E ainda ás vezes revejo, ante mim, aquella face horrivel com os beiços muito grossos ressudando sensualidade, as ventas enormes e chatas de fera, e o olho unico (porque o outro era apenas um buraco negro) atrozmente brilhante, d'um brilho frio e cruel. Uma cota de malha reluzente cobria-lhe o corpo formidavel. Da cinta pendia-lhe o saião d'uniforme, feito de rabos brancos de boi. Ao pescoço trazia uma gargalheira d'ouro: e da testa, onde luzia um enorme diamante bruto, subia-lhe, ondeando no ar, um tufo esplendido de plumas d'abestruz.

O silencio ainda pesou, mais profundo, diante d'aquella presença assustadora! Mas de repente o monstro (que logo comprehendemos ser Tuala, o rei) levantou a lança no ar. Oito mil lanças faiscaram ao sol. E de oito mil peitos rompeu, atroando o céo, a grande acclamação real: — *Krum! Krum! Krum!*

Depois, no silencio que recahira, vibrou uma voz, agudissima, estridula, horripilante, e que parecia vir da macaca agachada á sombra:

— Treme e adora, ó povo! É o Rei!

E oito mil peitos de novo atroaram o céo, bradando:

— É o Rei! É o Rei! Treme e adora, ó povo!

E tudo de novo emmudeceu. Mas quasi immediamente, ao nosso lado, houve um ruido de ferro batendo sobre pedra. Era um soldado que deixára cahir o escudo.

Tuala dardejou logo o olho cruel para o sitio onde o som retinira:

— Avança, tu! berrou, n'um tom trovejante.

Um soberbo rapagão sahiu da fileira, ficou perfilado.

— Cão infernal! rugiu o rei. Foste tu que deixaste cahir o escudo? Queres que eu, teu chefe, seja escarnecido pelas gentes que vêm das estrellas!

— Foi sem querer, ó mestre das artes negras! acudiu o rapaz cuja pelle fusca parecia empallidecer.

— Pois, tambem sem querer, vais morrer!

O soldado baixou a cabeça e murmurou simplesmente:

— Eu sou a rez do Rei!

— Scragga! bramiu Tuala. Mostra como sabes usar bem a lança. Vara-me aquelle cão!

O odioso Scragga deu um passo para diante, com um sorrisinho feroz, e levantou o dardo. O desgraçado tapou a face, e esperou, immovel. Nós nem respiravamos, petrificados.

«Um, dois, tres!» Scragga soltou a lança. O soldado atirou os braços ao ar, cahiu morto.

D'entre os regimentos subiu então um longo murmurio que rolou, ondulou, se esvaiu por fim no silencio.

O barão, livido de indignação, agarrára a espingarda das mãos d'Umbopa. E eu, afflicto, tive de o agarrar a elle, lembrar que as nossas vidas estavam á mercê do rei, e que eramos quatro todo contra um reino.

Tuala, no entanto, sorria sinistramente:

— O golpe foi bom. Arrastem para fóra o cão morto.

Quatro homens sahiram da fileira, levaram o corpó.

E então a mesma voz esganiçada, sibilante, horrivel (que evidentemente era da macaca) cortou o ar:

— A palavra do rei foi dita! A vontade do rei foi feita! Treme e adora, ó povo. E cobri bem depressa as manchas de sangue. A palavra foi dita, a vontade foi feita!

Uma rapariga sahiu de traz da cubata real com um vaso de louça, e, atirando d'elle cal ás mãos cheias, escondeu as nodoas horriveis. Tuala permanecia immovel, como um idolo.

Por fim, lentamente, voltou para nós a face medonha.

— Gente branca! disse elle. Gente branca que vindes não sei d'onde, nem sei a quê, sêde bemvinda!

— Bem estejas, rei dos Kakuanas! respondi eu, com dignidade.

*

Houve um silencio, através do qual ficamos immoveis, sentados, com os olhos cravados no monstro.

— Gente branca, volveu elle, que vindes vós procurar aqui?

— Vimos do mundo das estrellas, ó rei! Não indagues como, nem para quê. São coisas muito altas para ti, Tuala.

O rei franziu a face, d'um modo inquietador:

— Altas me parecem as vossas palavras, gentes das estrellas!... Não esqueçaes que as estrellas estão longe e a minha vontade está perto... Póde bem ser que saiaes d'aqui como aquelle que agora levaram.

Era necessario ostentar um soberbo desdem da ameaça. Comecei por lançar uma risada, muito cantada (e na verdade muito forçada):

— Oh rei, tem cautela! Não caminhes sobre brazas que podes escaldar os pés! Toca n'um só dos nossos cabellos e a tua destruição está certa. Não te disseram estes (e apontei para Infandós e para Seragga), que especie de homens nós somos, e que grandes artes temos? Viste tu alguem como nós, entre os filhos dos homens?

— Nunca vi, murmurou elle.

— Não te contaram esses como nós damos a morte de longe, através d'um trovão?

— Não creio! exclamou Tuala, batendo fortemente o joelho. Mostrai-me primeiro, vós mesmos, a vossa arte. Matai um d'esses homens que estão além (apontava uma companhia de soldados magnificos junto á porta da aringa) e eu prometto acreditar!

Repliquei que não derramavamos nunca sangue de homem, senão em justo castigo. Mas que o rei soltasse um boi para dentro do pateo, através dos soldados, e antes d'elle correr vinte passos, cahiria morto, de chofre. O rei rompeu a rir.

— Um boi! Um boi!... Não, matai um homem para eu acreditar!

— Perfeitamente! exclamei eu, com tranquillidade. Er-

gue-te tu, oh rei, caminha através do pateo, e antes de chegares ao portal da aringa rolarás morto no chão. Ou, se não queres ir tu mesmo, manda teu filho Scragga.

A isto, Scragga deu um grito, lançou um pulo, e fugiu para dentro da aringa real.

(Continúa).

CARTAS DE FRADIQUE MENDES [1]

AS CARTAS

(I.ª Série)

IV

A MADAME S.

Paris, fevereiro.

Minha cara amiga. — O hespanhol chama-se D. Ramon Cova-Rubia, mora na Passage Saulnier, 12, e como é aragonez e portanto sobrio, creio que com dez francos por lição se contentará amplamente. Mas se seu filho já sabe o castelhano necessario para entender, e até ao amago, os *Romanceros*, o *D. Quichote*, alguns dos «Piccarescos», vinte paginas de Quevedo, duas comedias de Lope de Vega, um ou outro romance de Galdós, que é tudo quanto basta lêr na litteratura de Hespanha, — para que deseja a minha sensata amiga que elle pronuncie esse castelhano que sabe com o accento, o sabor, e o sal d'um madrileno nascido nas veras pedras da Calle-Mayor? Vai assim o dôce Raul desperdiçar o tempo que a Sociedade lhe marcou para adquirir idéas e noções (e a Sociedade a um rapaz da sua fortuna, do seu nome e da sua belleza, apenas concede, para esse abastecimento intellectual, sete annos, dos onze aos dezoito) — em quê? No luxo de apurar até a um requinte superfino, e superfluo, o mero instrumento de adquirir

[1] Continuado da pag. 239, do numero de fevereiro.

noções e idéas. As linguas são apenas instrumentos do saber — como instrumentos de lavoura. Consumir energia e vida na aprendizagem de as pronunciar tão genuina e puramente que pareça que se nasceu dentro de cada uma d'ellas, e que por meio de cada uma se pediu o primeiro pão e agua da vida — é fazer como o lavrador, que em vez de se contentar, para cavar a terra, com um ferro simples encabado n'um pau simples, se applicasse, durante os mezes em que a horta tem de ser cavada, a embutir emblemas no ferro e esculpir flôres e folhagens ao comprido do pau. Sob este requintado regimen, como estariam agora os seus jardins e pomares da Touraine?

Um homem só deve fallar, com impeccavel segurança e pureza, a lingua da sua terra: — todas as outras as deve fallar mal, orgulhosamente mal, com aquelle accento chato e falso que denuncía logo o estrangeiro. Na lingua verdadeiramente reside a nacionalidade; — e quem fôr possuindo com crescente perfeição os idiomas da Europa vai gradualmente soffrendo uma desnacionalisação. Não ha já para elle o especial e exclusivo encanto da *falla materna* com as suas influencias affectivas, que o envolvem, o isolam das outras raças; e o cosmopolitismo do Verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do caracter. Por isso o polyglota nunca é patriota. Com cada idioma alheio que assimila, introduzem-se-lhe no organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir. O seu patriotismo desapparece, diluido em estrangeirismo. *Rue de Rivoli, Calle d'Alcalá, Regent Street, Wilhem Strasse* — que lhe importa? Todas são ruas, de pedra ou de macadam. Em todas a falla ambiente lhe offerece um elemento natural e congenere onde o seu espirito se move livremente, espontaneamente, sem hesitações ou attritos. E como pelo Verbo, que é o instrumento essencial da fusão humana, se póde fundir com todas — em todas sente e aceita uma Patria.

Por outro lado, o esforço contínuo de um homem para se exprimir, com genuina e exacta propriedade de construcção e de accento, em idiomas estranhos — isto é o esforço para se confundir com gentes estranhas no que ellas têm de essencial-

mente caracteristico, o Verbo — apaga n'elle toda a individualidade nativa. Ao fim de annos esse habilidoso, que chegou a fallar absolutamente bem outras linguas além da sua, perdeu toda a originalidade de espirito — porque as suas idéas forçosamente devem ter a natureza incaracteristica e neutra que lhes permitta serem indifferentemente adaptadas ás linguas mais oppostas em caracter e genio. Devem, de facto, ser como aquelles « corpos de pobre » de que tão tristemente falla o povo, que cabem bem « na roupa de toda a gente ».

Além d'isso, o proposito de pronunciar com perfeição linguas estrangeiras constitue uma lamentavel sabujice para com o estrangeiro. Ha ahi diante d'elle, como o desejo servil de *não sermos nós mesmos*, de nos fundirmos n'elle, no que elle tem de mais seu, de mais proprio, o Vocabulo. Ora isto é uma perda de dignidade nacional. Não, minha senhora! Fallemos nobremente mal, patrioticamente mal, as linguas dos outros! Mesmo porque aos estrangeiros o polyglota só inspira desconfiança, como sêr que não tem raizes, nem lar estavel — sêr que rola através das nacionalidades alheias, successivamente se disfarça n'ellas, e tenta uma installação de vida em todas porque não é tolerado por nenhuma. Com effeito, se a minha amiga percorrer a Gazeta dos Tribunaes verá que o perfeito polyglotismo é um instrumento da alta *escroquerie*. Mas, justos céos! A quem me reclama um endereço eu forneço um tratado... Que a minha garruliee ao menos a faça reflectir, e poupar ao nosso bom Raul o trabalho medonho de pronunciar *Viva la Gracia!* exactissimamente como no *Puerta del Sol*. Isto não impede que se utilisem os serviços de D. Ramon. Sómente como elle, além de Zorrillista, é guitarrista, póde substituir as lições na lingua de Cervantes, por lições na guitarra de Almaviva; e o seu lindo Raul ganhará ainda assim uma nova faculdade de exprimir — a faculdade de exprimir emoções por meio de cordas de arame. Este dom não é inutil. Eu conheço um homem que se consolou ao violão da perda d'uma fortuna, das infidelidades d'uma mulher, e do fiasco d'um livro. Seu muito fiel e muito diffuso — Fradique Mendes.

V

A GUERRA JUNQUEIRO

Paris, maio.

Meu caro amigo. — A sua carta transborda de illusão poetica. Suppôr, como V. candidamente suppõe, que, trespassando mortalmente com versos (ainda mesmo seus, e mais rutilantes que as flechas de Apollo) a Igreja, o Padre, a Liturgia, a Sacristia, o bacalhau á sexta-feira e os ossos dos Martyres, se póde « desentulhar Deus da alluvião sacerdotal », e elevar o Povo (no Povo incluo os conselheiros de Estado) a uma comprehensão toda pura e abstracta da Religião — a uma Religião que consista apenas n'uma Moral apoiada n'uma Fé — é ter da Religião, da sua essencia e do seu objecto, uma sonhadora idéa de sonhador teimoso em sonhos!

Uma Religião a que se elimine o Ritual desapparece — porque as Religiões para os homens (com excepção d'uma classe transcendente de metaphysicos, de moralistas e de mysticos) não passa d'um conjunto de ritos especiaes, através dos quaes cada povo procura estabelecer uma communicação com o seu Deus e obter d'elle favores. Este, só este, tem sido o fim de todos os cultos, desde o mais primitivo, do culto de Indra, até ao culto recente do coração de Maria que tanto o escandalisa na sua parochia — ó incorrigivel beato do idealismo!

Se V. o quer verificar historicamente, deixe Vianna do Castello, tome um bordão, e suba commigo por essa Antiguidade fóra até um sitio bem cultivado e bem regado que fica entre o rio Indo, as escarpas do Hymalaia, e as arêas d'um grande deserto. Estamos aqui em Septa-Sindhou, no paiz das Sete-Aguas, no Valle Feliz, na terra dos Aryas. No primeiro povoado em que pararmos V. vê, sobre um outeiro, um altar de pedra coberto de musgo fresco: em cima brilha pallidamente um fogo lento: e em torno perpassam homens, vestidos de linho branco, com os cabellos longos presos por um aro d'ouro. São padres,

meu amigo! São os primeiros capellães da humanidade, — e cada um d'elles está, por esta quente alvorada de maio, celebrando um rito da missa Aryana. Um limpa e desbasta a lenha que ha de nutrir o lume sagrado; outro pisa dentro d'um almofariz, com pancadas que devem resoar « como tambor de victoria », as hervas aromaticas que dão o *Sômma;* este, como um semeador, espalha grãos de aveia em volta da Ara; aquelle, ao lado, espalmando as mãos ao céo, entoa um cantico austero. Estes homens, meu amigo, estão executando um Rito que encerra em si toda a Religião dos Aryas, e que tem por objecto propiciar Indra — Indra, o sol, o fogo, a potencia divina que póde encher de ruina e dôr o coração do Arya, sorvendo a agua das regas, queimando os pastos, desprendendo a pestilencia das lagôas, tornando Septa-Sindhou mais esteril que o « coração do mau »; ou póde, derretendo as neves do Hymalaia, e soltando com um golpe de fogo « a chuva que jaz no ventre das nuvens », restituir a agua aos rios, a verdura aos prados, a salubridade ás lagôas, a alegria e abundancia á morada do Arya. Trata-se pois, simplesmente, de convencer Indra a que, sempre propicio, derrame sobre Septa-Sindhou os favores unicos que póde appetecer um povo rural e pastoral.

Não ha aqui Metaphysica, nem Ethica — nem explicações sobre a natureza dos deuses, nem regras para a conducta dos homens. Ha meramente uma Liturgia, uma totalidade de Ritos, que o Arya necessita observar para que Indra o attenda — uma vez que, pela experiencia de gerações, se comprovou que Indra só o escutará, só concederá os beneficios rogados, quando em torno ao seu altar lhe forem entoados os canticos, offertadas as libações, derramados os dons. Sem dons, sem libações, sem canticos, Indra, amuado e sumido no fundo do Invisivel e do Intangivel, não descerá á terra a manifestar-se na sua bondade. E se vier de Vianna do Castello um Poeta tirar ao Arya o seu altar de musgo, o seu pau sacrosanto, o almofariz, o crivo, o vaso do *Sômma,* o Arya ficará sem meios de propiciar o seu Deus — e será na terra, como a creancinha que ninguem nutre, e a que ninguem ampara os passos.

Esta Religião primordial é o typo absoluto e inalteravel das Religiões, que todas por instincto repetem, — e em que todas (apesar dos elementos estranhos de Theologia, de Metaphysica, de Ethica que lhe introduzem os espiritos superiores) terminam por se resumir com reverencia. Em todos os climas, em todas as raças, ou divinisando as forças da Natureza, ou divinisando a Alma dos mortos, as Religiões, amigo meu, consistiram sempre praticamente n'um conjunto de praticas, pelas quaes o homem simples procura alcançar da benevolencia de Deus os bens supremos da saude, da força, da paz, da riqueza — ainda mesmo quando, já educado pela experiencia, os peça tambem parallelamente á hygiene, á ordem, á lei, ao trabalho.

O que V. observou em Septa-Sindhou poderá constatar igualmente, parando (antes de recolhermos a Vianna, a beber esse vinho verde de Monção, que V. dithyrambisa) na Antiguidade classica, em Athenas ou Roma, onde quizer, no momento de maior esplendor e cultura das civilisações greco-latinas. Se V. ahi perguntar a um antigo, seja um oleiro de Suburra, seja o proprio *Flumen Dialis*, qual é o corpo de doutrinas e de conceitos moraes que compõe a Religião, — elle sorrirá, sem o comprehender. E responderá que a Religião consiste em *páces deorum quaerere*, em apaziguar os Deuses. Na idéa do antigo isso significa cumprir os ritos, as praticas, as formulas, que uma longa tradição demonstrou serem as unicas que conseguem fixar a attenção dos Deuses e exercer sobre elles persuasão. E n'esse ceremonial era indispensavel não alterar nem o valor d'uma syllaba, nem o valor d'um gesto, porque d'outro modo a Religião não tinha realidade, falseava o seu fim supremo — influenciar o Deus. Peor ainda! Passava a ser a irreligião: e o Deus, vendo n'essa omissão de liturgia uma falta de reverencia, recolhia a sua protecção e exercia a sua inimizade. As pregas da tunica do sacrificador, um passo lançado á direita ou movido á esquerda, as gottas da libação, a lenha da fogueira, todos esses detalhes estavam prescriptos immutavelmente pelos rituaes, e a sua exclusão ou o seu desvio constituiam impiedades. Constituiam verdadeiros crimes contra a patria, —

porque attrahiam sobre ella a indignação dos deuses. Por isso Athenas castigava o sacerdote que alterasse o ceremonial; e o senado depunha os consules que commettiam um erro no sacrificio — fosse elle tão ligeiro como estender a ponta da toga sobre a cabeça, quando ella devia cahir sobre o hombro. De sorte que V., em Roma, lançando ironias d'ouro á Divindade, era talvez um grande e admirado Poeta Comico: mas satyrisando, como na *Velhice do Padre Eterno*, a Liturgia e o Ceremonial era um inimigo publico, um traidor ao Estado, votado ás penas infames.

E se, já farto d'estes tempos antigos, V. quizer volver aos nossos philosophicos dias, terá, nas duas grandes Religiões do occidente e do oriente, no Catholicismo e no Budhismo, uma comprovação ainda mais saliente e mais viva de que a Religião consiste intrinsecamente de praticas, sobre as quaes a Theologia e a Moral se sobrepozeram sem as penetrarem, como um luxo intellectual, accessorio e transitorio — flôres pregadas no altar pela imaginação ou pela virtude idealista. O Catholicismo (ninguem mais furiosamente o sabe do que V.) está hoje resumido a uma curta série de observancias materiaes: — e todavia nunca houve Religião dentro da qual as intelligencias superiores erguessem mais vasta e alta estructura de conceitos theologicos e moraes. Esses conceitos, porém, obra de doutores e de mysticos, nunca propriamente sahiram das escólas e dos mosteiros — onde eram preciosa materia de dialectica ou de poesia; e nunca penetraram nas multidões para methodicamente governar os juizos ou conscientemente governar as acções. Reduzido a catechismos, a cartilhas, esse corpo de conceitos era decorado pelo povo: — mas nunca o povo se persuadiu que tinha Religião, e que portanto *agradava a Deus, servia a Deus*, só por cumprir os dez mandamentos, fóra de toda a pratica e observancia ritual.

Para servir a Deus, que é o meio d'agradar a Deus, o essencial foi sempre ouvir missa, esfiar o rosario, jejuar, commungar, fazer promessas, dar tunicas aos santos, etc. Só por estes ritos, e não pelo cumprimento moral da lei moral, se pro-

picia Deus, — isto é se alcançam d'elle os dons inestimaveis da saude, da felicidade, da riqueza, da paz. O mesmo Céo e Inferno, sancção extra-terrestre da lei, nunca, na idéa do povo, se ganhava ou se evitava pela pontual obediencia á lei, — por isso mesmo que o premio e o castigo não eram manifestações da justiça de Deus, mas da graça de Deus. Ora a graça só se obtem pela constante e incansavel pratica dos preceitos — a missa, o jejum, a penitencia, a communhão, o rosario, a novena, a offerta, a promessa. De sorte que no catholicismo do Minhoto como na religião do Arya, em Septa-Sindhou como em Carrazeda d'Anciães, tudo se resume em propiciar Deus por meio de praticas que o captivem. Não ha aqui Theologia, nem Moral. Ha o acto do infinitamente fraco querendo agradar ao infinitamente forte.

Idem no Budhismo. Dentro d'essa Religião foi elaborada a mais alta das Metaphysicas, a mais nobre das Moraes: mas em todas as raças em que elle penetrou, nas barbaras ou nas cultas, nas hordas do Nepal ou no mandarinato chinez, elle consistiu sempre para as multidões em ritos, ceremonias, praticas — a mais conhecida das quaes é o *moinho de rezar*, que em todos os paizes budhistas está collocado nas ruas das cidades, nas encruzilhadas do campo, para que o devoto ao passar, com duas voltas á manivella, possa fazer chocalhar dentro as orações escriptas, e louvar o Budha, que «lhe ficará grato e lhe augmentará os seus bens.»

Nem o Catholicismo, nem o Budhismo vão por este facto em decadencia. Ao contrario! Estão no seu estado natural e normal de Religião. Uma Religião quanto mais se materialisa, mais se divinisa. Não se espante! Quero dizer, que quanto mais se desembaraça dos seus elementos intellectuaes de Theologia, de Moral, de humanitarismo, etc., repellindo-os para as suas regiões naturaes que são a Philosophia e a Ethica, tanto mais colloca o povo face a face com o seu Deus, n'uma communicação directa e simples, tão facil de realisar que, por um mero dobrar de joelhos, um mero desfiar de contas, um mero balbuciar de Padre-Nossos, o homem absoluto que está no

céo vem ao encontro do homem transitorio que está na terra.

V. porém dirá (e de facto o diz): «Tornemos essa communicação puramente espiritual, e que, despida de toda a exterioridade liturgica, ella seja apenas como o espirito humano fallando ao espirito divino.» Mas para isso é necessario que venha o Millenio — em que cada cavador de enxada seja um philosopho, um pensador. E quando esse Millenio detestavel chegar, e cada tipoia de praça fôr governada por um Mallebranche, terá V. ainda de ajuntar a esta perfeita humanidade masculina uma nova humanidade feminina, philosophicamente differente da que hoje embelleza a terra. Porque emquanto houver uma mulher constituida physica, intellectual e moralmente como a que Deus tão brilhantemente fez da costella de Adão, — haverá sempre ao lado d'ella, para uso da sua fraqueza, um altar, uma imagem e um padre.

Essa communicação mystica do Homem e de Deus, que V. quer, nunca poderá ser senão o privilegio d'uma *élite* espiritual, deploravelmente limitada. Para a vasta massa humana, em todos os tempos, pagã, budhista, christã, mahometana, selvagem ou culta, a Religião terá sempre por fim, na sua essencia, a supplica dos favores divinos e o afastamento da cólera divina; e, como instrumentação material para realisar estes objectos, o templo, o padre, o altar, os officios, a vestimenta, a imagem. Pergunte a qualquer mediano homem sahido da turba, que não seja um philosopho, ou um moralista, ou um mystico, o que é Religião. O inglez dirá: — «É ir ao serviço ao domingo, bem vestido, cantar hymnos.» O hindú dirá: — «É fazer *poojah* todos os dias e dar o tributo ao *Mahadeo.*» O africano dirá: — «É offerecer ao *Mulungú* a sua ração de farinha e oleo.» O Minhoto dirá: — «É ouvir missa, rezar as contas, jejuar á sexta-feira, commungar pela Paschoa.» E todos terão razão, grandemente! Porque o seu objecto, como sêres religiosos, está todo em communicar com Deus; e esses são os meios de communicação que os seus respectivos estados de civilisação e as respectivas liturgias que d'elles sahiram, lhes fornecem. *Voilà!* Para V. está claro, e para outros espiritos de eleição, a

Religião é outra coisa — como já era outra coisa em Athenas para Socrates e em Roma para Seneca. Mas as massas humanas não são compostas de Socrates e de Senecas — bem felizmente para ellas, e para os que as governam.

De resto, não se desconsole, amigo! Mesmo entre os simples ha modos de ser religiosos, inteiramente despidos de Liturgia e de exterioridades rituaes. Um presenciei eu, deliciosamente puro e intimo. Foi nas margens do Zambeze. Um chefe negro, por nome Lubenga, queria, nas vesperas de entrar em guerra com um chefe visinho, communicar com o seu Deus, com o seu Mulungú (que era, como sempre, um seu avô divinisado). O recado ou pedido, porém, que elle desejava mandar á sua Divindade, não se podia transmittir através dos Feiticeiros e do seu ceremonial, tão graves e confidenciaes materias continha... Que faz Lubenga? Grita por um escravo: dá-lhe o recado, pausadamente, lentamente, ao ouvido: verifica bem que o escravo tudo comprehendera, tudo retivera: e immediatamente arrebata um machado, decepa a cabeça do escravo, e brada tranquillamente «parte!». A alma do escravo lá foi, como uma carta lacrada e sellada, direita para o céo, ao Mulungú. Mas d'ahi a instantes o chefe bate uma palmada afflicta na testa, chama á pressa outro escravo, diz-lhe ao ouvido rapidas palavras, agarra o machado, separa-lhe a cabeça, e berra: — «Vai!»

Esquecera-lhe algum detalhe no seu pedido ao Mulungú... O segundo escravo era um *post-scriptum.*

Esta maneira simples de communicar com Deus deve regosijar o seu coração. Amigo do dito — FRADIQUE.

VI

A RAMALHO ORTIGÃO

Paris, maio.

Querido Ramalho. — No sabbado, á tarde, na rue Cambon, avisto dentro d'um fiacre o nosso Eduardo, que se arre-

messa pela portinhola para me gritar: «Ramalho, esta noite! de passagem para a Hollanda! ás dez! no café da Paz!»

Fico dôcemente alvoroçado; e ás nove e meia, apesar da minha justa repugnancia pela esquina papalva do café da Paz, lá me installo, com um bock e com o *Standard*, esperando a cada instante que surja, por entre a turba miuda e molle do boulevard, o esplendor da Ramalhal figura. Ás dez salta d'um fiacre com anciedade o vivaz Carmonde, que abandonára á pressa uma sobremeza alegre *pour voir ce grand Ortigan!* Começa uma espera a dois, em tedio a dois, com bock a dois. Nada de Ramalho, nem do seu viço. Ás onze apparece Eduardo, esbaforido. E Ramalho? Inedito ainda! Espera a tres, impaciencia a tres, bock a tres. E assim até que o bronze nos soou o fim do dia — como ousava dizer Chateaubriand.

Em compensação um caso, e profundo. Carmonde, Eduardo e eu sorviamos as derradeiras fezes do bock, já desilludidos de Ramalho e das suas pompas, quando roça pela nossa mesa um sujeito escurinho, chupadinho, apuradinho, esticadinho, que traz na mão, com respeito, quasi com religião, um soberbo ramo de cravos amarellos. É um homem d'além dos mares, da Republica Argentina ou Peruana, e amigo de Eduardo — que o retem e apresenta «o snr. Mendibal». Mendibal aceita um bock: e eu começo a contemplar em silencio aquella facesinha toda em perfil, como recortada n'uma lamina de machado, d'uma côr acobreada de chapéo côco inglez, onde a barbita rala, hesitante, denunciando uma virilidade frouxa, parece cotão, um cotão negro, pouco mais negro que a tez. A testa escanteada foge toda para traz, timidamente. O caroço da garganta esganiçada, ao contrario, avança como o esporão d'uma galera por entre as pontas quebradas do collarinho muito alto e mais brilhante que esmalte. Na gravata, grossa perola.

Eu contemplo, e Mendibal falla. Falla n'um tom arrastado e humido, quasi dolente, em que as syllabas desfallecem, se esvaem em gemido. A voz é certamente triste: — mas, no que diz, revela a mais forte, segura e insolente satisfação de viver. O animal tem tudo: immensas propriedades além do mar, a

consideração dos seus fornecedores, uma casa no Parc-Monceaux, e «uma esposa adoravel». Como deslisou elle a mencionar essa dama que lhe embelleza o lar? Não sei. Houve um momento em que me ergui, chamado por um velho Inglez meu amigo, que passava, recolhendo da Opera, e que me queria simplesmente segredar que «a noute estava esplendida». Quando voltei á meza e ao bock, o Argentino encetára em monologo a glorificação da «sua senhora». Carmonde esquecera o charuto, devorando o homemzinho com olhos que riam e saboreavam, infinitamente divertido. Eduardo escutava com a compostura grave de um portuguez antigo. E o Mendibal, tendo posto ao lado, sobre uma cadeira, com cuidados devotos, o ramo de cravos, desfiava as virtudes e os encantos de Madame. Sentia-se alli uma d'essas admirações effervescentes, borbulhantes, que se não podem retrahir, e transbordam por toda a parte, mesmo por sobre as mezas dos cafés: onde quer que passasse aquelle homem iria deixando exhalar a sua adoração pela mulher, como um guarda-chuva encharcado vai fatalmente pingando agua. Comprehendi, desde que elle, com um prazer que lhe repuxava mais para fóra o caroço da garganta, revelou que madame Mendibal era franceza. Tinhamos alli portanto um fanatismo de preto pela graça clara e loira d'uma parisiensesinha, picante em seducção e finura. Desde que comprehendi, sympathisei. E o Argentino farejou em mim esta benevolencia critica — porque foi para mim que se voltou, lançando o derradeiro traço, o mais decisivo, sobre as excellencias de Madame: «Sim, positivamente, não havia outra em Paris! Por «exemplo, o carinho com que ella cuidava da mamã (da mamã «d'elle), senhora de grande idade, cheia de achaques! Pois era «uma paciencia, uma delicadeza, uma sujeição... Oh, de cahir de «joelhos! Então nos ultimos dias a mamã apparecera tão exces«sivamente rabujenta!... Madame Mendibal até andava pallida. «De sorte que elle proprio, n'esse domingo, lhe pedira que se fos«se distrahir, passar o dia a Versalhes, onde a mãe d'ella, ma«dame Jouffroy, habitava por economia. E agora viera elle de «a esperar na *gare* Saint-Lazare. Pois senhores, todo o dia em

«Versalhes, a santa creatura estivera com cuidado na sogra, «cheia de saudades da casa, n'uma ancia de recolher. Nem lhe «soubera bem a visita á mamã! A maior parte da tarde, e uma «tarde tão linda, gastára-a a reunir aquelle esplendido ramo «de cravos amarellos para lhe trazer, a elle!»

—É verdade! Veja o senhor! Este ramo de cravos! Até consola. Olhe que para estas lembrancinhas, para estes carinhos, não ha senão uma franceza. Graças a Deus, posso dizer que acertei! E se tivesse filhos, um só que fosse, um rapaz, não me trocava pelo principe de Galles. Eu não sei se o senhor é casado. Perdôe a confiança. Mas se não é, sempre lhe direi, como digo a todo o mundo:—Case com uma franceza, case com uma franceza!...

Não podia haver nada mais sinceramente grotesco e mais ingenuamente tocante. Como V. não vinha, fugidio Ramalho, dispersamos. Mendibal trepou para um fiacre com o seu extremoso molho de cravos. Eu arrastei os passos, no calor da noite, até ao club. No club encontro Chambray, que V. conhece—o «formoso Chambray». Encontro Chambray no fundo d'uma poltrona, derreado e radiante. Pergunto a Chambray como lhe vai a Vida, que opinião tem n'esse dia da Vida. Chambray declara a Vida uma delicia. E, immediatamente, sem se conter, faz a confidencia que lhe bailava impacientemente no sorriso e no olhar humedecido.

Fôra a Versalhes, com tensão de visitar os Fouquiers. No mesmo compartimento, com elle, ia uma mulher, *une grande et belle femme*. Corpo soberbo de Diana n'um vestido collante do Redfern. Cabellos apartados ao meio, grossos e apaixonados, ondeando sobre a testa curta. Olhos graves. Dous solitarios nas orelhas. Sêr substancial, solido, sem chumaços e sem blagues, bem alimentado, envolto em consideração, superiormente installado na vida.

E, no meio d'esta respeitabilidade physica e social, um geito equivoco de molhar os beiços a cada instante, vivamente, com a ponta da lingua... Chambray pensa comsigo:—«burgueza, trinta annos, sessenta mil francos de renda, temperamento

forte, desapontamentos d'alcova». E apenas o comboyo larga, toma o seu «grande ar Chambray», e dardeja á dama um d'esses olhares que eram outr'ora symbolisados pelas flexas de Cupido. Madame impassivel. Mas, momentos depois, vem d'entre as palpebras um pouco pesadas, direito a Chambray (que vigiava de lado, por traz do *Figaro* aberto), um d'esses raios de luz indagadora que, como os da lanterna de Diogenes, procuram um homem que seja um homem. Ao chegar a Courbevoie, a pretexto de baixar o vidro por causa da poeira, Chambray arrisca uma palavra, atrevidamente timida, sobre o calor de Paris. Ella concede outra, ainda hesitante e vaga, sobre a frescura do campo. Está travada a Ecloga. Em Suresnes, Chambray já se senta na banqueta ao lado d'ella, fumando. Em Sevres, mão de Madame arrebatada por Chambray, mão de Chambray repellida por Madame: — e ambas insensivelmente se entrelaçam. Em Viroflay, proposta brusca de Chambray para darem um passeio por um sitio de Viroflay que só elle conhece, recanto bucolico, de incomparavel doçura, inaccessivel ao burguez. Depois, ás duas horas tomariam o outro trem para Versalhes. E nem a deixa hesitar — arrebata-a moralmente, ou antes physiologicamente, pela simples força da voz quente, dos olhos alegres, de toda a sua pessoa franca e mascula.

Eil-os no campo, com um aroma de seiva em redor, e a primavera e Satanaz conspirando e soprando sobre Madame os seus bafos quentes. Chambray conhece á orla do bosque, junto d'agua, uma tavernola que tem as janellas frescamente encaixilhadas em madresilva. Porque não irão lá almoçar uma caldeirada, regada com vinho branco de Suresnes? Madame na verdade sente uma fomesinha alegre, de ave solta no prado: e Satanaz, dando ao rabo, corre adiante, a propiciar as coisas na tavernola. Acham lá, com effeito, uma installação magistral: quarto fresco e silencioso, meza posta, cortina de cassa ao fundo escondendo e trahindo a alcova. «Em todo o caso que o almoço suba depressa, porque elles têm de partir pelo trem das duas horas» — tal é o brado sincero de Chambray!

Quando chega a caldeirada, Chambray tem uma inspira-

ção genial — despe o casaco, abanca em mangas de camisa. E um rasgo de bohemia e de liberdade, que a encanta, a excita, faz sahir a *garota* que ha quasi sempre no fundo da *matrona*. Atira tambem o chapeu, um chapeu de duzentos francos, para o fundo do quarto, alarga os braços, e tem este grito d'alma:

— *Ah oui, que c'est bon, de se desembêter!*

E depois, como dizem os hespanhoes — *la mar*. O sol, ao despedir-se da terra por esse dia, deixou-os ainda em Viroflay; ainda na tavernola; ainda no quarto; — e outra vez á meza diante d'um *bifsteak* reconfortante, como os acontecimentos pediam muito logicamente.

Versalhes, esquecido! Tratava-se de voltar á estação, para tomar o trem de Paris. Ella aperta devagar as fitas do chapeu, apanha uma das flôres da janella que mette no corpete, fixa um olhar lento em redor pelo quarto e pela alcova, para tudo decorar e retêr — e partem. Na estação, ao saltar para um compartimento differente (por causa da chegada a Paris), Chambray n'um aperto de mão, já apressado e frouxo, supplica-lhe que ao menos lhe diga como se chama. Ella murmura — *Lucie*.

— E é tudo o que sei d'ella, conclue Chambray accendendo o charuto. E sei tambem que é casada porque na *gare* Saint-Lazare, á espera d'ella, e acompanhado por um trintanario serio, de casa burgueza, estava o marido... É um *rastacuero*, côr de chocolate, com uma barbita rala, enorme perola na gravata... Coitado, ficou encantado quando ella lhe deu um grande ramo de cravos amarellos que eu lhe mandára arranjar em Viroflay... Mulher deliciosa. Não ha senão as francezas!

Que diz V. a estas coisas consideraveis, meu bom Ramalho? Eu digo que, em resumo, este nosso Mundo é delicioso e não ha nos espaços outro mais bem organisado. Porque note V. como ao fim d'este domingo de maio, todas estas tres excellentes creaturas, com uma simples jornada a Versalhes, obtiveram um ganho positivo na vida. Chambray passou por um immenso prazer e uma immensa vaidade — os dous unicos resultados que elle conta na existencia como proventos solidos, e valendo o

trabalho de existir. Madame experimentou uma sensação nova ou differente, que a desenervou, a desafogou, lhe permittiu reentrar mais acalmada na monotonia do lar, e ser util aos seus com rediviva applicação. E o Argentino adquiriu outra inesperada e triumphal certeza de quanto era amado e feliz na sua escolha. Tres ditosos, ao fim d'esse dia de primavera e de campo. E se d'aqui resultar um filho (o filho que o Argentino appetece), que herde as qualidades fortes e brilhantemente gaulezas de Chambray, accresce, ao contentamento individual dos tres, um lucro effectivo para a sociedade. Este mundo portanto está superiormente organisado.

Amigo fiel, que fielmente o espera á volta da Hollanda — FRADIQUE.

Eça de Queiroz.

A DICTADURA NO BRAZIL

TRATADOS DIPLOMATICOS E CREDITO FINANCEIRO

O regimen de militarismo dictatorial que no Brazil, como em toda a parte, se apresenta como encarnação da força e da ordem, conduz inevitavelmente ao enfraquecimento nacional e á desorganisação social. Faltam-lhe as duas condições indispensaveis á vida normal dos governos, nos povos civilisados: a liberdade para os cidadãos e a sancção popular para os actos do governo. A dictadura encontra por isso em si mesma o seu castigo e a sua destruição. E não ha depois talento, não ha pureza de intenções que possam salvar um dictador da irrevogavel condemnação a que o vota a consciencia universal.

O governo dictatorial do Brazil está mostrando ao mundo que é hoje impossivel governar um paiz latino sem a liberdade. A dictadura póde conseguir dominar uma nação; mas governal-a, no sentido civilisado da palavra *governo* — isto é, dirigir a mesma nação, facilitando-lhe a realisação efficaz do seu destino — é coisa que a dictadura jámais conseguirá. O governo de um paiz livre e o mesmo paiz são entidades consubstanciadas, indivisiveis: o governo é a nação, a nação é o governo. A nação dominada pela dictadura não encontra jámais n'essa dictadura a sua propria encarnação. A dictadura é o senhor;

a nação é a escrava, tratada com mais ou menos brandura, mas sempre escrava. O que constitue a tyrannia não é a effusão de sangue; é a usurpação do direito. Os brazileiros conheceram até ha pouco, na ordem domestica, o que eram estas relações entre o dominador e o dominado, entre o senhor e o escravo. A sociedade brazileira soffreu, provenientes d'essa escandalosa affronta á justiça, os males que os seus pensadores apontaram, que os seus economistas sommaram, e que os seus poetas choraram. A fatalidade reservava, porém, á geração que viu extinguir-se a escravidão domestica, o espectaculo da escravidão politica.

Temos já visto funccionar este regimen que parecia impossivel no Brazil, attentas as fórmas exteriores de civilisação que o revestiam. Continuamos hoje a acompanhar as differentes phases da estranha transformação que no Brazil se opéra. É esse um dever que se impõe a quem tem a consciencia da solidariedade humana, e a quem sabe quanto as lições da historia são uteis, ou nos venham do Passado, ou se desenrolem, ante nossos olhos, no Presente.

I

A dictadura é o enfraquecimento nacional porque é o regimen em que o poder póde tudo e em que o cidadão nada vale. A certeza de que nada é impossivel a quem tem o mando é a noção mais deprimente e corruptora que um povo póde aprender. Não ha caracter nacional capaz de resistir á acção dissolvente d'esta idéa. A dictadura installada é sempre a mestra do aviltamento, a escóla da delação e da perfidia, a realisação da imagem biblica, — *cadeira de pestilencia.* E a geração creada sob a dictadura esquecerá para sempre os deveres da liberdade.

O poder, nos paizes civilisados, tem a norma inviolavel que é a lei, expressão da vontade geral: o poder nos paizes

barbaros não tem outro limite senão a propria vontade do mesmo poder, que póde ir até onde chegar a paciencia ou a fraqueza passiva dos governados. A lei é a força harmonisadora das sociedades; o arbitrio é o desequilibrio e a contradicção. A lei tem o caracter impessoal, inatacavel que lhe dá a responsabilidade collectiva; a dictadura inaugura entre os povos o fetichismo das pessoas, negação absoluta da liberdade. No Brazil, a dictadura não se tem podido furtar a estas fatalidades da sua natureza.

A leitura dos jornaes d'aquelle paiz é altamente instructiva: e os differentes episodios da sua vida governativa, tão anormal, são proveitosos exemplos. O regimen de longa e livre discussão, tão largamente praticado no paiz durante cincoenta annos, era uma preparação nacional para as leis: hoje, o habitante do Brazil não sabe a transformação que um ministro quiz dar ás leis senão pela surpreza que experimenta, pela manhã, ao lêr nos jornaes um decreto que altera subitamente as mais importantes relações sociaes. E cada dia os factos provam brutalmente que o poder tudo póde. É portanto natural que cresça entre o povo o temor de quem tem um poder tão absoluto; do temor passa-se á lisonja, da lisonja desce-se á sujeição. Os governados aviltam-se. Os governantes abusam.

O regimen republicano que depoz uma dynastia vai insensivelmente creando outra. A auctoridade está, sob muitos pontos de vista, personificada na familia do chefe do Governo Provisorio. Esta estimavel familia, mau grado seu, organisa-se em tribu dominadora. O dia anniversario da esposa do Marechal Deodoro tomou, nos jornaes officiosos, as proporções de um acontecimento nacional. O snr. Deodoro tem muita familia, sobretudo muitos sobrinhos, a quem se attribuem muitos meritos; estes meritos porém nunca foram exaltados pela imprensa que só lh'os descobriu desde que o tio reina. E os sobrinhos do poder executivo e absoluto já não podem contar os seus novos e sinceros admiradores. Os jornaes publicam os retratos dos sobrinhos do Marechal; todos os dias são offerecidos jantares, almoços, manifestações aos sobrinhos do Marechal. Nunca, em

tempo de nenhum Papa, por mais desenvolvido que tivesse o sentimento de familia, foram vistos em Roma mais adulados sobrinhos — *nepoti santissimi*, como lhes chamam os romanos. N'um grande banquete, que durou longas horas, e em que o actor comico Xisto Bahia bebeu á saude do Marechal Pae da Patria [1], numerosos oradores exaltaram minuciosa e enthusiasticamente os meritos individuaes e collectivos da familia do Marechal Fonseca, que, na sua época de sacrificios e glorias no Paraguay, jámais recebeu ovações, como as feitas agora aos drs. majores Hermes, Manoel Hermes, Percilio, e Olympio da Fonseca. Felizmente, a influencia d'esses parentes do dictador não se exerce em mau sentido; a intervenção d'elles, decisiva nos negocios publicos, tem mesmo sido em favor da moderação e da justiça. E a gratidão que lhes devem os que, graças a elles, escapam ás perseguições, é um sentimento que não se tem tambem escondido. O *Jornal do Commercio*, de 1 de fevereiro, noticía que « os empregados e subalternos da secretaria da camara dos deputados, foram, encorporados, agradecer ao dr. Hermes da Fonseca a sua intervenção para que elles ficassem nos seus logares ».

O Marechal Deodoro mais de uma vez tem desfeito injustiças e corrigido disparates. Já n'esse louvavel intuito se viu obrigado a despedir o incorrecto jacobino Aristides Lobo, que espontaneamente se improvisára ministro do interior na confusão de 15 de novembro. Já de outra vez, fez cassar nomeações diplomaticas feitas pelo snr. Quintino Bocayuva que escolhia Ministros para representar o Brazil entre a reportagem necessitada e a bohemia intonsa que cerca aquelle senhor!

Estes actos (e escolhemos d'entre os factos reveladores de boas intenções, praticados pela dictadura) mostram a desordem contradictoria e fatal que está sendo no Brazil o aprendizado nacional da fórma republicana. O snr. Quintino Bocayuva declara que os jornalistas contrarios ao governo incorrerão nas penas de insurreição militar: o snr. Ruy Barbosa, em res-

[1] *Paiz* de 10 de fevereiro.

posta ás criticas feitas a um dos seus decretos bancarios, ameaça os jornalistas com as mesmas penas [1]: no Rio Grande do Sul, o jornalista Koseritz é levado á presença das auctoridades e intimado a não fazer mais opposição ao governo, porque (disse-lhe o chefe de policia) a Republica não podia tolerar a liberdade que havia no tempo do Imperio [2]. É porém mais forte de que tudo isto a boa vontade do Marechal Deodoro; e as penas de insurreição ainda não foram, graças a elle, applicadas a nenhum dos jornalistas que, pouco a pouco, vão creando coragem, passando do silencio á observação respeitosa, da observação á timida censura, sahindo assim do cauteloso retrahimento a que se abrigaram — porque, diz preciosamente o *Jornal do Commercio*, « a liberdade de imprensa é qual a mimosa sensitiva que ao menor toque se retraé », ou « como o limpido crystal que ao mais leve sopro se empana » [3].

1 *Diario de Noticias* de 24 de janeiro.

2 *Paiz* de 20 de fevereiro.

3 No dia 24 de dezembro o redactor da *Tribuna Liberal* teve uma entrevista com o ministro da Republica, o snr. Quintino Bocayuva, e perguntou-lhe se o decreto de 23 de dezembro sobre insurreição militar era applicavel á imprensa. Diz o redactor: « Com a maxima franqueza logo respondeu o snr. Quintino Bocayuva que — *sim*, isto é, *que nas disposições do decreto contra os conspiradores a palavra* ESCRIPTOS *se referia a toda e qualquer publicação pela imprensa.*

« — N'este caso, ponderamos-lhe, o decreto envolve a suppressão da liberdade da imprensa, pois que outra coisa não é arvorar-se o governo em censor do caracter mais ou menos *sedicioso* de um artigo, e mandar que o jornalista seja submettido a uma commissão militar, e summaria e militarmente punido.

« — Não o contesto, disse o cidadão ministro.

« Por ultimo, e para evitar qualquer futuro equivoco, dissemos que iriamos tornar publicas as declarações do snr. ministro.

« — Estão no seu direito fazendo-o, respondeu o snr. Bocayuva.

« Só nos restava recapitular aquellas declarações e em breves termos o fizemos: 1.º que o decreto de 23 de dezembro abrange artigos ou publicações do jornalismo; 2.º que para os jornalistas increpados de sediciosos cessa o fôro civil, e ficam elles sujeitos ás penas de sedição militar, respondendo por seus escriptos a uma commissão de militares; 3.º que diante d'essas resoluções deixou de existir a liberdade da imprensa mórmente para os orgãos politicos. » (*Tribuna Liberal* de 25 de dezembro).

O jornalista retirou-se, e a *Tribuna Liberal* cessou a sua publicação.

Não é difficil avaliar que effeito desmoralisador tem no caracter nacional este regimen de compressão, que intimida, e que dá a liberdade aos bocados, só por méro favor e por generosidade pessoal. Este regimen é para o povo a escóla do servilismo e do rebaixamento. Para o governo é a irresistivel tentação do capricho e da vaidade — quando não seja a tentação do crime. D'ahi vem os fuzilamentos do Maranhão, os tormentos inflingidos aos prisioneiros [1]. D'ahi vem esse tenente que penetra na secretaria de policia do Paraná e, sacando da espada, espanca, a *pranchadas*, o chefe de policia, ficando o criminoso impune, e sendo a victima exonerada a exigencias da officialidade da guarnição [2].

A dictadura, quando não se notabilisa pelo crime, distingue-se pela vaidade. É o governo dando uniformes phantasiosos e theatraes ao exercito; o ministro da marinha ordenando que todos os officiaes tenham os mesmos cordões de ouro dos generaes [3]; o governador do Rio de Janeiro viajando com pompa soberana, precedido de clarins, recebido por uma sociedade musical chamada *Lyra dos conspiradores*, para espantar pelo fausto um paiz acostumado á simplicidade de D. Pedro II [4];

A veracidade das affirmativas do redactor d'aquella folha NÃO FOI CONTESTADA nem pelo *Paiz*, orgão do ministro dos negocios estrangeiros, nem pelo *Diario de Noticias*, orgão do ministro da fazenda, nem pelo *Diario Official*. O Centro Positivista, representado pelo snr. Miguel Lemos, protestou no *Jornal do Commercio* de 26 de dezembro, dizendo — « as declarações do snr. ministro do exterior supprimem de facto a liberdade de imprensa, e a semelhante abuso do poder e a semelhante erro politico só podemos e só devemos oppôr o nosso protesto insuspeito, fazendo votos para que o governo rectifique a interpretação formulada pelo snr. ministro do interior ».

O governo nada respondeu.

1 *Gazeta de Noticias* de 30 de janeiro.

2 Um padre italiano que tinha honras de capellão do exercito tinha sido preso por turbulento e tinha-lhe sido tomado um punhal. O chefe de policia apressou-se em soltar o padre logo que soube das suas honras militares. O tenente foi exigir a restituição do punhal, e por essa occasião espancou o magistrado chefe de policia do Estado. (*Gazeta de Noticias* de 23 e 28 de fevereiro).

3 *Jornal do Commercio* de 1 de fevereiro.

4 *Gazeta do Povo*, de Campos, de 3 de fevereiro.

o ministro da marinha recebendo dos *reporters* navaes da imprensa os bordados da sua farda de almirante e regando com champagne a dadiva [1]; o retrato do snr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda, estampado nos novos bilhetes de banco [2], honra que nenhum paiz sériamente republicano deu a nenhum cidadão vivo, e que nenhum outro estadista ousaria aceitar... Eis-ahi o lado comico da dictadura, — lado comico nunca percebido, ou antes sempre escondido, por uma certa imprensa que amarra systematicamente adjectivos encomiasticos aos nomes dos governantes. O respeito do Americano e do Francez pelo chefe da sua nação não os obriga a dizer mais do que Mr. Harrison, ou Monsieur Carnot; no Brazil, para os *reporters*, os adjectivos de pequena gala são pelo menos *venerando*, *inclito* e *heroico*.

Todas estas vaidades e todas estas exaggerações pertenceriam sómente ao dominio do burlesco se não revelassem um estado politico lastimavel, um verdadeiro retrocesso na dignidade e no decoro dos costumes politicos. Todo o desequilibrio moral é funesto em suas consequencias, embora risivel nas suas fórmas; mas quando revelado por quem governa, é uma verdadeira calamidade nacional. Nos negocios interiores d'uma nação a vaidade, o capricho, a ignorancia e a bohemia são sempre fataes. E que resultado não será o d'esses elementos applicados á solução das questões internacionaes de que tanto dependem a integridade e a honra dos paizes?

Por desgraça do Brazil, a republica militar, apenas inaugurada, quiz dar uma amostra da sua diplomacia. E escolheu a grave questão de limites com a Republica Argentina.

Estudemos os antecedentes da questão, e vejamos o modo pelo qual ella parece ter sido resolvida sob o ponto de vista da honra e do interesse do Brazil.

[1] *Jornal do Commercio* de 11 de fevereiro.

[2] *Gazeta de Noticias* de 20 de janeiro.

II

A monarchia brazileira, que na Republica Argentina foi tantas vezes accusada, pela cegueira popular, de ambição e de espirito dominador, mas que recebeu de homens da estatura de Mitre, de Sarmiento e outros, os mais irrecusaveis attestados de nobre desinteresse, deixou a chamada *Questão de Missões* para ser sujeita á decisão arbitral do presidente dos Estados-Unidos. O governo do Brazil removera pois do horisonte diplomatico da America do Sul a hypothese de uma guerra argentino-brazileira por motivos de limites. A questão historica, diplomatica e geographica, destinada a ter a pacifica solução de arbitragem, tinha sido examinada a fundo por muitos publicistas brazileiros como objecto de grande e ponderado estudo. E o governo do Brazil, conscio do seu direito (que é incontestavel aos olhos de todo o mundo que aprofunde a questão), esperava tranquillo a decisão que, pela elevada imparcialidade do juiz escolhido, não podia ser senão favoravel á causa brazileira.

O Governo Provisorio da Republica não soube e não quiz deixar que o tratado argentino-brazileiro, de 7 de setembro de 1888, produzisse todos os seus effeitos — isto é, não quiz permittir que se realisasse o juizo arbitral.

Porque? Desconfiaria da imparcialidade do arbitro escolhido pela monarchia? Esta supposição é inadmissivel para quem conhece a seriedade do governo livre da grande republica americana.

Duvidaria o Governo Provisorio do direito do Brazil? Seria preciso para admittir esta hypothese suppôr que o Governo Provisorio não tinha a menor noção do litigio. Mas, ainda n'esse caso, não era de simples bom senso, infinitamente preferivel deixar que o Brazil se sujeitasse ás contingencias da decisão arbitral, do que ceder precipitadamente um vasto territorio, abrindo mão de parte, de grande parte, do direito que o Brazil sempre reclamou para si? Se o Governo Provisorio adoptou sinceramente

a designação de — Provisorio — para que esta ancia inexplicavel de resolver a mais delicada questão de honra da nação, a questão da integridade do seu territorio? Mais simples e mais patriotico seria com certeza, ainda no caso de recusa do juizo arbitral já aceito por ambos os paizes, esperar pela constituição definitiva do governo nacional.

Ha porém em todo este extraordinario negocio de Missões, de que a Revista já se occupou no seu numero de Fevereiro, certos lados mysteriosos, indefiniveis, que o tornam uma verdadeira curiosidade diplomatica. A *Prensa*, grande diario de Buenos-Ayres, commentando o inesperado triumpho obtido pelo governo argentino, constatou orgulhosamente: « El Brasil se ha *apresurado* á terminar el arreglo definitivo de sus viejas cuestiones con esta Republica, y ha querido hacerlo *en formas nuevas y extraordinarias* [1].»

Novas e extraordinarias são realmente as fórmas diplomaticas da dictadura brazileira! É novo, por certo, é sem duvida extraordinario, que um governo, por seu gosto e sem a dura pressão da necessidade, tenha humilhado o seu paiz perante o estrangeiro, sacrificado a sua honra, os interesses da sua segurança e a integridade do seu sólo! E este sacrificio foi feito em condições particularmente humilhantes para o Brazil. O negociador brazileiro levou aos ultimos extremos a adulação do amor proprio argentino e o esquecimento da dignidade do seu paiz. Foi do snr. Quintino Bocayuva a idéa de ir ao Rio da Prata o proprio ministro dos negocios estrangeiros do Brazil para alli firmar o tratado. O publico argentino apreciou devidamente a posição de inferioridade em que o Brazil assim voluntariamente se collocou. O orgão officioso do presidente da Republica Argentina não deixou de accentuar o facto: « A vinda de Quintino Bocayuva ao Prata », diz o *Sud America,* « adiantando-se ante o nosso governo, é uma prova muito alta de deferencia que um governo presta a outro. Aos que condemnam a politica da actualidade, em todas as suas faces, como um desastre, insinuando

[1] Editorial de 29 de janeiro de 1890.

abertamente que o governo tem perdido o credito e o prestigio do paiz no exterior, a esses, oppomos este facto, como um desmentido incontestavel [1]. »

Resolvido este acto de quasi subserviencia internacional, o snr. Bocayuva, enthusiasmado, telegraphou ao representante do Brazil em Buenos-Ayres annunciando que ao chegar á Republica Argentina « o seu primeiro abraço seria para dois velhos amigos de sua alma, para Luiz Varella e Carlos Guido, que, mais que nenhuns outros lhe tinham feito amar e admirar as glorias do povo argentino [2]. » A opinião publica argentina, o governo, a imprensa, cantaram victoria; e deram a sua causa por ganha desde que souberam que o tratado ia ser feito pelo snr. Bocayuva, por todos indicado como « o publicista brazileiro mais amigo da Republica Argentina » [3], como « o representante caracterisado da nova politica brazileira, e o antigo amigo da Republica Argentina [4]. » Um jornal lembrou que ha alguns annos o snr. Bocayuva, que « além de habil politico é tambem, *como Racine e Octave Feuillet, um excellente moralista* », fizera n'um theatro do Rio de Janeiro uma conferencia sobre a mulher argentina. Segundo esse jornal, foi ruidoso o effeito d'essa conferencia: — « Quien es este hombre que nos viene a decir novedades tan buenas? » O jornal argentino diz que esta era a pergunta feita a si mesmos pelos aristocratas brazileiros « *acostumbrados a vivir entre las fieras como Nabucodonosor, y que solo a partir de aquel momento conocieron que la virtud no era simplemente una palabra* » [5]. Assim, com desprezo mais ou menos franco fallavam do Brazil os jornaes argentinos, ao occuparem-se do enviado que vinha a caminho de Buenos-Ayres.

Emquanto esta era a linguagem da imprensa platina, no

[1] *Sud America* de 14 de janeiro.
[2] *Sud America* de 16 de janeiro.
[3] Carta do snr. Varella á *Nacion* de 14 de janeiro.
[4] *Prensa* de 29 de janeiro.
[5] *El Diario* de 29 de janeiro.

Rio de Janeiro o ministro democrata mandava fazer grandes obras a bordo do encouraçado *Riachuelo*, para acommodar a sua familia, os seus genros, amigos, *reporters*, que no meio de grande fausto o deviam acompanhar a Buenos-Ayres, formando-lhe um sequito régio — régio não pelo brilhantismo dos personagens, mas pelas grandes sommas que ao thesouro brazileiro custou esta embaixada *rastaquère!* Assim se iniciava a comica e revoltante odysséa, cheia de chato cabotinismo, abundante em disfructaveis incidentes, aliás bem tristes quando se pensa que *aquillo* pretendia representar o Brazil. A viagem custou ao paiz para mais de mil contos de reis: e não foi senão uma successão de actos de inutil adulação aos argentinos por parte do ministro brazileiro, e de mal contidos sarcasmos escapos á sinceridade argentina através do ruido das festas. O Rio de Janeiro assistiu com triste indifferença á partida da estranha expedição; e comprehendeu logo que de tal aventura não sahiriam illesos nem o prestigio nem o interesse do paiz. O povo brazileiro vira muitas vezes modestos e pobres homens de estado partirem para o Rio da Prata, como simples passageiros, em navios mercantes; e sabia que n'essas regiões, luctando contra seculares preconceitos, esses homens fariam prevalecer sempre a influencia do Brazil, preponderar a sua politica, consagrando em tratados a gloria adquirida pelas armas, e creando para a diplomacia brazileira uma legenda de habilidade e de energia. Bem diversos eram esses enviados do Brazil d'este pedantesco passageiro do *Riachuelo!* Os enviados de Roma, que intimaram a Pyrrho a retirada da Italia e que passaram á Africa desafiando Carthago, trajavam lã grosseira e eram pobres: mas iam vestidos de purpura e de sêdas, cobertos de oiro, e em tudo magnificentes, os eunuchos de Byzancio, que iam ás fronteiras levar aos barbaros o duro tributo com que a grandeza romana, ao extinguir-se, comprava a paz ao inimigo!

Em Montevideu, a feição anti-patriotica e espectaculosa do regabofe diplomatico accentuou-se ainda mais. Figurou logo na viagem do snr. Bocayuva o toureador Mazzantini: e a tau-

romachia veio assim ajudar a diplomacia. Assistiam officialmente á tourada o snr. Bocayuva e o plenipotenciario argentino. «Mazzantini offereceu a morte do terceiro touro aos ministros Bocayuva e Zeballos, brindando pela felicidade do Brazil e da Republica Argentina e pela união das republicas sul-americanas.» A espada de Mazzantini impedirá pois a historia de dizer que não se derramou sangue pela questão de limites entre o Brazil e a Republica Argentina. Houve o sangue d'um boi. E não foi pois tão incruentamente, como se affirmou, que esse paiz pelo tratado Bocayuva ganhou sobre o Brazil mais de quinhentas leguas quadradas. O jornal argentino conta ainda que o enviado brazileiro mandou chamar Mazzantini ao seu camarote, e, diante do publico enthusiasmado, desprendeu do collete a custosa cadeia e o relogio de ouro, e entregou essas joias ao toureador. «El doctor Zeballos», continúa o jornal, «quedó muy impresionado por lo del toro y por lo del regalo!» [1]

De outra vez, uma commissão de jornalistas foi levar ao snr. Bocayuva o distinctivo dos membros da imprensa de Montevideu (?). Este distinctivo é trazido, segundo parece, na botoeira da casaca. Um jornal uruguayo conta que a pessoa encarregada de collocar a insignia ao peito do ministro teve de pedir um canivete para abrir a casa do botão, e que o dr. Alonso Criado, que se achava presente, disse, dirigindo-se ao mesmo snr. Q. Bocayuva: «Ojalá sea esta la unica herida que se le infiera al notable republicano fluminense!» [2]

A negociação entabolada em Montevideu teve sempre intermedios d'esta ordem. Emquanto ella durava, em Buenos-Ayres faziam-se preparativos para a recepção. O presidente da Republica Argentina, porém, não julgou dever esperar o extraordinario representante do Brazil; e ostensivamente partiu

[1] Telegramma de Montevideu para *El Diario* de Buenos-Ayres de 27 de janeiro.

[2] *El Diario* de 23 de janeiro.

para a sua casa de campo onde o snr. Bocayuva, que em Buenos-Ayres não encontrou o chefe do Estado, teve de o ir procurar. O jornal officioso do presidente não deixou de consignar o facto com visivel satisfação. Depois de dar o programma das festas preparadas em honra do snr. Quintino Bocayuva, disse a folha officiosa: «El presidente permanecerá en su residencia de campo Las Rosas, sin venir a esta ciudad. Se sabe ya que el dr. Quintino Bocayuva estará solo en Buenos-Ayres hasta el viernes próximo, pasando en seguida á Cordoba, á visitar al Señor Presidente de la Republica.» [1]

Na vespera, outro jornal dizia que o snr. Quintino Bocayuva, como membro do Governo Provisorio que estava organisando o Brazil republicano, fazia bem em visitar a Republica Argentina para «aprender como Sesostris, como Solon, como Licurgo, como Triboniano, etc. etc., viajando por los paises más adelantados en la ciencia del buen gobierno» [2]. Estas vaidosas e disparatadas affirmações eram um prematuro commentario ao discurso pronunciado dias depois pelo snr. Bocayuva que não trepidou em pronunciar estas indecorosas palavras: «La gran revolucion efectuada por el pueblo del Brasil, ha sido sin duda inspirada por el espectaculo de sus pueblos libres vecinos. Vosotros, pues, habeis *prestado vuestra colaboracion al triunfo de la república.* Os lo agradezco y os saludo!» [3]

Poderiamos accrescentar a este exemplo muitos outros que todos serviriam para provar até que ponto chegou o servilismo do snr. Bocayuva.

Na sua soffreguidão de entregar aos argentinos parte do territorio brazileiro, o snr. Bocayuva, em Montevideu, apressou-se em assignar o tratado, sem esperar sequer a chegada áquella cidade do coronel brazileiro Dionysio Cerqueira, membro infor-

[1] *Sud America* de 28 de janeiro.
[2] *El Diario* de 27 de janeiro.
[3] *Nacion* de 30 de janeiro.

mante que tinha explorado o territorio em litigio, e que se achava em viagem de Missiones para Montevideu! [1]

Que extraordinario tratado foi esse, assignado entre os folguedos de uma viagem burlesca, entre actos de indigna leviandade — e depois guardado em tão profundo silencio?

Bastaria registrar a explosão de contentamento do governo argentino, as festas feitas ao enviado brazileiro, os applausos dados aos diplomatas argentinos snrs. Moreno e Zeballos, para um observador concluir que esse tratado foi forçosamente favoravel á Republica Argentina.

O *Paiz*, orgão do snr. Quintino Bocayuva, disse: « Pelo tratado ficam salvas as povoações brazileiras existentes na proximidade da linha de demarcação de fronteira, sendo ao mesmo tempo respeitada a posse dos povoadores que por acaso fiquem de um ou de outro lado da linha. Segundo nos informam, os rios Chopim e Chapecó pertencerão ao Brazil em todo o seu curso e igualmente todo o territorio do municipio de Palmas no Estado do Paraná. »

O *Jornal do Commercio*, de 8 de fevereiro, diz:

« O tratado recentemente assignado em Montevideu, segundo as informações vagas que até agora têm chegado ao conhecimento do publico, procurou resolver a antiga pendencia, dividindo o territorio litigioso em duas partes por meio de uma linha quasi recta, traçada da foz do Chopim no Iguassú até á foz do Chapecó no Uruguay, abrangendo a parte occidental ou argentina *quinhentas leguas*, e a parte oriental ou brazileira trezentas leguas, no dizer da imprensa de Buenos-Ayres. »

[1] «El sábado, ó á más tardar el lunes, firmarán los tratádos de limites. Bocayuva está resuelto á terminar la cuestion sin esperar al coronel M. Cerqueira, miembro informante que ha explorado el terreno en litigio y que está en viaje de Misiones para esta ciudad.» (*Nacion* de 23 de janeiro).

*

CARTA
dos Limites discutidos entre
O BRAZIL
E A REPUBLICA ARGENTINA
Territorio contestado
Parte cedida á Republica Argentina, pelo Snr. G. Berejuava.
Parte conservada pelo Brazil.
ESTADO DE SANTA CATHARINA
ESTADO DO PARANÁ
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
REPUBLICA ARGENTINA
PARAGUAY
TERRITORIO
ESTADO LITIGIOSO
PALMAS
BOA VISTA
Colonia militar do Chopim
Rio Chopim
Rio Iguassú
Rio Iguassú
Rio Pelotas
Rio Uruguay
Rio Paraná
Rio Pepiri Guassú
Rio S.to Antonio
Linha divisoria proposta
Linha media geographica
Fronteira do tratado de 1750 assignalada pelos commissarios hespanhoes e portuguezes em 1759 acceita pela Republica Argentina em 1857, e unica reclamada e reconhecida até hoje pelo Brazil
Oeste 51°6' Greenwich

O mappa do territorio litigioso que juntamos a este artigo mostra bem claramente a extensão e a importancia do territorio que a Republica Brazileira cedeu á Republica Argentina. Não podemos acreditar que o governo brazileiro fosse, pelas ameaças do seu visinho, acuado e obrigado a ceder, segundo disse o *Times*, que affirmou ter sido o governo do Rio de Janeiro *put in a corner*. Esta é todavia a impressão do estrangeiro: e é a versão que os Argentinos tem procurado fazer acreditar na Europa, como já em novembro tinham dito, antes do snr. Bocayuva, que a revolução brazileira era obra d'elles. O mais provavel porém é que esta cessão de um territorio fertil, o estabelecimento d'essa linha de fronteira tão perigosa para a segurança do Brazil, foi um acto de precipitação inconsciente.

Pelo mappa vê-se que o tratado Bocayuva prolongou o territorio argentino pelo interior do Brazil, deu ao exigente visinho do Brazil o curso inteiro do Santo Antonio-Guassú e do Pepery-Guassú, rios sempre considerados fronteira do Brazil, determinados como taes pelo tratado de 1750, assim confirmados pela commissão hispano-portugueza de 1759, e solemnemente aceitos como taes pela Republica Argentina pelo tratado de 14 de dezembro de 1857, que foi sujeito á legislatura argentina, por ella approvado e rectificado pelo Brazil! Este territorio onde os habitantes de Curitiba penetraram desde tempos immemoriaes, onde se tem estabelecido fazendas de cultura e de criações pertencentes a Brazileiros, estas margens do Pepery-Guassú junto ao qual em 1759 os commissarios de Portugal e Hespanha acharam *vestigios de roças attribuidas aos Paulistas*, este territorio foi espontaneamente cedido pelo snr. Bocayuva, entre o ruido das festas de Montevideu e Buenos-Ayres!

Mas a terra do Brazil pouco parece valer para este faustuoso diplomata da democracia brazileira, que gasta mil contos n'uma viagem, distribue relogios de ouro a toureadores, e presentêa com centenares de leguas quadradas do sólo patrio os seus amigos estrangeiros.

O Brazil, conscio do seu direito, nunca procurou impedir o

justo desenvolvimento territorial da Republica Argentina. Por intervenção do Brazil obteve a Argentina na margem direita do Paraguay o Chaco e o mesmo territorio de Missões. E quando o governo de Buenos-Ayres regulou as suas questões de limites com o Chile, em 1881, teria bastado uma palavra do Brazil para impedir que a Republica Argentina ficasse com toda a Patagonia.

Dirão os defensores do snr. Bocayuva que o territorio de Missiones é um territorio deserto e sem valor. Se essa fosse a verdade porque teriam os argentinos envidado, n'estes ultimos annos, tantos esforços para conservar esse territorio? Até ha bem poucos annos todas as cartas argentinas, cartas officiaes, consideravam como limites da Republica os limites do territorio reclamado pelo Brazil por direito proprio que lhe provinha dos tratados e da occupação real. E a esta occupação não se póde dar o caracter de simples incursões de invasores brazileiros. O proprio snr. Quintino Bocayuva, a 25 de janeiro, telegraphou para o seu jornal, o *Paiz:* « O accôrdo de limites foi assignado hoje. Serão salvaguardadas *todas as povoações brazileiras e os direitos de propriedade...* A satisfação é geral. » E devia realmente ser geral a satisfação na Republica Argentina; esse paiz, graças ao snr. Bocayuva, ganhava um territorio que elle *não considerava seu.* É verdade que em 1882 o Congresso argentino decretou a nacionalisação do Territorio de Missões até então pertencente a Corrientes, ahi creou departamentos e lhes assignalou limites ultrapassando as fronteiras brazileiras, e chegou mesmo ao ponto de annunciar que ia ser vendido em lotes parte do territorio que o Brazil considerava seu; mas este acto de audacia gorou, ficou inutil, em vista das energicas reclamações do Brazil.

O territorio de Missões, segundo o tratado do dr. Bocayuva, é uma verdadeira cunha entrando pelo Brazil a dentro. O conhecido escriptor chileno snr. Vicuña Mackenna, tratando da situação da America do Sul, disse uma vez que o Brazil era um animal tendo cravado nas carnes um dardo penetrante, que era o territorio de Missões. O snr. Bocayuva, trazendo

a fronteira argentina mais para dentro do Brazil, enterrou ainda mais esse dardo. Pelo tratado do snr. Bocayuva, o territorio argentino avança para o Brazil tres lados d'um quadrilatero: ao norte o Iguassú, ao sul o Uruguay, ao oriente uma fronteira aberta por onde um ataque é facilimo desde que o caminho de ferro argentino do Noroeste, hoje em construcção, chegue a Missiones, e que os argentinos se aproveitem da navegação do Uruguay e do Iguassú. Com esses meios de transporte, uma concentração de tropas em Missiones é negocio de poucos dias e, pela fronteira aberta pelo snr. Quintino Bocayuva, os argentinos entram de plano no Brazil, invadindo tres Estados, cortando as communicações entre elles, e ferindo em pleno coração o Brazil meridional. O territorio argentino, agora tão avançado para o oriente, difficulta na paz e impossibilita na guerra a communicação entre o resto do Brazil e o Estado do Rio Grande do Sul. Abandonada a fronteira do Santo Antonio e do Pepery-Guassú, unica defensavel, na opinião dos competentes, a Republica Argentina acha-se possuidora e senhora d'um grande pedaço de terra sempre considerada brazileira, e, segundo observa o escriptor o snr. Max Leclerc, do *Journal des Débats*, que ha pouco visitou o Brazil, a provincia do Rio Grande do Sul não se acha mais adherente ao Brazil senão pela estreita facha de terra da provincia de Santa Catharina, que o tratado Bocayuva veio estreitar ainda mais. O Rio Grande, segundo o escriptor francez, é um fructo maduro que todos temem venha a cahir, e o tratado Bocayuva deu-lhe ainda um talho no pedunculo enfraquecido [1].

Vê-se isto claramente n'esta carta territorial do grande paiz americano que tão soberbamente era chamado outr'ora a America Portugueza, e que se estende do norte do Equador até perto da embocadura do Prata, vasta extensão de territorio cercada pelo mar e pelos povos de descendencia hespanhola. Pequenas secções de territorio ao norte mostram as parcellas de sólo que alguns visinhos disputam; e, para o sul, está

1 *Journal des Débats* de 19 de fevereiro.

indicado o ponto fraco, o campo onde a Republica Argentina acaba de ganhar tão assignalada victoria.

Este extraordinario tratado, tão festejado na Republica Argentina, foi recebido no Brazil com a maior desconfiança. Os argentinos chegaram a pasmar diante da attitude tão inesperada da Republica Brazileira: «La sorpresa no podia sernos más

agradable. La nueva republica coronaba con un *hecho maravilloso* el gran suceso del 15 de noviembro. » [1]

Mas foi sobretudo a officialidade do exercito que se impressionou patrioticamente com a idéa de que, estando o Brazil inteiramente sujeito á espada d'um general, e sendo o governo militar, o territorio brazileiro, zelosamente conservado intacto durante sessenta e oito annos de governo civil, fosse cedido em parte quando governa o exercito cuja missão unica é a defeza do sólo da patria. Esta inquietação do exercito era bem natural, porque a historia ha de dizer que o exercito no Brazil era tudo, tudo podia, quando se effectuou uma cessão de territorio brazileiro! O snr. Quintino Bocayuva desapparecerá em breve, perdido na grande perspectiva da historia; mas a responsabilidade do exercito omnipotente, essa, ficará!

Alguns officiaes brazileiros fundaram um jornal, o *Cruzeiro*, e pediram ao Governo Provisorio que revelasse a verdade a respeito do negocio das Missões. Diziam elles:

« Pelas noticias que nos chegam, o nosso territorio está diminuido, a nossa patria amesquinhada, a integridade do sólo esphacelada, as nossas fronteiras descobertas, o Brazil invadido.

« É por isso que emquanto os argentinos batem palmas e fazem festas estrondosas pela conclusão do *tratado*, o espirito brazileiro sente-se acabrunhado e entristecido.

« Em justa impaciencia o sangue patriota referve indignado, esperando que a luz se faça sobre os acontecimentos.

« Pela honra da patria, pelos brios do ministerio, em nome da nação, o povo quer saber ao certo a que proporções se reduz a questão das Missões.

« Se é uma negociação diplomatica, ou uma negociata particular.

« Se é uma questão de honra nacional, ou um arranjo de amigos.

[1] *El Diario* de 8 de janeiro.

« Se é uma concessão de justiça, ou uma entrega clandestina.

« Se é uma politica larga que grangeia amigos, ou uma armadilha que nos trará futuras guerras.

« Se é um tratado de alliança franca entre irmãos de hoje, ou um ajuste secreto entre republicanos de hontem.

« O paiz quer saber se em tudo isto ha luz ou trevas.

« É preciso que o governo falle. Assim o exigem os brios nacionaes e a dignidade do representante brazileiro.»

Depois d'esta intimativa que o patriotismo justifica, era natural que o Governo Provisorio dissesse alguma coisa : — e, effectivamente, um longo artigo do *Diario Official* de 18 de fevereiro informou o publico de que o tratado seria conservado secreto até á installação da Assembléa Constituinte, e que toda a discussão do assumpto era prematura!

D'onde vem reserva tão singular? O Brazil não estava acostumado a este systema. No tempo da monarchia, os seus tratados de limites, de paz, de allianças, foram todos publicados apenas celebrados, e sujeitos á mais ampla discussão. Se o tratado não offende o pundonor brazileiro porque conserval-o secreto? Se a honra, se os interesses do Brazil ficaram sacrificados, para que correu pressuroso o governo a celebrar tal tratado, sem esperar a constituição definitiva do governo nacional?

O liberalismo americano, tão apregoado pelo Governo Provisorio, não é um sentimento compativel com todas estas reservas e artificios, já cahidos em desuso entre as velhas monarchias europeias. A Republica brazileira deve estar bastante consolidada no interior para não temer as explosões d'um descontentamento nacional. Se o povo só tem motivos para rejubilar com o tratado, para que furtar ao povo o conhecimento prompto da felicidade que elle deve ao snr. Bocayuva? Para que adiar as bençãos que a nação tem de lançar sobre a cabeça d'aquelle cidadão, aquella mesma cabeça com que (disse elle n'um discurso em Buenos-Ayres) *ficava garantida* a execução do tratado?

Este silencio do governo, esta sonegação da verdade que a nação tem o direito de saber, é a prova de que nada de bom tem o Brazil a esperar do tratado secreto. O que hoje se sabe d'esse documento é o que d'elle quizeram revelar a imprensa officiosa de Buenos-Ayres, e o proprio snr. Bocayuva por meio do seu jornal *O Paiz*. Estas revelações, decerto muito attenuadas e apresentadas de conformidade com os interesses dos declarantes, só dão, como vimos, uma idéa já bastante precisa da extensão do sacrificio do Brazil. Por ora, fica suspenso o juizo dos brazileiros quanto ás outras clausulas do tratado. O campo está pois livre a todas as supposições: Teria o Governo do Brazil obtido promessa d'uma intervenção argentina em caso de revolta no Rio Grande do Sul? Teria consentido no desapparecimento do Paraguay e na conquista de Montevideu, sonho dourado dos patriotas argentinos? Ou teria apenas lançado as bases d'um novo e verdadeiro *Zollwerein* da tyrannia, obtendo, em troca de igual favor, que aos deportados e banidos do Brazil fosse interdicto o Rio da Prata? Tudo é permittido suppôr n'esse regimen de mysterio com que a Republica brazileira pretende estar praticando a maxima positivista « Viver ás claras ». Tudo é de esperar do systema de oppressão e de irresponsabilidade que essa Republica, seguindo uma politica de éras tyrannicas, inaugura agora no Brazil.

Os jornaes do Rio da Prata e do Rio de Janeiro revelam-nos ainda um lado gravissimo da embaixada do snr. Quintino Bocayuva. « O embaixador brazileiro », diz um telegramma de Buenos-Ayres para o *Jornal do Commercio* de 8 de fevereiro, « submetteu ao presidente da republica um projecto de alliança pacifica entre o Brazil e a Republica Argentina. » N'um dos discursos do snr. Bocayuva em Buenos-Ayres, da janella de um hotel ou d'um palco de theatro, lê-se esta phrase: « Se o sangue brazileiro tiver de misturar-se ao sangue argentino, é porque elle será derramado em commum, em defeza da mesma causa. »

Por aquelle telegramma e por essa declaração vê-se que o Governo Provisorio, por meio do seu representante extraordinario, mostrou a intenção de ligar o Brazil á Republica Argentina n'uma estreita alliança. Não se limitou a ceder o territorio; o governo brazileiro quer ainda que o Brazil vá talvez derramar o sangue de seus filhos e gastar o dinheiro do seu thesouro em favor da Republica Argentina. Uma alliança entre os dous paizes é só em favor da Republica Argentina. O Brazil não tem questões com o Uruguay, nem com o Paraguay, nem com o Perú ou com a Bolivia. Em compensação a Republica Argentina tem no seu futuro probabilidades de grandes luctas.

Com o Chile ella terá, mais dia menos dia, de assignalar positivamente os limites designados em 1881. Pelo tratado chileno-argentino, a fronteira entre os dous paizes passará pelos cumes mais elevados da cordilheira dos Andes, e no sul da Patagonia e na Terra do Fogo será estabelecida por duas linhas astronomicas, uma em latitude e outra em longitude, que não estão ainda assignaladas na sua extensão. Ora a sciencia ainda não determinou quaes os pontos mais elevados dos Andes; mas todos sabem que elles dominam numerosos valles fertilissimos cuja propriedade póde ser duvidosa e terá de ser disputada por ambos os paizes. O sul da Patagonia e a Terra do Fogo, pelas explorações que ahi se têm feito, tambem se annunciam como regiões mineiras de grande futuro. Nos Andes tem havido já sangrentos conflictos entre chilenos e argentinos. O Chile, em violação do seu tratado, fortificou em parte, e está prompto a fortificar ainda mais, o estreito de Magalhães. Ha entre os dous paizes grande antipathia; aos Argentinos doeram immenso as victorias dos Chilenos contra o Perú. Eis-ahi plausiveis motivos para possibilidade de um conflicto entre o Chile e a Republica Argentina. Se vingar a politica do snr. Bocayuva, o Brazil terá, quem sabe se de um momento para outro? de pegar em armas, aguentar nos passes da cordilheira o embate da furia chilena, guiada pela pericia e pela disciplina exemplar dos officiaes chilenos; emquanto a esquadra brazileira terá de guardar as costas da Republica Argentina, ou terá de ir, pelos tempestuosos mares do

sul, ao encontro dos poderosos encouraçados do Chile. A ninguem escapa a noção da injustiça e dos perigos d'esta guerra contra uma nação amiga, que, dispondo de grandes recursos e sendo o governo sul-americano que de mais credito goza na Europa, poderá, graças aos seus admiraveis soldados, fazer valer os seus direitos. O governo chileno não foi indifferente ao que se disse e ao que se fez em Buenos-Ayres. Pela linguagem da imprensa chilena, coincidindo com a retirada do ministro do Chile no Rio de Janeiro, vê-se que aquelle governo intelligente e forte percebeu o perigo — mas não ficou intimidado.

Isto em quanto ao Chile. Pelo lado da Bolivia um conflicto com a Argentina é sempre imminente. Divisões mal traçadas; uma nação mediterranea, privada de communicação directa com o mundo civilisado, aspirando a ter uma sahida; e essa nação tendo por visinho um povo invasor que cresce pela emigração, que desenvolve rapidamente os seus meios de acção — eis sufficientes motivos de guerra.

O Paraguay e o Uruguay, esses tremem naturalmente diante da Republica Argentina. A constante aspiração dos homens publicos d'este paiz, a preoccupação revelada por seus escriptores, é a de formar de novo o antigo vice-reinado de Buenos-Ayres, de crear uma nacionalidade que faça frente ao Brazil e que, crescendo em importancia, deixe sempre o Brazil em posição secundaria no continente. Os dous paizes ameaçados comprehendem o seu perigo; e a sua situação tem estado varias vezes seriamente arriscada.

O que acima dizemos, póde ser resumido d'este modo:

O Brazil não tem questões perigosas a temer desde que se diz resolvida a questão de Missiones;

A Republica Argentina, ainda depois de liquidadas as suas contas com o Brazil, tem diante de si varias probabilidades de guerras;

E, apesar d'isso, a Republica Brazileira vai apressadamente a Buenos-Ayres propôr uma alliança que obrigará talvez o Brazil aos sacrificios e aos riscos de luctas com que elle só tem a perder!

Eis, em breves traços, o que em cinco mezes tem feito a diplomacia da dictadura.

Essa dictadura foi reconhecida pelos paizes americanos, justamente na razão inversa da importancia e da seriedade dos paizes. A ultima nação americana a reconhecer o governo militar foram os Estados-Unidos. A imprensa d'aquelle grande paiz, em que a lei impera, em que a liberdade inspira, em que o povo governa, estranhou a prolongação inutil do arbitrario dictatorial, reprovou as medidas de banimento, as prisões, as deportações, e admirou-se do menospreço em que era tida a representação popular pelo governo que se apoderou do Brazil. A Republica Franceza, pelo orgão do seu ministro dos negocios estrangeiros, declarára na camara franceza que o governo só reconheceria a republica brazileira quando esta estivesse constituida pelos representantes eleitos da nação. E se os Estados-Unidos abriram uma excepção a esta attitude que foi a de todos os grandes estados — é que muito bons motivos para isso tiveram o seu governo e o sagacissimo snr. Blaine, secretario de Estado. O governo americano sempre reconheceu os governos de facto; basta que foi o unico paiz do mundo que reconheceu o despotismo de D. Miguel em Portugal. Mas aqui a razão foi outra. O reconhecimento da republica brazileira só ficou resolvido a 31 de janeiro de 1890. Poucos dias antes, os jornaes norte-americanos publicavam extractos do relatorio approvado pelos representantes do congresso pan-americano reunido em Washington. A maioria dos representantes dos differentes paizes, apesar de algumas reservas, admittira a conveniencia de um ensaio de reciprocidade aduaneira entre os paizes americanos, para preparar, no futuro, o estabelecimento do livre cambio americano. Os representantes do Brazil votaram com a maioria. Os representantes do Chile e da Republica Argentina, esses, separaram-se d'ella ousadamente, e votaram pela repulsa *in limine* de toda a tentativa de accordo que, no fundo, não poderia dar outro resultado senão estabelecer para

sempre a suzerania economica e commercial dos Estados-Unidos sobre toda a America, e romper quasi que totalmente as relações economicas e commerciaes com a Europa. O governo chileno, assim como o governo argentino, sabem que a fraternidade americana é uma bella coisa; mas não se esquecem de que a civilisação lhes vai da Europa, d'onde argentinos e chilenos incessantemente recebem braços e capitaes que não podem dispensar para o seu engrandecimento e riqueza. Os representantes do Brazil em Washington, separaram-se do Chile e da Republica Argentina, dous paizes que acabam de mostrar quanto prezam a sua autonomia, quão forte têm a intuição dos seus destinos: — e com que fim? com o fim de obter dos Estados-Unidos o reconhecimento tardio do Governo Provisorio! Outra triste obra da diplomacia dictatorial.

III

Por mera solidariedade humana, pelo simples exercicio do pensar, a Europa teria o direito de estudar a revolução brazileira, ainda que no Brazil não vivessem tantos milhares de Europeus, ainda que capitaes tão avultados sahidos das economias europeias não estivessem empregados n'aquelle paiz. A nação brazileira, promovendo a emigração europeia para o seu sólo, solicitando periodicamente novos auxilios monetarios da Europa, não póde estranhar que a Europa queira examinar a condição feita a seus filhos, o destino e as garantias do seu dinheiro.

E o que póde a Europa esperar de uma dictadura creada pela revolta de uma classe armada, enthronisada manifestamente pela indisciplina do exercito e da marinha?

A dictadura brazileira nasceu de um *pronunciamiento;* e a longa experiencia de todo este seculo tem mostrado o que são as finanças dos paizes de *pronunciamientos.* Um escriptor define o *pronunciamiento* da seguinte fórma: «O *pronunciamiento* é um estado militar que, quando bem succedido, faz

avançar de um posto todos os militares que n'elle tomam parte.» E não faz mais nada de util.

No Brazil, ainda que os decretos do Governo Provisorio não começassem todos com a fórma: «O generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e pela Armada, etc., etc.»; ainda que o povo não tivesse assistido *bestificado* ao movimento, *puramente militar* [1] — as numerosos promoções publicadas dias depois viriam provar que a revolução do Brazil foi um *pronunciamiento*. O sobresalto dos capitalistas foi por isso naturalissimo; e a experiencia posterior justificou plenamente as apprehensões primitivas.

O credito é a confiança: e não podendo haver confiança n'um regimen de surprezas e de violencias, o credito brazileiro cahiu. A dictadura que no interior destruiu a liberdade, e no exterior humilhou o paiz perante a Republica Argentina, desacreditou o Brazil na Europa financeiramente.

Os capitalistas europeus guardarão triste lembrança da revolução do dia 15! As emprezas brazileiras já quasi lançadas nos mercados da Europa, ficaram indefinidamente adiadas; os emprestimos de duas provincias, emprestimos resolvidos e aceites antes da revolução, fracassaram desastrosamente; e o credito de 150 milhões de francos, aberto em Paris ao governo da monarchia por alguns banqueiros francezes, foi immediatamente cancellado. Porque?

Os capitalistas sabem o que querem. A dictadura fez-lhes promessas; mas a dictadura seguiu uma vida de arbitrio sem limite, caracterisada pelas medidas mais contradictorias, pelo esbanjamento de dinheiro, pelo prurido de legislar e de reformar, pelo systema de sobresaltar os interesses conservadores da sociedade.

A confiança desappareceu, e o descredito foi-se alargando.

Os decretos succedem-se aos decretos; e todos elles exten-

[1] Carta escripta ao *Diario Popular* de S. Paulo, de 17 de novembro, pelo snr. Aristides Lobo, ministro do interior do Governo Provisorio.

sos, escriptos com precipitação revelada na incorrecção da lingua e na confusão do methodo, nada estatuem de duravel e só desacreditam a intelligencia dos novos legisladores brazileiros, tão inferiores aos antigos. Nos decretos bancarios do snr. Ruy Barbosa, que se contradizem e tudo confundem, até ha erros de arithmetica! Ora o capital é cauteloso e prudente. É natural que elle não corra a entregar-se ao snr. Ruy Barbosa, que muito divertiu a Europa financeira com os seus milhões e milhões de contos de papel, subscriptos em quatro horas, conforme esse financeiro da dictadura se apressou em annunciar pelo telegrapho. Os milhões eram phantasticos, e a particularidade das quatro horas inteiramente imaginaria. A verdade é que os milhões do snr. Barbosa não tinham cotação na praça do Rio de Janeiro, e que individuos para quem o jantar é cada dia um difficil problema financeiro (até o servente do escriptorio de advogado do snr. Barbosa!), se apresentaram como subscriptores de milhares de acções.

O credito do Brazil soffre gravemente com estas noticias. O cambio, baixando, diminue os lucros do commercio estrangeiro, e das emprezas industriaes e commerciaes estabelecidas no Brazil com capital estrangeiro. A cotação dos fundos brazileiros baixou consideravelmente; e elles já não são aceites em caução nos bancos europeus, que, sob a garantia d'elles, não abrem sequer uma conta corrente. A depreciação dos fundos do governo brazileiro em Londres sobe certamente a 70:000 mil contos, sete milhões esterlinos perdidos para o capitalista, que assim vê a rapida diminuição do valor da sua propriedade.

A tabella seguinte demonstra a depreciação dos fundos brazileiros:

Emprestimos brazileiros em Londres

Designação dos emprestimos	Importancia primitiva £	Existente £	Cotação anterior a 15 de novembro (Maxima)	Valor total anterior a 15 de novembro £	Cotação posterior a 15 de novembro (Minima)	Valor total posterior a 15 de novembro £	Depreciação £
1863 4 1/2 %	3.855:000	72:800	102	74:256	90	65:520	8:736
1879 Interno e externo (ouro) 4 1/2 %	Mil reis 51.579:000	Mil reis 33.579:500	102 1/4	3.821:066 [1]	81	3.059:931	761:135
Dito 1883 4 1/2 %	£ 4.599:600	£ 4.248:600	103	4.376:058	78 1/4	3.324:530	1.051:528
Dito 1888 4 1/2 %	6.297:300	6.265:900	103 1/4	6.469:541	79	4.950:061	1.519:480
Dito 1889 Interno 4 % [2]	11.250:000	—	—	—	—	—	—
Dito 1889 4 % (Conversão)	20.000:000	20.000:000	90	18.000:000	71 1/4	14.250:000	3.750:000
						Depreciação total e perda para os capitalistas...	£ 7.090:879

Os outros fundos brazileiros, por uma natural dependencia do credito geral do paiz e da desconfiança que o seu governo inspira, baixaram proporcionalmente. Os fundos brazileiros de toda a natureza, cotados na praça de Londres, pelas cotações dos primeiros dias de novembro do anno passado, valiam £ 90.772:046, e pela cotação minima a que chegaram depois do estabelecimento da dictadura vieram a valer apenas £ 75.071:430, isto é, perderam £ 15.700:616, que representam

[1] Moeda brazileira reduzida a libras ao cambio de 27. d.

[2] Não é cotado em Londres.

perto de cento e sessenta mil contos (moeda brazileira) de depreciação, de prejuizo real causado aos capitalistas pelo descredito que ás finanças do Brazil traz a dictadura militar [1].

Crêmos não errar attribuindo essa depreciação sómente á aversão que a dictadura irresponsavel e absoluta inspira a todos os mercados que dispõem de capitaes, e que desejam empregal-os com segurança e vantagem nos paizes estrangeiros. Os recursos materiaes do Brazil não diminuiram depois de 15 de novembro; o sólo fertil não póde ser esterilisado por meio de decretos por mais errados que estes sejam; o trabalho nacional não ficou paralisado; as sementes germinam; as arvores dão fructos; a chuva cae; tudo quanto é preciso para a producção crescente da riqueza continúa a existir, apesar da dictadura; e no entanto dá-se o innegavel e desastroso phenomeno da diminuição do credito brazileiro!

A razão é que o credito é a confiança — e que ninguem confia na dictadura.

IV

No momento em que escrevemos estas linhas lêmos um telegramma do Rio de Janeiro transmittido pela Agencia Havas dizendo que tropas brazileiras, que receberam ordens de partir para o Sul, recusaram obedecer, e que o Governo Provisorio teve de revogar a sua ordem! Este telegramma vai ser decerto desmentido ámanhã pelo Governo Provisorio; mas não será talvez a primeira occasião em que alguem minta desmentindo.

Ora a dictadura, se é logica, não tem o menor direito de estranhar o procedimento da tropa. O ministro da guerra, o snr. Benjamim Constant, não foi, no Brazil, o inventor da theoria de

[1] Por falta de espaço deixamos de publicar o quadro geral da depreciação dos fundos brazileiros em Londres que nos communica o nosso collaborador. Publical-os-hemos em appendice ao numero de abril.

Nota da Direcção.

*

que o exercito tem o direito de desobedecer e até o de mudar o governo? E na pratica não deu elle ao soldado o exemplo de 15 de novembro? O que era licito hontem e até louvavel ha de ser licito hoje e ámanhã. O Governo Provisorio exige dos officiaes solemnes compromissos e palavras de honra que os prendam á disciplina e á obediencia. Mas de que podem valer para o snr. Benjamim Constant todos esses protestos? Não foi elle quem ensinou á mocidade militar o perjurio como uma virtude, aconselhando-a a violar os seus juramentos? A doutrina tem hoje a auctoridade de um mestre; os soldados têm o exemplo dos seus chefes.

O povo brazileiro esse é que não tem que intervir. Excluido do governo, não tem a responsabilidade de coisa alguma. Elle só tem a missão de pagar as despezas. De tempos a tempos ouve algum sarcasmo que lhe atiram os militares e os jacobinos: é o snr. Aristides Lobo dizendo que o povo é um povo bestificado; é o *Paiz*, jornal do snr. Bocayuva, dizendo que a 15 de novembro, o povo applaudiu «porque viu que applaudiam, e depois com a sua apathia arrastou-se até á casa de sua residencia, onde a medo commentou o desmoronamento da monarchia, sem comprehender a estupenda evolução da sua patria» [1]; é finalmente o snr. Benjamim Constant, atirando tambem a sua injuria ao povo. N'um banquete offerecido ao ministro demissionario snr. Demetrio Ribeiro («homenagem, disse o *Paiz*, que se traduziu pelo presunto e pelo vinho Champagne, reunião de amigos em que foram improvisados muitos discursos decorados») [2], o snr. Benjamim Constant tomou a palavra, e depois de affirmar que o exercito não quer a dictadura, disse ao povo: — «O povo que não seja ingrato nem ambicioso; reconheça o bem que se lhe fez e não procure morder a mão que o amparou!» [3] Falla quasi como um Czar este ministro da guerra, o mesmo que foi bastante vai-

[1] *Paiz* de 17 de fevereiro.
[2] *Paiz* de 14 de fevereiro.
[3] *Paiz* de 17 de fevereiro.

doso e bastante ignorante das conveniencias internacionaes para dirigir um telegramma de exhortação republicana ao snr. Latino Coelho, telegramma em que, referindo-se ao exercito da nação brazileira, o snr. Benjamim Constant dizia: O MEU EXERCITO... Mas disse mais n'esse banquete o ministro da guerra: «Não dependo de ninguem, affirmo-o com todo o orgulho da minha pobreza [1]. Não dependo do governo, não dependo do exercito, não dependo da armada, não dependo do povo, porque nada quero para mim. Abàndonarei todas as posições officiaes, todos os proventos que porventura d'ellas possam advir; nada quero da Republica como nada quiz da Monarchia.» [2]

Quem lê esta linguagem parece que está diante da mais pura abnegação. Vejamos:

O snr. Benjamim Constant, que, sendo militar não depende do exercito e sendo brazileiro se colloca acima dos seus compatriotas — disse nada querer da Republica. É falso. Quiz o logar de ministro da guerra com poder absoluto, fazendo parte de um governo dictatorial; quiz um ordenado duplo do que tinham os ministros do Imperador; sendo um militar sedentario, havendo apenas feito nos acampamentos do Paraguay uma apparição incruenta que teve a rapidez mas não o brilho do relampago, o snr. Benjamim Constant quiz logo da Republica uma promoção; e pensam que foi uma promoção regular para o seu posto immediato? Não; o tenente-coronel Benjamim Constant, o mais pacato dos tenentes-coroneis, foi promovido por alguns officiaes, não a coronel, mas a brigadeiro, por occasião da scena da acclamação do generalissimo Deodoro da Fonseca, em que o delirio foi grande bastante para, depois de acclamado um generalissimo, fazer-se ainda um brigadeiro com o resto do enthusiasmo! O snr. Benjamim Constant declarou que não podia

[1] No Brazil, o lance oratorio da pobreza é muito vulgar. A pobreza é quasi uma virtude embora, muitas vezes, n'um paiz novo e de recursos, seja ella apenas uma prova de incapacidade e de preguiça. Devemos, dizer, no entanto, que o snr. Benjamim Constant não está n'esse caso.

[2] *Gazeta de Noticias* de 17 de fevereiro.

recusar. Porque? O snr. ministro perdeu uma bella occasião de se mostrar independente, — uma bella occasião de *não* preterir os coroneis do exercito, seus collegas e subordinados mais antigos, com serviços de guerra, muitos d'elles feridos, e tendo nas batalhas aguentado um fogo mais perigoso que o do enthusiasmo popular ante o qual succumbiram a modestia e a independencia do snr. Benjamim Constant. O que succederia ao snr. ministro se recusasse? Seria assassinado, banido, deportado? Não era provavel. A Republica é o regimen da liberdade: e um cidadão, um ministro, e um ministro tão vangloriosamente independente, não póde ser obrigado a soffrer violencias d'esta ordem. E muito menos deve depois esse ministro peccar contra a logica, estranhando que dous regimentos no Rio Grande do Sul acclamem tambem brigadeiros os seus coroneis.

Disse mais o orador: — «Nada quiz da monarchia!!!...» Da monarchia, e da preferencia quasi pedantesca que o Imperador tinha por todo o homem que entendia ou pretendia entender de sciencia, o snr. Benjamim Constant recebeu os mais assignalados favores, rendosas commissões, etc. Os numerosos empregos que elle accumulava eram, entre outros, o de professor da Escóla Militar, director da Escóla Normal, director do Asylo dos Meninos Cegos, casa em que a monarchia o alojou e onde elle conspirou contra a monarchia, contra o Imperador com quem pedanteava a miudo, e contra a Familia Imperial que, segundo consta, o encarregára até de parte da instrucção dos principes.

É forçoso confessar que este ministro tem um singular systema de nada querer dos regimens politicos que derruba e dos que ajuda a levantar! O que faria o snr. Benjamim Constant se fosse ambicioso? Os antigos militares, ministros da guerra da monarchia, os Caxias, os Osorio, os Porto Alegre, elevados ao cargo de ministros pela confiança do parlamento, esses eram uns ambiciosos vulgares. Ambicionavam com effeito cumprir com fidelidade os seus juramentos e cobrir-se de gloria nos campos de batalha.

Tomando a triste tarefa de escrever na REVISTA os fastos da dictadura brazileira, julgamos prestar um serviço á causa da liberdade tão compromettida no Brazil. Esta causa não póde ser indifferente a nenhum pensador; todos que têm pelo Brazil o grande amor que a patria inspira, todos que n'elle admiravam o desenvolvimento da sua livre civilisação, soffrem naturalmente com o eclipse actual que a liberdade lá soffre.

De resto é forçoso que alguem falle fóra do Brazil — visto que no Brazil ninguem póde fallar. Embora, depois de dois mezes de silencio, o governo tenha feito annunciar no *Diario Official* (23 de fevereiro) que respeitaria a liberdade de imprensa, essa liberdade não póde existir, porque existe a dictadura. Como criticar livremente um poder que se arroga o direito de prender, de deportar, de banir? Como acreditar n'um governo que tantas vezes tem mentido á sua palavra? Não póde o governo, n'esse regimen do arbitrio, n'esse regimen sem lei, mudar de opinião em 24 horas, como já repetidamente tem feito?

E justamente! mal nós acabavamos de exprimir esta duvida, eis que nos annunciam do Brazil pelo telegrapho a publicação d'um Decreto sujeitando de novo aos tribunaes militares quem escrever ou telegraphar noticias e apreciações falsas ou alarmantes a respeito do Governo Provisorio. Ora como o Governo e os seus agentes podem considerar falsas ou alarmantes todas as noticias ou apreciações que lhe não convenham, isto equivale a uma suppressão formal da liberdade de imprensa. Na França republicana, os jornaes monarchicos podem livremente atacar, e atacam, a Republica. Na monarchica Italia, na monarchica Hespanha, no monarchico Portugal, os jornaes republicanos podem abertamente combater, e combatem, a Monarchia. No Brazil o jornalista que ouse insinuar que o snr. Ruy Barbosa não é um grande financeiro, ou o snr. Benjamim Constant um grande guerreiro, terá espalhado *apreciações falsas*, e será mettido n'uma enxovia. Foi o que já succedeu (segundo as noticias de hoje) ao capitão de estado-maior Satur-

nino Cardoso. O Brazil colloca-se assim mais baixo que a Turquia. Os jornalistas que tinham sahido do silencio, arriscando-se até á *observação*, e depois até á *timida censura* — recolherão agora precipitadamente ao silencio, onde ficarão enclausurados, com sentinella á porta. Não restará ao Brazil uma unica voz livre: e a consciencia publica, que durante cincoenta annos se exerceu tão livremente, ficará apavorada e muda sob a coronha d'uma espingarda.

O militar que se entregou de corpo e alma á pequena minoria jacobina que o incitou á revolta, deverá pesar bem as suas responsabilidades perante a Patria, perante a Historia e perante a Civilisação. O momento chegou em que o antigo general Deodoro deve aconselhar em bem da sua terra, e dos homens que são seus irmãos, o Generalissimo-Dictador Deodoro. O seu interesse, como a sua gloria está *em acertar*. E que elle considere onde o vai levando essa bohemia jacobina, que rola de desacerto em desacerto!...

Que elle considere — porque d'elle, só d'elle, depende a restauração que lhe pedem os patriotas brazileiros, a restauração da liberdade, unica que poderá salvar a unidade, o credito, a honra do grande paiz sul-americano.

Frederico de S.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 36, Rue Lafayette; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

NOVAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

GUIA DO VINICULTOR

POR

Antonio X. Pereira Coutinho

1 VOLUME IN-8.º COM 58 GRAVURAS, 1$000 REIS

Com o bem escolhido titulo — *Guia do Vinicultor* — acaba de ser editado pelos snrs. Lugan & Genelioux, dignos successores da Livraria Chardron, do Porto, um pequeno volume palpitante de interesse e actualidade, devido á esclarecidissima e muito auctorisada penna do snr. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, distinctissimo agronomo, socio correspondente da Academia Real das Sciencias, e nosso collega n'esta redacção e no Instituto de agronomia e veterinaria, onde elle é um dos professores mais distinctos.

N'uma exposição simples, clara e precisa, pondo de parte, quanto possivel, termos scientificos, de fórma a ser comprehendido do maior numero, e com a orientação efficaz de um estudo persistente em laboratorio, durante todo o tempo em que regeu com notavel proficiencia a cadeira de Technologia rural, creada pelo nosso patriarcha das sciencias agronomicas, snr. conselheiro Ferreira Lapa, dividiu o auctor a sua obra em duas partes, a primeira das quaes expõe resumidamente as regras geraes do fabríco e tratamento do vinho, e a segunda estuda os vinhos em especial.

O minucioso detalhe e methodo que presidiram á elaboração d'este trabalho, que é, na rigorosa accepção do termo, um valioso guia, cuja acquisição se impõe a todo o vinicultor que se preze, infere-se da simples leitura dos capitulos e artigos em que se desdobra cada parte.

O laureado nome do auctor, cuja competencia é de todos conhecida, poupam-nos a mais largas considerações com aspiração a critica.

Por isso terminaremos dizendo que se a acquisição do livro em questão é uma necessidade pelos varios e uteis esclarecimentos com que vem enriquecido, a modicidade do preço não concorre pouco para a satisfação d'esse *desideratum;* e assim fica sobejamente explicada a grande extracção que a obra tem tido, sendo tão lisonjeiro o acolhimento publico, a um tempo, o testemunho evidente da alta consideração e confiança que o auctor inspira, e a justa retribuição dos bons esforços dos editores, os mais devotados apostolos, em Portugal, da propaganda dos conhecimentos agricolas.

ALVES TÓRGO.

(Do *Agricultor Portuguez*).

NOVAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

PORTUGAL AGRICOLA

PELO

Visconde de Villarinho de S. Romão

1 VOLUME IN-8.º COM 425 paginas, 20 GRAVURAS E 3 MAPPAS COLORIDOS, 1$200 REIS

O snr. visconde de Villarinho de S. Romão, um engenheiro distincto que tem consagrado uma grande parte da sua actividade ao estudo theorico e pratico das questões agricolas, acaba de publicar um importantissimo trabalho em que condensa os resultados das suas lucubrações sobre a agricultura portugueza, que por tantos titulos deve interessar a opinião publica e os governos.

É um trabalho d'alto valor e grande alcance o do talentoso e sympathico escriptor, que revela no seu livro, a par de um conhecimento perfeito do assunto, qualidades de expositor claro, nitido e preciso, que não são frequentes em livros de caracter especial e technico, como este.

Aqui se acham tratadas as questões fundamentaes da agricultura portugueza, sob os seus multiplos aspectos e á luz dos principios da sciencia moderna.

O snr. visconde de Villarinho reconhece com as mais indisputaveis auctoridades, como Thouin e Wildik, que o nosso paiz é particularmente fadado para que n'elle progridam vantajosamente todos os ramos da economia rural, o que é em parte explicavel pela complexidade da estructura do sólo, que tem representadas quasi todas as formações geologicas.

O livro do snr. visconde de Villarinho contém uma série de monographias sobre os differentes generos de cultura (plantas oleaginosas, textis, forragineas, tintoriaes, hortenses, industriaes, adubos, cultura florestal, etc.).

São especialmente dignos de attenção pela sua opportunidade os capitulos consagrados á vinha, ao tabaco e á arboricultura.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

Portugal Agricola. — É este o titulo de um interessante volume que acaba de ser publicado pelo nosso illustrado collaborador, o snr. visconde de Villarinho de S. Romão.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido e recommendamos aos agricultores portuguezes a leitura da nova obra do illustre engenheiro.

Os eruditos não encontrarão no *Portugal Agricola* novidades scientificas, mas os praticos aprenderão n'elle indicações uteis, regras dadas pela experiencia e conselhos prudentes dignos de serem aproveitados.

Assim é que o snr. visconde de Villarinho, fundando-se em trabalhos dispersos, nos dá uma idéa dos terrenos, climas e zonas agricolas do paiz; passa em revista differentes plantas agricolas e industriaes mais cultivadas, dedicando a cada uma capitulo especial; occupa-se com certa largueza do importante assumpto da estrumação das terras, apontando numerosas formulas de adubos chimicos para cada cultura; dedica uma grande parte do seu trabalho á cultura da vinha, aos modernos processos de grangeio, aos meios de defeza contra os flagellos, e particularmente ás cepas americanas, que a acommettem; e termina por uma synonymia viticola de bastante valor pratico.

A impressão que recebemos da leitura do *Portugal Agricola* foi assás lisongeira, e crêmos que os praticos encontrarão n'este livro indicações de manifesta utilidade; por isso, recommendamos o novo volume aos nossos leitores.

São tão raras as obras agricolas de auctores portuguezes, que nunca são de mais os louvores que se dirigirem ao nosso distincto amigo, o snr. visconde de Villarinho de S. Romão, pelo tempo que dedica ás questões agricolas.

Ainda bem que assim perpetúa a memoria de Girão, um dos seus antepassados, notabilissimo escriptor agricola portuguez.

(Da *Vinha Portugueza*).

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros*. Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes, Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia* e *Linguas orientaes*. — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.

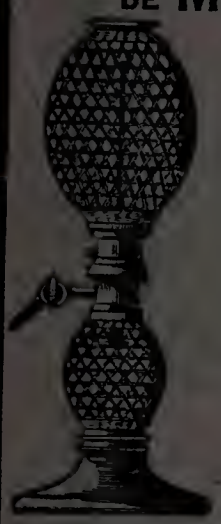
Medalha de Ouro, Exposição de Paris 1878

APPARELHO GAZOGENEO BRIET

Privilegiado s. g. d. g.

DE MONDOLLOT

Unico approvado pela Academia de Medicina e admittido nos Hospitaes de Paris.



Com o apparelho GAZOGENEO-BRIET, hoje tão conhecido, qualquer pessoa pode preparar instantaneamente e com um gasto mui pequeno, uma excellente AGUA DE SELTZ e outras varias *bebidas gazosas*, como sejão as de *Vichy, Soda, Limonada gazosa, Vinho espumoso*, etc.

O GAZOGENEO-BRIET se vende em todas as bôas drogarias e nas bôas casas que vendem artigos de Paris.

Exigir a marca de fabrica : GAZOGÈNE BRIET

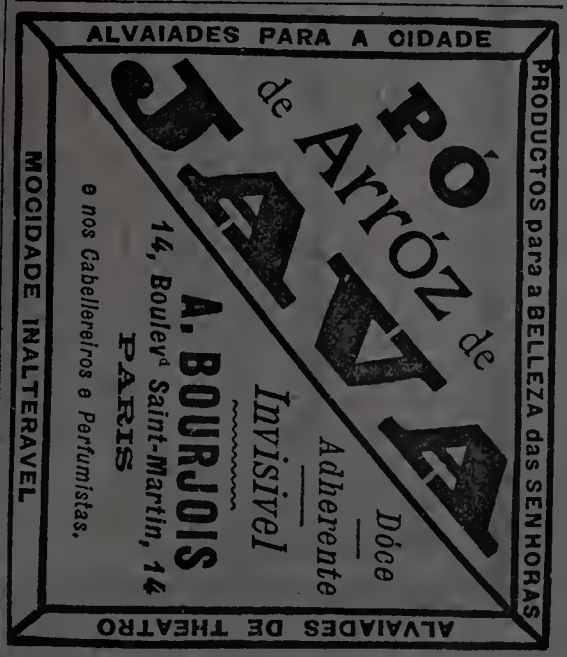
Fabrica em PARIS, 72, rua du Château-d'Eau.

Depositos nas principaes Pharmacias e Drogarias.

DAVID DE CASTRO

CARTEIRA DE SATAN, 1 volume 800 reis

PRODIGIO NAS SALAS, 1 volume 600 reis



LINIMENTO GÉNEAU

Para os Cavallos

Empregado com o maior exito nas cavalhariças reaes de SS. MM. o Imperador do Brazil, o Rei da Belgica, o Rei dos Paizes-Baixos e o Rei da Saxonia.

Suppressão do Fogo e da Queda do Pello

MARCA DE FABRICA

35 Annos de Exito

SEM RIVAL

Só este precioso ***Topico*** é o unico que substitue o ***Caustico*** e cura radicalmente em poucos dias as **manqueiras** novas e antigas, as **Torceduras, Contusões, Tumores e Inchações das pernas, Esparavão, Sobre-Cannas, Fraqueza e Engorgitamento** das *pernas* dos potros, etc., sem occasionar nenhuma *chaga*, nem *queda do pello* mesmo durante o tratamento.

Os resultados extraordinarios que tem obtido nas diversas **Affecções do Peito**, os **Catarrhos, Bronchitis, Molestias da Garganta, Ophtalmia**, etc., não dão logar á concurrencia.

*A **cura** faz-se com a mão em **3 minutos**, sem dor e sem cortar, nem raspar o pello.*

Deposito em Paris : Pharmacia GÉNEAU, rua St-Honoré, 275, e em todas as Pharmacias.

VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO

VIDEIRAS AMERICANAS

UM FOLHETO COM 2 PHOTOTYPIAS, 200 REIS

Á venda na Livraria Chardron de Lugan & Genelioux, editores — Porto

NÃO HA MAIS DÔRES DE DENTES!

Por meio do emprego dos

Elixir, Pó e Pasta dentifricios

DOS

RR. PP. BENEDICTINOS

da ABBADIA de SOULAC (Gironde)

DOM MAGUELONNE, Prior

2 Medalhas de Ouro: Bruxellas 1880 — Londres 1884

AS MAIS ELEVADAS RECOMPENSAS

INVENTADO NO ANNO 1373 Pelo Prior Pierre BOURSAUD

« O uso quotidiano do **Elixir Dentifricio** dos **RR. PP. Benedictinos**, com dose de algumas gottas com agua, prevem e cura a carie dos dentes, embranqueceos, fortalecendo e tornando as gengivas perfeitamente sadias.

« Prestámos um verdadeiro serviço, assignalando aos nossos leitores este antigo e utilissimo preparado, o **melhor curativo** e **o unico preservativo** contra as **Affecções dentarias.** »

Agente Geral: SEGUIN BORDEAUX

Acha-se em todas as Perfumarias, Pharmacias e Drogarias do mundo inteiro.

1290 SOLUÇÃO e CAPSULAS

DE ANTIPYRINA do Dr CLIN

Laureado pela Faculdade de Medicina de Pariz.— Premio Montyon.

O Melhor Remedio contra a Enxaqueca.

A **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin** possue uma poderosa acção para acalmar as dôres de : *Lumbagos, Torticolis, Nevralgias, Sciatica, Menstruação difficil, Colicas violentas* e os *Accessos de Gota e de Rheumatismo.*

« **A Antipyrina pode ser considerada scientificamente como o medicamento mais poderoso contra a dôr.** »

(Academia das Sciencias, Sessão de 18 de Abril de 1887).

Dose : Tome-se cada dia de 2 á 4 colhères da **Verdadeira Solução de Antipyrina do Dor Clin.**

NOTA. — As **Capsulas de Antipyrina do Dor Clin** são destinadas as pessoas que não podem tomar a Solução.

Casa CLIN & Cia em Pariz, e PHARMACIAS.

José Alves Castilho

O orador popular. Cartonado..... 1$200

Luiz Augusto Rebello da Silva

A mocidade de D. João V. Terceira edição. 3 vol..... 1$500

Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro

Musa das escólas. Collecção de poesias de poetas brazileiros e portuguezes do seculo XIX. Acompanhada de notas explicativas do texto..... 700

Paulo de Kock

A familia Gógó. 2 vol..... 800
O homem da natureza e o homem civilisado..... 600

Raphael Coelho Machado

Diccionario musical. Contendo: 1.º Todos os vocabulos e phrases da escripturação musical; 2.º Todos os termos technicos da musica, desde a sua maior antiguidade; 3.º Uma taboa com todas as abreviaturas usadas na escripturação musical; suas palavras correspondentes; 4.º A etymologia dos termos menos vulgares e os synonymos em geral. Cartonado..... 2$500

* * *

O secretario brazileiro. Contendo 306 modelos de cartas sobre todos os assumptos e um formulario de requerimentos e memoriaes. Cartonado..... 1$200

Silverio Gomes Pimenta

A pratica da confissão ou instrucção completa de quanto é necessario ao christão saber para se confessar bem. Obra utilissima a todas as pessoas. Encadernado... 1$200

Smiles

Vida e trabalho..... 1$200

Sylvio Roméro

Cantos populares do Brazil. 2 vol..... 1$400
Com uma bonita cartonagem ..... 1$800
Contos populares do Brazil..... 700
Com uma bonita cartonagem..... 900

Theophilo Braga

Curso de historia da litteratura portugueza..... 1$500
Miragens seculares. Com uma bonita cartonagem..... 1$000

Thomaz Mendes Norton

Études sur les œuvres d'art de Raphael Sanzio d'Urbino au monastère de Refojos do Lima. Traduit du portugais par Louis Carlo nan Capdeville. Cart. en toile..... 3$600

Thomaz Ribeiro

Carta de alforria. Epistola de parabens a S. M. o senhor D. Pedro d'Alcantara por ter obtido generosamente do Brazil o seu diploma de liberto..... 200

Dr. Urias A. da Silveira

Therapeutica brazileira, ou o thesouro do medico pratico. 2 vol..... 8$000

Visconde de Villarinho de S. Romão

Portugal agricola. Com 20 gravuras e 3 mappas coloridos..... 1$200
Videiras americanas. Com 2 phototypias..... 200

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso.	**500** reis
Pelo correio.	**540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *e em todas as livrarias de Portugal. Agentes: em Paris,* ***Amedée Prince & Cie****, 36, Rue Lafayette, 36; em Londres,* ***Amedée Prince & Cie****, 10, Coleman Street, 10; e em Leipzig,* ***Karl W. Hiersemann****, 2, Königsstrasse, 2.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70